este cabeçalho pode valer-lhe mais de mil contos

Diário de Lisboa

Edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO — DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 11 DE FEVEREIRO DE 1971 — N.º 17 292 — ANO 50.º — PREÇO 1$50

TAPETES
CARPETES
Carpelio
UM PRODUTO DA
CARPELIO MALHAS, S.A.R.L. - TROFA
DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO
ELIO AMORIM & FILHO, LDA.

Sofia Loren: tão protegida como um chefe de Estado

ROMA, 11 — (F. P.) — Doravante, Sofia Loren estará tão bem protegida como um chefe de Estado. Com efeito, terminaram as obras de reforço da segurança da sua vivenda de Marino onde ela vive com Carlo Ponti e o pequeno Cipi, reforço que consiste essencialmente num sistema inviolável de fecho das portas, combinado com «olhos» que permitem ver quem quiser entrar. Por outro lado, foram colocadas diante das janelas grades de ferro e guardas armados rondarão a propriedade dia e noite.

Vê-se bem que Sofia Loren passou a ter grande medo dos ladrões desde o assalto de que foi vítima em Outubro, no Waldorf Astoria, de Nova York. A actriz receia sobretudo que os gatunos tentem roubar-lhe as suas preciosas jóias. E tem razão, pois, em Janeiro, larápios tiveram artes de se introduzirem na sua casa e, se não lhe levaram jóias, acarretaram com dois quadros da bela colecção de Carlo Ponti, em que figuram obras de Canaletto, Renoir e Morandi. Além disso, a vivenda está construída sobre catacumbas onde existem frescos e mosaicos de valor incalculável.

Porém, não são só as jóias que Sofia quer proteger. Ela vive obsecada pelo receio de lhe raptarem seu filho Carlo Jr., o pequeno Cipi, que tem agora 3 anos. Parece que nos ultimos dias recebeu cartas com ameaças.

RECEIA-SE UM NOVO SISMO EM LOS ANGELES

LOS ANGELES, 11 — (R.) — Cerca de 80 000 pessoas evacuadas do Vale de San Fernando, a jusante da barragem Van Norman, por ela ter estalado na terça-feira, devido ao abalo de terra, foram avisadas que não poderão regressar a suas casas hoje, porque se receia um sismo de forte intensidade na região.

Abalos secundários continuam a sentir-se em Los Angeles e mantêm a população em sobressalto. O dr. Earl Richter, o inventor da escala sismológica que tem o seu nome, conferenciou com o «mayor» Sam Yorty e disse-lhe que existem probabilidades de se registar ainda outro abalo forte, pelo que é necessário continuar a tomar todas as medidas de precaução possíveis.

CINQUENTA MORTOS

LOS ANGELES (Califórnia), 11 — (F. P.) — Elevava-se ontem á noite a 50 o número de vítimas do tremor de terra em Los Angeles. Trinta e duas pessoas perderam a vida no desmoronamento do hospital para os antigos combatentes, de Sylmar. As pesquisas para encontrar umas doze pessoas que se julga estarem ainda sob os escombros continuaram, mas as esperanças de que haja sobreviventes são poucas.

A barragem Van Norman, danificada pelo sismo, continua a aguentar-se. No entanto, os 80 000 habitantes do Vale de San Fernando, que vivem perto deste reservatório, não poderão voltar a

(Continua na 18.ª página)

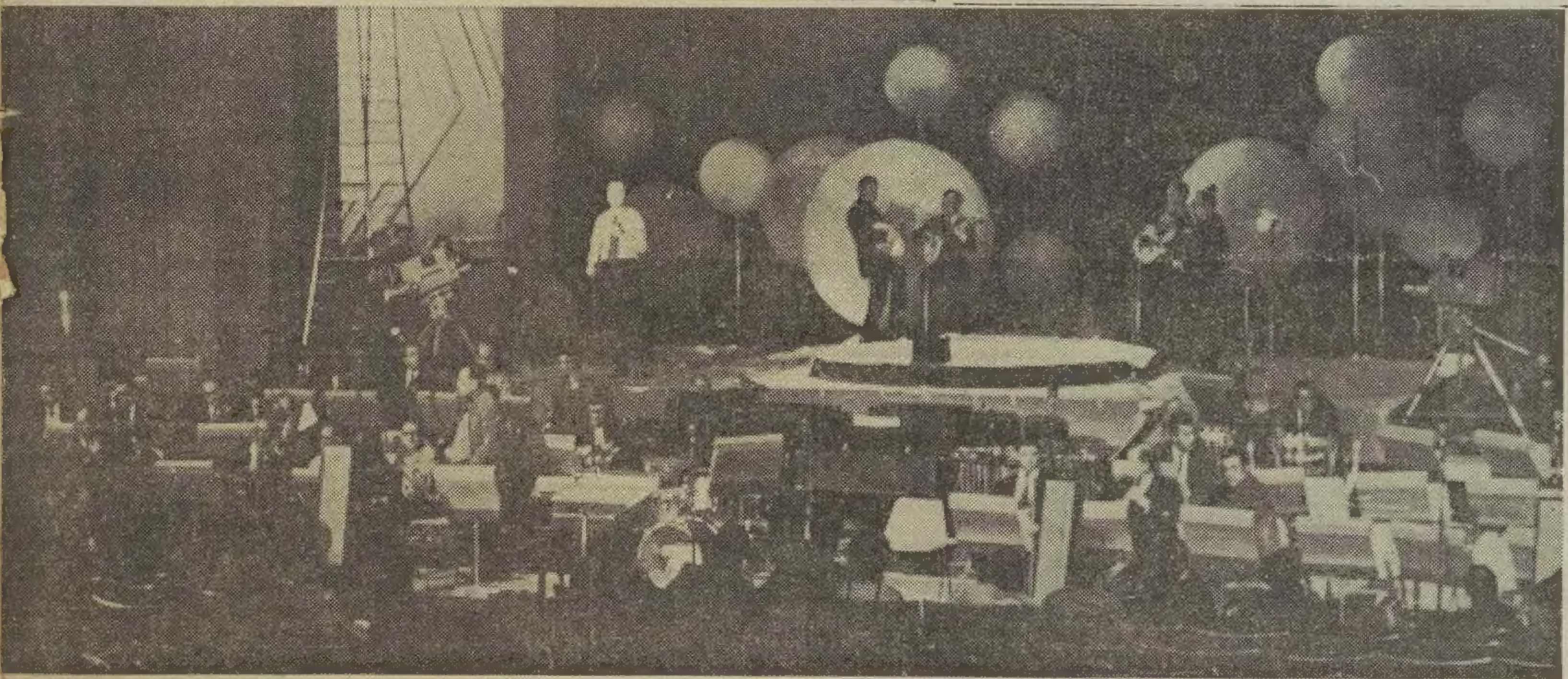
BOM TEMPO POR MAIS UNS DIAS

Segundo o Serviço Meteorológico Nacional, é a seguinte a antevisão das condições meteorológicas para a próxima quinzena:

De hoje a 18, a norte do rio Douro, céu geralmente muito nublado, vento fraco e possibilidade de aguaceiros; a sul do mesmo rio, céu geralmente pouco nublado, vento fraco predominando do quadrante norte e condições favoráveis á ocorrência de neblina matinal.

De 19 a 25, agravamento progressivo do estado do tempo, com periodos de céu muito nublado, vento fraco a moderado do quadrante Oeste, aguaceiros ou periodos de chuva.

Em todo o periodo temperatura média do ar próxima dos valores normais na época.



Para a música ligeira portuguesa há sempre, em cada ano, um dia de esperança. Em 1971 calhou a 11 de Fevereiro: hoje, portanto. Dois milhões de pessoas (calcula-se) vão espreitar os receptores de TV e ver como surgem, no palco do Tivoli, os intérpretes do Festival de melodias cá da casa. Na página oito nós contamos como eles vão vestidos.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS (LER NA PÁG. 17)

O QUE É UM ESCRITOR MALDITO ?

Leia a resposta de Luís Pacheco no «Suplemento Literário» que hoje publicamos

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

A FACILIDADE DE PARTICIPAR

JÁ AFIRMÁMOS repetidas vezes que nunca os leitores do nosso Jornal tiveram a possibilidade de se habilitar a tão valiosos prémios como estes que foram instituídos para a iniciativa com que se abre o ciclo comemorativo do cinquentenário do «Diário de Lisboa». O primeiro prémio é, efectivamente, o maior de sempre da história da Imprensa portuguesa: um magnífico andar em Miraflores (com mobiliário Gibo) e um luxuoso automóvel «Mercedes-Benz-220». Este prémio, de valor superior a mil contos, é o primeiro de uma lista cuidadosamente elaborada para pôr ao alcance dos leitores deste Jornal prémios caracterizados pelo valor e pela utilidade prática.

Já afirmámos, igualmente, que a simplicidade define

(Cont. na pág. seguinte)

HOJE 32 PÁGS.—VISADO PELA CENSURA

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

(Continuação da pág. anterior)

esta iniciativa do «Diário de Lisboa». Efectivamente, para participar, basta ser leitor do nosso Jornal, enviando para os nossos serviços, depois de devidamente preenchido, o cupão-duplo de identificação, que diàriamente publicamos. Claro que esse cupão-duplo de identificação será enviado apenas uma vez e é esse documento que fará integrar quem o envia no número de leitores do «Diário de Lisboa». Depois de numerados e ordenados os cupões-duplos de identificação será enviado a cada participante o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa», com o número que o habilitará ao sorteio. Esses cartões começarão a ser enviados dentro de alguns dias e, como temos referido, só têm, de facto, validade desde que possuam o selo branco da Renascença Gráfica, empresa proprietária do nosso jornal.

Esse cartão identificará, naturalmente, o leitor do «Diário de Lisboa». Mas não bastará exibi-lo para receber o prémio a que, porventura, terá direito no sorteio. Para o receber, o participante terá de provar ser leitor habitual do «Diário de Lisboa», exibindo a colecção de «cabeçalhos» do nosso jornal, publicados entre 2 de Janeiro e 31 de Março.

Não pode dizer-se que seja difícil ou complicada a forma de participar na iniciativa. Pode afirmar-se é que vale a pena fazê-lo como, certamente, todos terão oportunidade de verificar, através da análise da lista dos valiosos e aliciantes prémios.

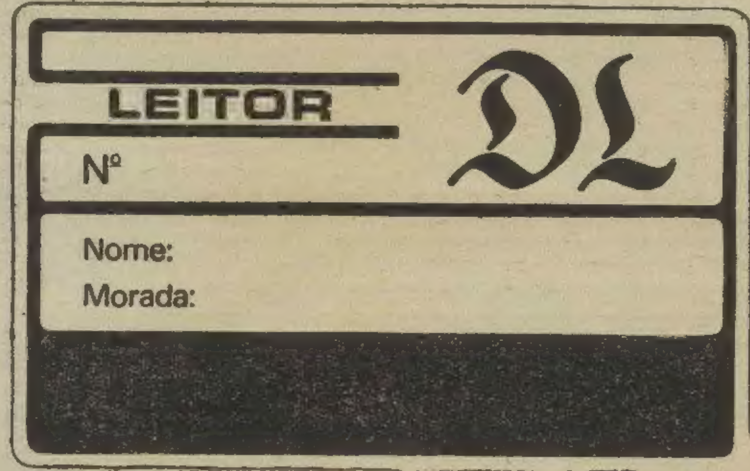
REGULAMENTO

- a iniciativa é aberta a todos os leitores do «Diário de Lisboa» residentes no continente.
- O leitor deverá recortar e preencher o cupão-duplo que estamos a publicar e onde deverá inscrever o seu nome e morada, a localidade onde reside e, facultativamente, a profissão e o número do telefone e ainda a tabacaria ou o vendedor a quem adquire o «Diário de Lisboa».
- preenchido o cupão-duplo este deverá ser remetido para a Rua Castilho, 185-1.º-Lisboa-1 acompanhado de um selo de 1$00 se pretender que o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» lhe seja devolvido pelo correio.
- se o leitor pretender que lhe seja entregue pessoalmente, nos serviços do «Diário de Lisboa» o seu cartão de identificação não juntará ao cupão-duplo o selo de 1$00, que se destina, lògicamente, a despesas de correio.
- recebido o cupão-duplo, os leitores ficarão classificados por ordem numérica e alfabética. O cartão de identidade receberá o mesmo número do cartão-duplo.
- o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» permite-lhe ficar habilitado a qualquer dos prémios já instituídos e ainda a benefícios de outras iniciativas a promover.
- o leitor do «Diário de Lisboa, para poder receber o prémio que lhe for atribuído em sorteio terá de provar ser leitor habitual, demonstrando possuir na sua residência o número de «cabeçalhos» (*) do «Diário de Lisboa» correspondentes aos dias de publicação compreendidos entre 2 de Janeiro e 31 de Março de 1971. É permitida uma margem de faltas de cinco exemplares por mês.

(*) Por «cabeçalhos» entende-se apenas a parte da 1.ª página do jornal donde consta o nome deste e a data da publicação.

AS FIRMAS E MARCAS QUE COLABORAM NA INICIATIVA

Soficosa — Soc. de Financiamentos Imobiliários e de Construções, Lda. — Av. Principal de Miraflores — Algés	— andar em Miraflores
C. Santos — Comércio e Indústria, SARL — Av. da Liberdade, 35 — Lisboa	— automóvel «Mercedes-Benz 220»
Gibo Portuguesa — Rua Pascoal de Melo, 7-1.º — Lisboa	— mobiliário Gibo
Soc. Electro-Mecânica de Automóveis, Lda. — Rua Nova de S. Mamede, 30 — Lisboa	— automóvel «Rebel-700»
Fiat Portuguesa S. A. R. L. — Av. Eng.º Duarte Pacheco, 15 — Lisboa	— automóveis «Fiat-600-D»
Marcampo — Av. Almirante Gago Coutinho, 56-D — Lisboa	— roulotte Sprite-Cadet
José Olaio & C.ª (Filho) — Rua da Atalaia, 36 — Lisboa	— mobiliário «Olaio»
Philips Portuguesa — S. A. R. L. — Av. Eng.º Duarte Pacheco, 6 — Lisboa	— gravadores, frigoríficos, gira-discos, rádios portáteis, máquinas de barbear, secadores de cabelo, lotes de discos «Philips»
Oliva — Indústrias Metalúrgicas, S. A. R. L. — S. João da Madeira	— máquina de costura «Oliva»
Boneville Oliveira — Rua de Camões, 310 — Porto	— exaustores de cozinha, secadores de roupa, placa de gás, «rechaud» eléctrico «Bahco»
Simel — Beco do Casal — Lisboa	— pneus «Semperit»
Representações Idris Karim — Av. do Brasil, 134-1.º-esq. — Lisboa	— isqueiros «Maruman» e confecções «Karim-Sola»
Vilarinho & Moura, Lda. — R. Comercial Quelhas Lima — S. Mamede de Infesta	— bicicletas «Vilar»
Pereira & C.ª (Irmãos) — Av. da Liberdade, 67 — Lisboa	— buzinas «Mixo»
Macieira & C.ª, Lda. — Rua Ivens, 45 — Lisboa	— aguardente «Macieira» (cinco estrelas)
Jorge Lima e Alcino — Rua Gonçalo Cristóvão, 124 — Lisboa	— cabeleiras postiças para senhora
J. Cândido da Silva — Rua de D. Luís, 12 — Porto	— vinho «Alvarinho»



A gravura reproduz o cartão de Leitor do «Diário de Lisboa» que dentro de dias começará a ser enviado aos participantes na iniciativa, com o número que os habilitará ao sorteio

IMPORTANTE: VALIDADE DO CARTÃO PRAZO PARA ENTREGA DOS CUPÕES

OS CARTÕES DE «LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA», QUE VÃO COMEÇAR A SER ENVIADOS DENTRO DE DIAS, SÓ TERÃO VALIDADE DESDE QUE LEVEM O SELO BRANCO DA RENASCENÇA GRÁFICA, EMPRESA PROPRIETÁRIA DO NOSSO JORNAL. O PRAZO DE RECEPÇÃO DOS CUPÕES-DUPLOS DE IDENTIFICAÇÃO (FEITA PELO CORREIO OU ENTREGUE PESSOALMENTE NOS NOSSOS SERVIÇOS) TERMINA, IMPRETERIVELMENTE NO DIA 25 DE MARÇO, EM OBEDIÊNCIA AO REGULAMENTO QUE CONTINUAMOS A PUBLICAR DIÀRIAMENTE PARA COMPLETA ELUCIDAÇÃO DOS NOSSOS LEITORES

ESTES SÃO OS CUPÕES QUE O LEITOR TERÁ DE ENVIAR UMA SÓ VEZ

RECORTE E ENVIE AO «DIÁRIO DE LISBOA»

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA" n.º ______ (a)

nome ______
morada ______
localidade ______
______ telefone (b) ______
profissão (b) ______

(b) Tabacaria, ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

______

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

RECORTE E ENVIE AO «DIÁRIO DE LISBOA»

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA" n.º ______ (a)

nome ______
morada ______
localidade ______
______ telefone (b) ______
profissão (b) ______

(b) Tabacaria, ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

______

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

SÃO ESTES OS DOIS CUPÕES IDENTIFICADORES QUE CADA LEITOR DO NOSSO JORNAL TERÁ DE PREENCHER PARA SE HABILITAR AOS PRÉMIOS INSTITUÍDOS. NO CASO DE PRETENDER RECEBER PELO CORREIO O CARTÃO DE IDENTIDADE DE LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA», DEVERÁ JUNTAR UM SELO DE 1$00

MOMENTO CRUCIAL DA EXISTÊNCIA DAS GUERRILHAS PALESTINIANAS

BEIRUTE — O movimento palestiniano de guerrilha, ferido por amargos dissensões internas e por intensas pressões do Egipto, Jordânia e Israel, está empenhado numa luta pela sua sobrevivência como uma força paramilitar.

Por JESSE W. LEWIS JR.

Exclusivo «The Washington Post»-«D. L.»

— O movimento de guerrilhas está num ponto crucial de viragem — declara um profundo conhecedor das questões do Médio Oriente. Ou desiste do seu objectivo (de usar a força para estabelecer uma Palestina multiracial no território de Israel) ou vai para a clandestinidade. Se se der a primeira hipótese, deixa de ser um grupo de da alternativa arrisca-se á extinção pela força.

O que quer que aconteça ao movimento de guerrilhas terá um efeito imediato e de grande alcance nas conversações de paz do Médio Oriente. Por exemplo, se perder o seu carácter militar e se transformar num poderoso movimento político, contestará a autoridade do Egipto e da Jordânia para falarem em nome do 1,5 milhão de palestinianos nas conversações de paz.

Se o movimento de guerrilha se diluir totalmente, o Egipto e a Jordânia terão clara autoridade para representar os palestinianos.

Mas, se as guerrilhas passarem á clandestinidade, os países árabes nas fronteiras de Israel e a própria nação israelita poderiam enfrentar uma onda de ataques-relampago das guerrilhas, incluindo atentados contra as vidas de funcionários governamentais e diplomatas ocidentais.

É esta a opinião dos observadores políticos e dos próprios guerrilheiros, conforme pudemos deduzir de entrevistas que temos vindo a efectuar, há 10 dias, no Líbano, Jordânia e Israel.

O movimento de guerrilhas está agora sujeito a muitas pressões.

As alas radical e moderada do movimento de guerrilhas não conseguem chegar a acordo sobre o plano de acção para os tempos mais próximos. Os *leaders* da F.P.L.P. (de orientação marxista-leninista) pretendem ir para a clandestinidade, a fim de tentarem derrubar o regime do rei Hussein na Jordânia. Se o conseguirem, só restará no mundo árabe um país importante disposto a fazer a paz com Israel.

Al Fatah, a maior organização da guerrilha, deseja cooperar com os Governos árabes existentes. Já desistiu de se opor ao acordo político de paz entre Israel e o Egipto e a Jordânia. Mas, como as guerrilhas moderadas e radicais são incapazes de chegar a acordo, são vulneráveis a um eventual jogo de pressões convertido entre Israel, a Jordânia e o Egipto.

Desde o fim de Setembro do ano passado, isto é desde a guerra civil na Jordânia, que tantas perdas causou aos guerrilheiros, o Governo do rei Hussein tem vindo a endurecer a sua posição e a tomar atitudes de força contra as guerrilhas.

Utilizando métodos de acção contraguerrilha, Amã tem colocado forças especiais com uniforme de polícia em áreas anteriormente dominadas pelos guerrilheiros, e tem procedido a severos interrogatórios de guerrilheiros suspeitos e a depurações de palestinianos pollticamente suspeitos nas forças armadas e no serviço civil.

O Egipto tem estado também a aconselhar os *leaders* do Al Fatah, dizendo-lhes que o movimento palestiniano podia ter um papel a desempenhar no Médio Oriente mas que não tem nenhum guerrilha, se seguir a segun- conhecimento de táctica de «luta armada». O Egipto, que negou aos guerrilheiros meios de propaganda radiofónica desde Julho, já de novo disposto a concedê-las se o Al Fatah concordar em moderar as suas declarações na Rádio.

A oposição mais firme ás operações de guerrilha contra Israel é o próprio Israel. Os israelitas têm infligido sempre pesadas perdas aos guerrilheiros, de cada vez que estes têm tentado incursões armadas no território por eles controlado. M[illegible] recentemente Israel tem estado a efectuar ataques contra fortes posições de guerrilheiros no Líbano, as quais até agora não tinham sido molestadas.

— Tudo isto tem cortado todas as hipóteses de actuação das guerrilhas, condenando-as assim á clandestinidade — declarou um diplomata ocidental em serviço nesta capital. Mas as perspectivas de o virem a fazer e de terem êxitos nessa acção são muito escassas.

O que pode suceder, contudo, é que um grupo muito unido de guerrilhas, como a F.P.L.P. — que cometeu os últimos raptos d[e] aviões em Setembro do ano passado — desencadeie uma vaga de raptos e de assassínios políticos. Mas mesmo este tipo de terrorismo guerrilheiro não demonstraria (segundo pensam muitos observadores) poder político suficiente para afectar gravemente as diligências diplomáticas acerca do conflito árabe-israelita.

SALDOS
FIOS PARA TRICOT
Grande variedade de LÃS para TRICOTAR
MUITO BONS PREÇOS
LÃS — ALGODÕES — RÁFIAS — FIBRAS
ROMEIRA
RUA DOS FANQUEIROS, 96-1.º-Dt.º — LISBOA

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

Lopes & Maia
SALDOS
RUA DO OURO, 269

RESTAURANTES DE PORTUGAL

Roteiro gastronómico

Estando em elaboração, com a aprovação prévia da DIRECÇÃO GERAL DE TURISMO, o Roteiro gastronómico — RESTAURANTES DE PORTUGAL, e porque uma primeira edição está, necessàriamente, sujeita a omissões, solicita-se a cooperação de todos os estabelecimentos classificados com interesse para o Turismo e que fornecem refeições de almoço ou jantar a hóspedes e passantes, que, no seu próprio interesse, preencham o boletim junto e o enviem, impreterìvelmente, até ao dia 20 do corrente mês para os editores:

Laboratório de Estudos de Mercadotecnia, r. I.
RUA SÁ DA BANDEIRA, 784-2.º D. T. — PORTO

— Preencher com maiúsculas, inscrevendo uma letra em cada rectângulo.
— A falta de envio do boletim, iliba os editores de responsabilidade da inserção GRATUITA do estabelecimento em falta.
— No seu próprio interesse envie o boletim em carta registada.

DENOMINAÇÃO DO ESTABELECIMENTO (não confundir com o nome da firma)
ENDEREÇO
DISTRITO
LOCALIDADE
TELEFONE
CLASSIFICAÇÃO
NOME DO GERENTE OU PROPRIETÁRIO

NOTA do dia

A REFORMA DA MÁQUINA

TEM-SE FALADO AQUI de reformas, de algumas das que têm vindo a anunciar-se. E ao falar-se de reformas, todos estamos nesta altura voltados para pensar que há, que está para haver a do ensino, posta na mesa para uma discussão em que se poderá supor todo o País apressado no desejo de intervir. Mas quase nos apeteceria dizer que outra reforma, porventura mais vasta do que essa, está já em decurso. Essa seria a reforma da atitude. Escolhemos a palavra atitude por ser a que nos parece mais próxima da verdade onde desejaríamos poder dizer reforma da mentalidade. Simplesmente, a mentalidade de um país não se reforma assim de pé para a mão, é coisa mais séria e profunda. Mas a atitude superficial que seja, quer já de si dizer alguma coisa.

Que venham no mesmo dia vários deputados a dizer que o regime do pão está a ser sabotado, outro a deitar contas ao preço do ferro que se fabrica em Portugal, outro a perguntar como é que se harmoniza a dificuldade de transferências com o conceito de unidade nacional, outro a mostrar o abandono das áreas do interior do País, outro a pedir que o informem de quantas pessoas foram presas por motivos políticos ou afins em tantos anos e que destino tiveram, não será isto o sinal de qualquer coisa? Ou que venha o ministro da Educação, rodeado pelo reitor e umas quatro dezenas de professores de Coimbra, homenagear o prof. Mário Silva, não será isto o sentido de uma espécie de reparação? Sejamos razoáveis para nos sabermos regozijar em recolhimento.

Entendemos estes sintomas como significando alguma coisa que tem a saber com o nosso comportamento geral, do Governo para com os governados, dos governados para com o Governo. E não pensamos que isto há-de por força querer dizer conquistas ou concessões, sinais de força ou de fraqueza, de força de uns ou de fraqueza de outros, mas considerarmos que são passos de convergência, sinais de boa vontade que é preciso reconhecer e aproveitar para o esforço comum que todos reclamamos uns dos outros e que deveríamos ser capazes de começar a reclamar de nós próprios. Onde é que havemos de ir buscar riqueza, de que nos caiba a fracção útil a cada um, se não for às reservas das nossas próprias forças, do nosso ânimo, para procurar o que não temos e valorizar o que temos?

Isto é política, claro que é. Entre tanta reforma de que se precisa, preciso é reformar os métodos, bem preciso é que se reforme também a máquina que põe tudo isto a funcionar. Essa máquina é o aparelho administrativo do Estado. Aí é preciso reconhecê-lo, as intenções falharam. Anunciou o Presidente do Conselho, logo aos dois meses depois de empossado, que «a administração pública tem de ser melhorada na sua orgânica, aperfeiçoada nos seus processos, beneficiada no seu pessoal. Está no ânimo do Governo o estudo e a execução de uma séria reforma administrativa que, para ser séria, não pode ser precipitada». Mas não se passou de alguns retoques aqui e ali. A ideia de que a reforma deveria ainda inspirar o orçamento de 1969 para 70 foi-se por água abaixo.

Hoje reconhece-se essa carência. Na Assembleia Nacional pede-se urgência para o seu suprimento. O Secretariado da Reforma Administrativa, especialmente criado, mostrou não ter forças para a tarefa, pelo menos tal como ela estava a ser concebida. Foi extinto, como se sabe. Mas não se extinguiu, diga-se, o propósito de reforma, cujos encargos passaram para a Secretaria-Geral da Presidência do Conselho, com a sua configuração retocada e numa perspectiva porventura mais política. Precisamente o que primeiro falhou terá sido a perspectiva, lançada no jeito de levar o Estado a ver os problemas com os olhos ou com os óculos da grande empresa privada. Do que se trata, afinal, é de um problema essencialmente político e como tal é preciso entendê-lo. É a máquina que tem de marcar a velocidade de todas as reformas. Ou, pelo menos, que tem de estar preparada para acompanhar os que tiverem fôlego para se mostrar mais velozes. Parar é que não.

novo casino estoril

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS DAS 15 ÀS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS

THE HEARTS OF SOUL

VEDETAS HOLANDESAS DO "MUSIC-HALL" MUNDIAL

NORM NIELSEN
ILUSÃO E FANTASIA

HELENA TAVARES
com ANTÓNIO LUÍS GOMES e RAÚL SILVA

LES BALLETS DE

GEORGES REICH

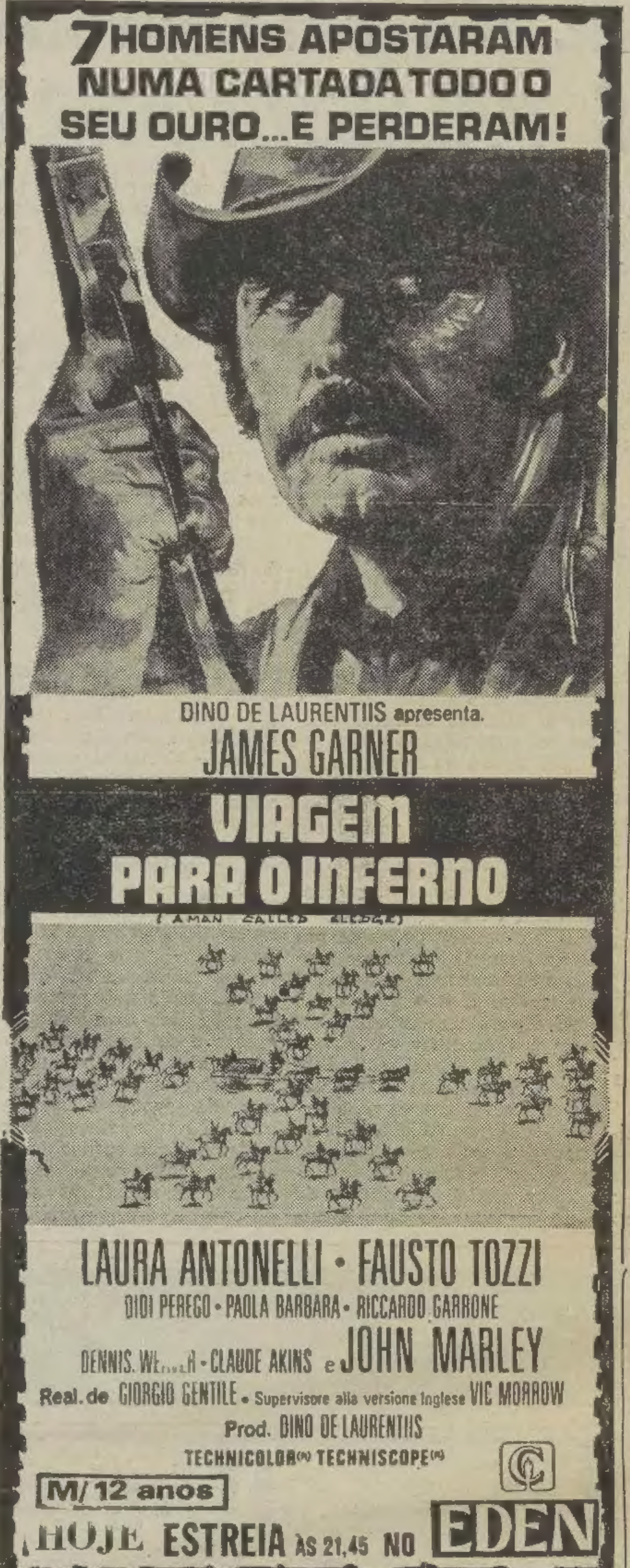
JIRINA'S COMBO • FILARMÓNICA FRAUDE
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

Angie Bubbles
SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23,30 H. maiores de 17 anos

NO WONDER BAR À 1,0H. maiores de 21 anos

novo casino estoril



«Pelés do Samba» (com mulatas) no Carnaval da Torralta

Apreciadores de samba e de todos os outros ritmos brasileiros têm no Carnaval da Torralta uma boa oportunidade ver e ouvir ao vivo os famosos «Pelés do Samba com as Mulatas de Ouro», presentemente a actuar no Hilton Hotel de Tel-Aviv.

É a primeira vez que o agrupamento vem á Europa, e fá-lo precisamente para esta série de espectáculos na Adega da Praia do Alvor. O elenco é constituído por Pedro Paulo dos Santos, Hélio da Silva Moacyr Ferreira da Silva, Adalika da Silva e Lúcia Regina Motta Santos.

Êxitos repetidos nos E.U.A., Canadá, México e Argentina.

Entretanto, o Carnaval da Torralta conta com outra boa atracção: a inglesa Penny Lane.

ANTONIONI EM VILA FRANCA

VILA FRANCA DE XIRA, 11 — A Secção de cinema da União Desportiva Vila-franquense projecta, integrados no ciclo «Cinema de autor», dois filmes do realizador italiano Michelangelo Antonioni: amanhã, «O Grilo» e no dia 19, «Blow Up», ás 21 e 15.

A entrada é reservada aos sócios, aceitando-se inscrições á entrada das sessões.

«CAPUCHINHO» A PREÇOS BAIXOS

No próximo domingo, a preços entre 5$00 e 20$00, onze actores e um grupo de educandas da Casa Pia levam mais uma vez á cena no Teatro Monumental a peça infantil «O Natal do Capuchinho».

«JAZZ» NO TÉCNICO

O Clube de Jazz Universitário de Lisboa, cujos estatutos se encontram em aprovação, promove no domingo, pelas 16 horas, no salão nobre do Instituto Superior Técnico, um espectáculo de «jazz», com entrada livre. Foram convidados, para actuar, os mais conhecidos executantes daquele género musical.

O GRUPO DE ACÇÃO TEATRAL apresenta
TEATRO VILLARET
QUINTAS e SÁBADOS, às 18.30 horas
DOMINGOS, às 11 horas
M/6
EMÍLIO E OS DETECTIVES
PEÇA INFANTIL
Espectáculo para jovens de todas as idades
TeJE TEATRO DO JOVEM ESPECTADOR

BREVEMENTE: A peça de ARTHUR MILLER
DEPOIS DA QUEDA
AFTER THE FALL
Direcção de ARTUR RAMOS (Maiores 17 anos)

TEATRO MARIA VITÓRIA
TELEF 361740
HOJE: Descanso da C.ª
AMANHÃ: 2 SESSÕES, 20.45 e 23 h.
(ADULTOS)
GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO
APRESENTAM EM TRIUNFAL 5.º MÊS
A SENSACIONAL REVISTA
• PIMENTA NA LÍNGUA!...
com
• JOSÉ VIANA • AIDA BAPTISTA
• BARROSO LOPES • DORA LEAL
• ANA ROSMANINHO • RONY VALY
E NO «COMPÈRE»
• OCTAVIO DE MATOS
À FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA!

TEATRO VARIEDADES
TELEF. 326037
HOJE: Descanso da C.ª
AMANHÃ: 2 SESSÕES, 20.45 e 23 h.
(ADULTOS)
GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO
APRESENTAM A COLOSSAL
SUPER-REVISTA
• ...E O ZÉ FAZ TUDO!...
com • SALVADOR • FLORBELA
• CARLOS COELHO
Colaboração especial de MARIEMA
E, PELA 1.ª VEZ EM REVISTA
• MARIA DO CÉU GUERRA
À FRENTE DE UM EXCEPCIONAL ELENCO!

TEATRO MONUMENTAL
T. 555133
HOJE, à noite, às 21.45 h.
(M/ 17 anos)
VASCO MORGADO
APRESENTA
A CASA DAS CABRAS
com MILU na protagonista, Armando Cortez, Mário Jacques, Guida Maria, Luís Pinhão, Óscar Caetano, Norberto de Sousa, António Machado, António Semedo
Sábado: 2 sessões, 21 e 23 h.
DOMINGOS, à tarde, às 16 h.

TEATRO LAURA ALVES
T. 864756
AMANHÃ, às 21.45 h.
«O SANTO e a PORCA»
de ARIANO SUASSUNA
com: RUI DE CARVALHO • CANTO E CASTRO • ÂNGELA RIBEIRO • LISETE FRIAS • GRAÇA VITÓRIA • BENJAMIM FALCÃO e HENRIQUE SANTOS
— MAIORES 12 ANOS —
• 12 ÚNICOS DIAS •

TEATRO CAPITÓLIO
T 327493
HOJE, Descanso da C.ª
(M./ 17 anos)
VASCO MORGADO
APRESENTA
LAURA ALVES
no espantoso comédia de ANDRÉ ROUSSIN
A QUERIDA MAMÃ
(LA MAMMA)
com Carlos Duarte, Aldo Pinto, Rolando Alves, Luís Alberto, António Rama, Ana Le Mattre e o par romântico Helena Isabel - Octávio Borges — Encenação de António de Cabo — Cenas de Hernani Lopes
AMANHÃ: Às 21.45 h.
DOMINGOS à tarde, às 16 h.

VÁ CEAR À FURNA VÁ CEAR À FURNA VÁ CEAR À FURNA VÁ CEAR À FURNA VÁ CE
rua ferreira lapa, 38 d-à duque de loulé - rua ferreira lapa, 38 d-à duque de loulé - rua ferreira lapa

VENEZUELA em 1971

Para facilitar os contactos comerciais e a prospecção de novos mercados.
Fornecer informações técnicas e financeiras.
Proporcionar o estreitamento de relações económicas com entidades e empresas da América Latina.

Escritório de Representação na Venezuela
Avenida Urdaneta / Edifício Karam 6º / Caracas

Banco Borges & Irmão
BANCO DE CRÉDITO COMERCIAL E INDUSTRIAL

Estátua de Simón Bolívar—Caracas

1.as EXIBIÇÕES

«PERSEGUIDAS NA ESCURIDÃO»

TÍTULO ORIGINAL — «Flare-Up».
REALIZAÇÃO — James Neilson, 1970 (E.U.A).
ARGUMENTO — Mark Rodgers (Metrocolor).
INTÉRPRETES — Raquel Welch, James Staci, Luke Askew, Sandra Gila, etc.
DISTRIBUIÇÃO — Filmes Castello Lopes.
ESTREIA — Cinema Império (10.2.1971).

James Neilson saiu dos estudios de Walt Disney, onde era muito mau, para aparecer a dirigir uma película *Metro*, onde continua a ser muito mau. Dos estudios Disney trouxe a moral: os patrões e os polícias são todos realmente paternais e de uma generosidade a toda a prova. Tudo «good guys». Os safados são tarados e maníacos. *És incapaz de dormir com uma mulher*, diz-lhe Watch. *Mentira! Mentira!*, responde o tarado, afagando o cano do revólver.

É tudo tão perfeitamente gratuito e idiota nesta película inconcebível que até nem acreditamos ser possível. Felizmente, o público já vai sabendo reagir e a noite da estreia foi um pandemónio de gargalhadas, palmas de tango, comentários, etc.

Raquel Welch é efectivamente a pior actriz da história do cinema. «Perseguidas na Escuridão» tiraria as dúvidas, se algumas existissem. Mas, como é possível pôr a circular um tal *produto* e fazê-lo vender, eis algo que aflige. A engrenagem tem muita força e Welch aceita o único papel que lhe poderia caber na distribuição do «cast»: o *de objecto*. Tudo o resto se compreende em função disto.

L. A.

«O VINGADOR»

TITULO ORIGINAL — «A Name that Cried Revenge».
REALIZAÇÃO — William Hawkins, 1968 (Itália).
ARGUMENTO — Mario Caiano.
MUSICA — Robby Poitevin.
PRODUÇÃO — Bianco Marini (Eastmancolor e Scope).
INTERPRETES — Anthony Steffen, Evelyn Stewart, William Berger, etc.
DISTRIBUIÇÃO — Sonoro Filme.
ESTREIA — Cinema Politeama (4.2.1971).

Mais um «western» fabricado em Itália e posto a circular como obra de origem americana. O realizador, que no papel se chama William Hawkins, dá-se na realidade pelo nome de Mario Caiano. O que quer desde logo dizer que o filme é medíocre, falho de invenção e de um artificialismo de esquema usual.

A intriga começa na Guerra da Secessão e vai por aí fora aos trambolhões. Um soldado, ferido na cabeça, é julgado morto. A verdade é que não o é, pois o tiro deu só para uma amnésia que saiu à pressão e chegou para todo o filme, até que no duelo derradeiro Davy volta a bater com a cabeça em qualquer coisa milagrosa que lhe faz recobrar a memória. Enfim, tudo mau, tudo triste, tudo enfadonho, excepto uma menina bonita que de sua graça é Evelyn Stewart. Mas, cautela, mais vale não se deixar tentar... — L. A.

CHRISTIAN-JAQUE FILMA TCHEKHOV

PARIS, 11 — (A. N. I.) — «A rapariga de vermelho» é o título do filme que Christian-Jaque pensa realizar, inspirando-se num folhetim de Tchekhov, o único que ele escreveu para um jornal. «Trata-se de uma aventura policial» — disse o realizador — «cujas personagens, tipicamente russas, se assemelham muito aos jovens modernos. Será realizado na Rússia com actores internacionais».

DUO OURO NEGRO

COMUNICADO

Por motivos alheios à nossa vontade e por razões que iriam afectar sèriamente o nosso prestígio e dignidade, vimos comunicar aos nossos amigos que não se realiza a anunciada Noite de Gala que marcaria o início do nosso contacto directo com o Ex.mo Público do

PORÃO DA NAU

nem de quaisquer iniciativas anunciadas como continuação.

Queremos também esclarecer que não nos responsabilizamos por quaisquer compromissos assumidos em nosso nome sem que figure como prova documental a nossa assinatura.

Teatro Maria Matos TELEF. 717017
TODOS AS NOITES AS 21.45
HOJE, NOITE POPULAR
com o mesmo tabela das tardes de sábado
Balcão: 10$, 15$ e 30$
Plateia: 30$00 e 50$00
Notabilíssimo desempenho da Companhia do T. M. M. com Igrejas Caeiro no protagonista
o inocente
Os jovens dos 17 aos 24 anos, aos sábados à tarde e nos dois espectáculos de domingo, têm, nas normas habituais, 50% de desconto
MAIORES DE 17 ANOS
12.ª SEMANA

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

NOVO HORÁRIO DA SECÇÃO DE CARGA

A Secção de Carga da TAP — Rua Luciano Cordeiro, n.º 82-A passa a ter o seguinte horário:

SEGUNDA A SEXTA: 9 às 12.45 e 14.30 às 18.30 h.
SÁBADOS: 9 às 12.45 h.

COLISEU
HOJE, AS 21.30
(Maiores de 12 anos)
1.ª GRANDE COMPANHIA DE CIRCO 1971
ATRACÇÕES DE CATEGORIA
Vá ao grandioso CARNAVAL DO COLISEU o mais tradicional e divertido CARNAVAL DE LISBOA

TARIFA DE FÉRIAS

A C. P. tem em estudo uma nova Tarifa Especial, a preços reduzidos, para os Passageiros que se desloquem em GOZO DE FÉRIAS.

A entrada em vigor desta Tarifa Especial está prevista para o dia 1 do próximo mês de Março.

Brevemente vão ser distribuídos nas estações e nas Secções de Informações folhetos elucidativos.

PRÉDIOS
Vendem-se 2 no Barreiro. 1.000 contos cada. 4 pisos. 8 inquilinos. Acabados de construir. Todos alugados.
Trata o próprio:
Pelos telefs.: 236822 (às horas de expediente) 236862 (depois das 20 h.).

CANAL DA CRÍTICA

por MÁRIO CASTRIM

«A FAMÍLIA FORSYTE»: UM DESAFIO AO TELESPECTADOR PORTUGUÊS. UM FOLHETIM PARA VER DE OLHOS BEM ABERTOS

Trata-se de uma série que circula, com geral aprazimento, por 55 países. Um pouco mais e poderia ser adoptada até pela O.N.U. Depois de larga propaganda conduzida o mais inàbilmente que se possa imaginar, tivemos ontem o primeiro episódio.

Não foi de maneira nenhuma uma sessão capaz de prender as atenções do público telespectador do nosso país. Por diversas razões.

Em primeiro lugar, esse mesmo público começa a estar viciado na facilidade lacrimal do «Centro Médico» ou na emoção-arroz-fingido dos Departamentos SS. O folhetim ontem estreado, exige-lhe mais do que uma atenção ocular: é a inteligência que tem de estar mobilizada, é um quase feroz agarrar-se à construção de cada figura, é a «discussão» que cada cena levanta. Exige-se, pois, um esforço não pequeno, que dificilmente, nas actuais condições, poderia obter-se do nosso público e logo ao primeiro «round».

Em segundo lugar, tratou-se de uma exaustiva apresentação das personagens, de nomes arrevezados, não comprometidos ainda numa acção que os repare, que os individualize. Os episódios seguintes vão esclarecer tudo e aumentar a penetração da história no público. O certo é que o realizador, consciente dos perigos na vulgarização de uma obra que não vive pròpriamente da anedota, procura entremear o estudo de cada personagem com uns laivos de acção, com relevo para factos que na obra de Galsworthy se encontram apenas esboçados. A isso chama-se escrever e realizar para a Televisão, onde a lei é o grande plano ou o mais aproximado dele.

Outro óbice, e não pequeno, reside na extrema britanicidade das personagens e na sua perfeita integração numa determinada classe, num determinado meio. Eis-nos no seio de uma família de alta burguesia especuladora, agiota financeira. Aí tudo se pauta pelo valor material das coisas. Um Forsyte, um burguês na Inglaterra do século passado, vive na permanente adoração do ouro. O próprio Sol não existe: existe em seu lugar uma libra de cavalinho. A melhor maneira de ajudar alguém é industriá-lo na melhor aplicação dos seus capitais. Quando um Forsyte dá prenda escolhe uma que não se desvalorize: o Jolion Pai, por exemplo, dá sempre um serviço de jantar da *Vista Alegre* lá do sítio. Para eles, só vale o que rende: a burguesia passa de criadora a usufrutuária. Jo-

(Continua na 22.ª página)

Rádio

EMISSORA — **1.º Programa** — 451 m — 665 kc/s — MF 1 (95,7 mc/s) — Às 16: Sinal horário — Noticiário; 16 e 05: Programa da juventude; 17 e 30: «Falua» programa infantil por Ana Maria; 18 e 05: O convidado de hoje — James Brown; 18 e 20: Espectáculo — Teatro, por Figueiredo de Barros; 18 e 40: Encontro ao fim da tarde, com George Fame; 19 e 15: Musica de zarzuela — Selecção da zarzuela «Bohemios», de Amadeo Vives; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Balanço do ano de 1970 — Actividade cinematográfica, por Miguel Freitas da Costa; 20 e 30: 29.º Episódio do Folhetim «Encruzilhadas»; 20 e 52: Melodias, pela Orquestra de Franck Pourcel; 21: Momento 71; 21 e 20: Musica, só musica; 21 e 40: Dia a dia com a Ciência, pelo dr. Marques da Costa; 22: Grande Prémio da Canção, organizado pela R. T. P.; 0 e 35: Ao encontro da melodia com a orquestra: David Rose; 1: Diário Sonoro e fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16: Que quer ouvir? — Programa elaborado por Margarida Brandão; 18: Musica portuguesa; 19: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Concerto de Camara pelo octeto de sopro constituído por: António Serafim e Leal Calqueiro, oboés; Carlos Saraiva e Agostinho Romero, clarinetes; Adágio Pestana e José do Carmo, trompas; João Mateus e Álvaro Cunha, fagotes; 20 e 50: A cravista Wanda Landowska; 21: Trechos de óperas francesas; 21 e 20: Tempo literário; 21 e 45: Um divertimento de Mozart; 22: Teatro dos nossos dias, pelo dr. Leopoldo de Araujo — «Deus no Teatro de Ugo Betti»; 22 e 58: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio Jornal; 20 e 07: Selecção para o seu jantar; 20 e 30: Semana 7, 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Mensagens bíblicas; 23 e 19: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 02: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa ó Gó-Gó; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda Sonora; 2 e 02: Perspectiva, 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 mt/s — 782 kc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelanea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estudio 64, 20 e 10: Norte dia a dia; 2 e 05: Só-Rádio; 21 e 40: Contrastes musicais; 21 e 45: O Arauto da Verdade; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Carrossel-3; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Vozes da Itália; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Esquema 13; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21 e 30: Curso de língua alemã; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Tangos; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Esquema 13; 19 e 30: Página Um; 22 e 55: Meditando; 21: Eventual; 21 e 30: Curso de Língua Alemã; 22: Auditório; 23: A 23.ª Hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular:** das 7 às 8 e das 12 às 14 e 30; **Rádio Voz de Lisboa:** das 10 às 12 e das 19 e 30 às 22; **Clube Radiofónico de Portugal:** das 8 às 10 e das 22 às 2; **Rádio Graça:** das 14 e 30 às 19 e 30.

TÊVÊRÁPIDA
COMUNICADO
A Têvêrápida informa os seus Ex.mos clientes que vai telegravar o Festival da Canção 1971, dando assim a oportunidade de em sua casa poder ver de novo o mesmo festival, bastando para isso contactar com a sede da nossa firma, Rua António Pedro, 119, telefs. 5 06 57 ou 53 50 24.

FESTIVAL DA CANÇÃO
A TEVERAPIDA comunica a todos os seus Ex.mos clientes e telespectadores em geral que reforça as suas equipas técnicas, a fim de melhor servir, reparando qualquer avaria nos seus receptores, antes ou durante o festival, colocando para isso um dos seus camiões laboratórios na Praça de Londres, com assistência no próprio local
Este serviço de assistência é também extensivo à zona de Alvalade.
R. ANTÓNIO PEDRO, 119 — TELEFS. 50657 - 535024

TV dia a dia

HOJE PODE VER..

I PROGRAMA — Às 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Série juvenil; 20 e 15: Conheça o Portugal desconhecido; 20 e 30: «Olho Vivo»; 21: Imagens da Poesia Europeia; 21 e 30: Telejornal; 22: VIII Grande Prémio da Canção Portuguesa '97 — transmissão directa do Cinema Tivoli; 0 e 30: Marcha do Mundo; 0 e 35: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — Às 20 e 30: Abertura; 20 e 31: Filme infantil; 20 e 40: O livro à procura do leitor, 21: «Os Meus Sobrinhos»; 21 e 30: Telejornal; 22: «O Jogo da Vida», «O Agitador»; 23 e 20: Fecho.

SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — *1.º período* — Às 12 e 45: Abertura; 12 e 46: Desenhos animados; 12 e 55: Feminino singular; 13 e 15: «Viver no Campo», com Eva Gabor e Eddy Albert; 13 e 45: Telejornal, 1.ª edição; 14: Minidecoração; 14 e 15: Logo à noite, e 14 e 20: Fecho.

2.º período — Às 14 e 40: Ciclo preparatório TV; 19 e 30: Telejornal, 2.ª edição; 19 45: TV juvenil — «Os Homens, os Livros e as Coisas»; 20 e 10: Hóquei em patins, transmissão directa do encontro Oeiras-Parede; 21 e 30: Telejornal; 22: «Os Vingadores», com Patrick MacNeen; 23: Os anos sessenta na vida internacional; 23 e 30: Marcha do Mundo, e 23 e 40: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — Às 20 e 30: Abertura; 20 e 31: «Aldeia do Moinho»; 20 e 45: Minidecoração; 21: «Viver no Campo»; 21 e 30: Telejornal; 23: Curto-Circuito, e 23 e 40: Fecho.

TUDOR
pilhas para força motriz

SOS-TV
TEVERÁPIDA
A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS
SERVIÇO DOMICILIÁRIO
Rua António Pedro, 110
Telefs. 53 50 24 e 5 06 57

ESTUDANTES!
IV CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO
CISNE
RECEPÇÃO ATÉ 31 MARÇO 71

COMO IRÃO VESTIDOS OS INTÉRPRETES DO FESTIVAL

E aí temos o Festival. Nove canções à procura de um passaporte para Dublin. A eterna miragem que, uma vez ao ano, anima os bastidores da nossa música ligeira: o horizonte, afinal, que cada temporada parece tão acessível e, no regresso à realidade, acaba por desfazer-se como fumo.

Hoje prosseguiram os ensaios no Tivoli. A ordem do espectáculo foi repetida. A orquestra de costas para o palco, não ligando ao amontoado de bolas brancas (17) dispersas por um tablado cinzento, sob céu azul, entre rotundas púrpura e ciclorama mate. Dirigindo as operações o maestro Jorge Costa Pinto:

— Musicalmente, o nível das canções é muito semelhante ao do ano passado. Acho que houve estagnação, embora se tenha evoluído um pouco em matéria de orquestração. Encontro os intérpretes com as dificuldades de quem aparece uma ou duas vezes por ano em espectáculos de responsabilidade...

O realizador da parada de canções desta noite é Herlander Peyroteu) que nos disse:

— Montámos seis câmaras: quatro na sala, uma na rua e outra nos camarins.

O desfile de melodias será apresentado por Henrique Mendes e Ana Maria Lucas «Miss Portugal 1970» Disse-nos Henrique Mendes (que logo vestirá um *smoking* azul):

— A apresentação processa-se dentro do tipo de espectáculo clássico.

Henrique Mendes irá a Dublin, como comentador-TV. Mas Ana Maria Lucas ficará por cá. Esta noite vestirá de organza estampada com tons preto, vermelho e roxo, embora com predominância do dourado. Linha cigana. Tecido Christian Dior. Modelo oferecido por Sérgio Sampaio.

— Deixei a sociedade que tinha e vou montar uma nova escola de manequins. Já me convidaram para fazer diversas coisas na R. T. P., mas estou indecisa.

— Que disseram as locutoras de TV ao convite que lhe fizeram para apresentar o festival?

— Parece que não gostaram muito...

No Tivoli, a noiva de Fernando Tordo calçará de cetim preto da «Marlazinha» e aparecerá penteada por Aralde.

Primeira intérprete no palco: Daphne. Penteada por Margarida Danova com sapatos dourados e pijama azul-roxo (da Boutique Belkiss). À última hora o marido abdicou de acompanhá-la à guitarra. Será Carlos Meneses a substituí-lo.

Afirma Nuno Rordigues que teve 15 dias de licença no serviço militar:

— Acreditamos na canção e num júri honesto. Mas o que mais me preocupa é a qualidade da composição.

Tonicha (vestido de musselina bege até aos pés, linha «princesa», sapatos de cetim penteado de Adelaide, do cabeleireiro Couto):

— Primeiro quero fazer boa figura. Depois ver em que param as modas. Não seria verdadeira se não viesse jogar tudo por tudo para a vitória.

O quarteto Intróito é o terceiro do programa. Os rapazes irão de *smoking*, as senhoras de fato comprido, vermelho-vinho (o de Ana Maria) e estampado (o de Isabel Maria). Modelos de Lucília.

Palavras de Isabel Maria Pires:

— Nós gostamos muito de «Palavras Abertas», mas temos projectos muito limitados pelos nossos afazeres profissionais. Quanto muito, actuar em «convívios»: olhe, vamos no sábado a Viseu.

«Rosa Roseira», pelo EFE-5: quarto lugar no desfile. Em nome do grupo fala Carlos Cruz, produtor da «Zip», acabado de regressar do Midem:

— Reina a calma nas nossas hostes. Não prevemos o triunfo mas desejamos uma participação digna. Uma coisa, porém, garantimos: se for uma canção «Zip» a vencedora, teremos um lançamento internacional inédito para artistas e autores portugueses.

(É tempo de dizer que predomina a juventude nos elementos convidados pela R. T. P. para os júris regionais. Média de idades inferior a 30 anos)

Depois de Hugo Maia Loureiro cantar «Crónica de um dia» (ontem, não ensaiou) surgirá Paulo de Carvalho: com fato cinzento e gravata preta.

— Acho que a minha canção («Flor sem tempo») tem muitas possibilidades e é extremamente comercial. Entra logo no ouvido das pessoas.

Ao princípio da tarde Paulo de Carvalho tirou o aparelho que trazia ao pescoço «recordação» de um acidente de viação recente. O cançonetista, que cumpre na Amadora o serviço militar, vai ainda este mês a Espanha fazer a promoção do seu disco com trechos de Manolo Díaz.

Lenita («Anda ver o Sol») também não ensaiou ontem nem esta manhã. Em contrapartida, Fernando Tordo («Cavalo á solta») não largou do Tivoli, de ao pé da noiva e do locutor Henrique Mendes, parte interessada na sua promoção publicitária.

— Não, não sei ainda como virei vestido...

No polo oposto a Tordo está Duarte Mendes (oficial do Exército em Cascais.

— Em paralelo com a composição que cantei no ano passado, a minha família gosta mais desta («Adolescente»).

Duarte Mendes vestirá logo um casaco de veludo azul escuro, calça preta, camisa creme e laço negro.

MANOLO DIAZ EM LISBOA

Manolo Díaz, o compositor e intérprete espanhol de êxitos como «Waiting for the bus» e «Walk on the grass», chegou esta manhã a Lisboa.

— Venho para apoiar Paulo de Carvalho — *declarou, no aeroporto.*

O júri português para a Irlanda

Entretanto, a R. T. P. indicou para Dublin que os seus representantes no júri internacional são duas figuras de Rádio Clube Português: Luís Filipe Costa (locutor e noticiarista) e Pedro Albergaria (produtor do programa «Em Órbita»). Por sinal dois nomes já distinguidos pelos jornalistas com os prestigiosos «Prémios de Imprensa».

Hugo Maia de Loureiro ensaiando

A «bomba» explodiu de madrugada

Na madrugada de hoje, perturbação nos bastidores do Festival: primeiro, uma agência noticiosa divulgou o próximo contrato de Paulo de Carvalho por uma firma norte-americana (a «Monument», de Hollywood); depois, a própria «Movieplay» confirmou as negociações, fazendo chegar a toda a imprensa e á Rádio a fotocópia de uma carta da «Monument» onde, a certa altura, se lê (textualmente):

«Estamos muito entusiasmados acerca da futura gravação de Paulo de Carvalho no concurso da Eurovisão e esperamos poder ter amostras do seu disco em inglês muito em breve.

Comentário lacónico de Carlos Cruz, pela etiqueta «Zip»:

— Pronto. Tudo já está definido. Nós, o Valentim de Carvalho e a Philips apenas vamos concorrer para o segundo lugar. Enfim, já é alguma coisa...

NEVES DE SOUSA

Prémio especial para o vencedor do Festival da Canção

No intuito de assinalar o «VIII Grande Prémio TV da Canção» que se realiza hoje, a Administração da Siemens deliberou distinguir com a oferta de um televisor «Siemens-Estoril electronic», o intérprete vencedor do certame.

Deste modo, pretende a Siemens homenagear o mérito do artista que irá representar Portugal no próximo «Festival da Eurovisão», a efectuar em Abril na Irlanda.

FIM DE TARDE EM S.BENTO

★ *Com 55 deputados presentes, a Assembleia Nacional terminou ontem o debate do aviso prévio sobre os aspectos culturais, económicos e sociais do distrito de Braga Mas antes da ordem do dia algumas intervenções houve dignas de referência.*

★ Revestiu-se de particular significado o breve discurso do deputado Almeida e Sousa. Começou por manifestar a sua satisfação pelo facto do ministro da Educação Nacional ter homenageado o prof. Mário Silva e anunciado a sua próxima nomeação para director do Museu da Ciência. E acentuou: «Não me compete, felizmente, julgar da razão ou não razão de factos passados. O País ainda pode tirar proveito da muita inteligência e do muito saber do prof Mário Silva. A satisfação que isto nos deve dar, deve ser, quanto a mim, muito superior a todas as atitudes negativas que ainda haja ideia de continuar»

★ *O orador, tirando deste exemplo ilacções mais genéricas, acrescentou que «a reflexão a que este facto nos obriga, nos força rever certas situações que, se alguma vez foram justas, hoje, pelo menos, penso que o não são. Refiro-me aos valores que, por virtude de condicionamentos diversos dos que vivemos, foram afastados das posições que a sua inteligência e o seu trabalho tinham conquistado».*

★ Referindo-se, depois, ás demissões de professores em 1935, disse o deputado Almeida e Sousa: «já lá vão 36 anos! Mais do que a pena máxima do Código Penal Português! Trinta e seis anos são, afinal, o prazo do direito á reforma... Não deverão esses homens ser reformados da reforma a que foram compelidos? Não sei quantos ainda são, nem quem são. Um não há muito tempo vi, felizmente vivo de vida e de espírito: o prof Dias Pereira, antigo reitor do Liceu de Coimbra. Tem hoje 80 anos».

★ *Lembrou o orador que o prof. Dias Pereira pregou a tolerância no Parlamento, muito contribuindo (em 1919) para que não fossem demitidos «alguns professores da Universidade de Coimbra. Se o tivessem sido, bem diferentes teriam sido, por sua vez, os últimos 40 anos de vida portuguesa. Pergunto: se o foi algum dia, será ainda justo manter a demissão deste professor?»*

★ A terminar, o deputado Almeida Sousa afirmou ainda: «Outros casos haverá certamente a considerar. Ao espírito de justiça e á clarividência do sr. ministro da Educação Nacional deixo a sua apreciação. Será mais um serviço que prestará á concórdia por que todos ansiamos».

★ *«A concórdia por que todos ansiamos» — repetiu o orador. Vozes: «Muito bem!»).*

★ Ainda dentro do período antes da ordem do dia, usaram da palavra os deputados Oliveira Dias, sobre problemas industriais; Peres Claro, ácerca da situação dos funcionários da J. A. P.: Lopes Frazão, para abordar problemas de Beja e Silva Soares, que se congratulou com a concessão de 17 mil contos para as obras de defesa do Furadouro.

★ *Após uma longa intervenção do dr. Gonçalves de Proença, em que se referiu aos problemas do Minho e também de Braga, o deputado Nunes de Oliveira encerrou o seu aviso prévio. Nas conclusões do debate incluem-se as principais aspirações do distrito de Braga, nomeadamente a criação do ensino politécnico e superior e outras medidas tendentes a incrementar a saúde e o bem-estar das populações, modernizar a lavoura, desenvolver o turismo e travar a emigração. Também se solicita que seja antecipada a construção da auto-estrada Porto-Braga-Guimarães.*

★ A moção final diz que a Assembleia Nacional, «tendo tomado conhecimento das necessidades mais importantes da região minhota, onde o distrito de Braga se enquadra, exprime o desejo de as ver satisfeitas no quadro equilibrado do desenvolvimento nacional». E após breves intervenções de alguns deputados, a moção foi aprovada por unanimidade. Uma das reservas postas ao aviso prévio (do deputado Correia da Cunha) foi a de que se partiu do particular para o geral, quando deveria ter sido ao contrário. «O País não é constituído por dezoito distritos de Braga». De facto, não é.

★ *Hoje não há sessão plenária, para que as comissões parlamentares respectivas continuem a preparar os seus pareceres acerca da proposta de lei sobre actividades de seguros e resseguros, cuja discussão, na generalidade, principia amanhã.*

MANUEL DE AZEVEDO

BOM APETITE

Restaurante CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIARIAS
AOS SABADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

RESTAURANTE DIETÉTICO
A COLMEIA
Alimentação vegetariana e MACROBIÓTICA a qual cura doenças em 10 dias
RUA DA EMENDA, 110-2.º (Ao Camões) —— T. 370500

CAFÉ «IMPAR» NO BAR RIBATEJO
PRAÇA DO AREEIRO, 11-D ABRE AS 7 HORAS

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144 — Telef. 790211
JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Premiado pelo S. N. I. (Maiores de 15 anos)

APÓS AS REFEIÇÕES – CHAVE D'OURO – O MELHOR CAFÉ

ESTA ESTRANHA LISBOA

CIDADE ASSIM DESOCUPADA ...

Por URBANO TAVARES RODRIGUES

No amor e na inimizade, na decepção e na revolta, na esperança e na chacota, que escorre da amargura do desalento, nos projectos e nos objectos, no amarelo da mágoa, no rubor da cólera, no azul da lágrima oculta, no ranger dos dentes, na cabriola mágica, no branco e negro dos ecos, das silhuetas que se repetem, se esvaem, se indeterminam em múltiplos eus, como sombras chinesas, a desaguar no mundo, Lisboa tem os seus poetas.

Agora surgiram mais dois: António Torrado e Manuel Alberto Valente. Surgiram, é como quem diz, destacaram-se de um percurso já balizado de anos de verrugas, de sorrisos ásperos e goelas abertas. De gengivas a sangrarem. De olhos tristes ou incendiados. De melancolias. De propostas de escrita. Ou luta com a expressão. De afinamento — ou voluntário desafinamento — do verso. Não é o lirismo romântico que define uma geração nem a ironia que indentifica outra. Que ideia! Houve sempre lirismo romântico. Houve sempre ironia. Houve sempre idiossincracias diferentes. Houve sempre, na mesma corrente, escala, tendência, clã «a família literária», os mais diversos temperamentos, divergências humorais e estéticas, sobrepondo-se à escolástica dos programas. E fica, depois, o lirismo romântico (ou não fica) como fica (ou não fica) a dentada irónica, o papel cristalizado da aventura estilística, com os seus signos e siglas, consoante o artefacto poético é mais ou menos perfeito e diz (ou não diz) uma realidade.

Mas, adiante, não vamos remontar a Cesário, a Gomes Leal, a Fernando Pessoa, a António Gedeão, para falar destes dois novos poetas da cidade, ou falar-vos através deles. Não vamos confrontá-los nem identificá-los.

Vamos tão-só apresentar por eles as caraças de Lisboa, suas máscaras doces ou ingratas, seus reposteiros secos, seus brilhantes esmagados entre o chão e os autocarros. Ouçamos a «letra para o fado menor» de António Torrado:

> «Esta Lisboa assim desocupada / / presa mal presa às árvores / e rebelde aos novos candeeiros / senhora nas casas de mariscos / verde cerveja aos litros e brisas passageiras / esta Lisboa assim por entre dentes / mosaico / das noites quentes / ciciante companheira / espertina silvos arcadas / autocarros—Amoreiras / esta Lisboa assim tão sem quintais tão de cócega risca ao meio / das paredes repintadas / editais / o silêncio dos quartéis (...) Fenícia mal engomada / com pespontos na lapela / um homem / seja Cesário / ou operário sem chapéu / um homem mal cabe nela».

António Torrado fará a poesia à nossa vista? Está na moda dizer-se que sim. Pois assim seja. E até é verdade que às vezes o faz e dissolve em provetas de nada a névoa, os troféus do medo, as horas que soam ao sol, os pés pisados que se pisam, etc. É provável que tenha lido o Blanchol e ainda bem. Ser-se do nosso tempo é importante, para se ser alguma coisa mais, ou seja, ser-se do amanhã, o que só se consegue sendo-se mesmo, ou para além da moda, ou autênticamente. E lendo também o Francis Pong, claro, que não fazia poesia à nossa vista, mas muito escondidamente, crìpticamente, martelando o ferro das sílabas, remando pelas correntes ciciantes da significância, ou seja, acertando métodos e faros na massa da expressão.

Mas com tudo isto, que não é crítica nem doutrina nem diligência, nem proposto, apenas abordagem liminar, em empatias, ficara por recitar o meu excerto do poema Chiado, de Manuel Alberto Valente:

> «Aquelas pernas ali a dar a dar / / dos homens levam os olhos ao passar / dizem que sim dizem que não / / são inconstantes / e há muita gente que se sente / de já não ser como era dantes (...) são borboletas, canários verde-mar / onde mergulho a medo o meu olhar / são promessas que sei sem cobertura / de uma viagem pela interior natura...»

Agora, mesmo bom é o «Primeiro Conto» para uma biografia de Lisboa, cheio de promessas, de gestos, becos e frustrações:

> Sobre Lisboa dizemos / mil promessas / não fazemos / da praça do pensamento /às alamedas do gesto / / nosso desejo não voa / sobre este azul de Lisboa / sérios gestos matinais / cheios de sol e pardais / onde estão que os não alcança / o meu revólver de esperança / da praça do pensamento / que te fermenta nas veias / / em que caminhos ateias / tuas promessas de vento / caminhos que não conduzem / às alamedas do gesto / / contas com a noite por resto / degraus de negro pintados / como vamos subir neles / Lisboa se estão desertos / / teus jardins despedaçados / sobre Lisboa dizemos / mil promessas / não fazemos».

CASOS E SITUAÇÕES QUE COMPLICAM A EXISTÊNCIA DE CASAIS DIVORCIADOS

Reproduzimos, como a interessada nos solicita (aliás como tantas outras), a seguinte carta da sr.ª D. Helena Maria Romero, na qual, apresenta, além do seu caso impressionante, exemplos eloquentes relativos ao problema em debate sobre a reforma da Concordata relativamente ás questões suscitadas pelo divórcio. Escreve-nos a nossa leitora:

«Sr. director: Faça um apelo no seu jornal, para que não fique no esquecimento a grande necessidade que há da revisão da Concordata para quem já está separada judicialmente há anos, e sem esperanças de poderem tornar-se pessoas humanas como as outras.

«Dizia uma leitora numa coluna do vosso jornal, que uma mulher separada judicialmente não tem estado. É uma grande verdade, pois encontro-me na mesma situação: nem solteira, nem casada, nem viuva, nem divorciada, nem religiosa! E não fizemos votos de castidade! Queremos ter um lar, marido e filhos, honestamente e não vivermos fora da lei, pois não cometemos nenhum crime.

«Meu marido casou comigo para se encobrir de muitos defeitos, sendo da sua vontade casar pela Igreja, para assim eu ficar mais subjugada, dando-me, depois maus tratos. E era de uma baixeza de sentimentos sem limites, que vi-me obrigada a separar-mo-nos judicialmente, tendo uma filha, que ficou, por Lei, a meu cargo.

«Como leitora assídua que sou do «Diário de Lisboa», li o artigo do padre M. A. da Costa, que é muito extenso, mas nada de concreto diz. Frases bonitas, complicadas, que nos dá esperanças, mas depois, desilude-nos.

(Continua na 12.ª página)

o fado e o folclore – restaurantes típicos

VIELA
cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais * Tocam: António Bessa e Fernando Reis * **Consumo mínimo 60$00 * R. das Taipas, 14 * Tele. 327256.**

BALEEIRA
Elenco seleccionado — almoços a 25$00 (á noite) * **Consumo mínimo 40$00—Av. Marginal, 21-22 (Dafundo) — Telef. 213259 * Encerra ás quartas-feiras.**

MIL E UM
cantam: Henrique Manuel, Fátima do Rosário, Zilia Maria, Fernanda Machado, Maria Eva, Fernanda Silva, Adriana Franco, José de Barros, Artur dos Santos e Moisés Campelos Tocam: Alfredo Alves e Joaquim Pinto — **Cons. mín. 40$00 * Travessa da Espera 8. — tel. 35464 * Encerra ás 5 da madrugada.**

O FORCADO
cantam: António Rocha, Mariana Silva, Coelho de Jesus, Miguel Silva e João Sobreiro Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva * **Cons. mín. 40$00 * Rua da Rosa, 219 * Telef. 368579.**

TAVERNA DO EMBUÇADO
elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Câmara, João Braga, Cidália Moreira, Ana Rosmaninho e António de Mello-Corrêa. Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal * **Encerra aos domingos * Consumo mín. 90$00 * Beco dos Cortumes, 10 * Telef. 860816.**

LAR PORTUGUÊS
cantam: José Borges, Natália dos Anjos, Rossana Lima, Armando Miranda. Tocam: Acácio Gomes e Amadeu Ramin. Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português» * **Cons. mín. 50$00. R. da Barroca, 133 * Telefs. 369760 e 30532 * Encerra ás terças-feiras.**

L U S O
elenco: Maria da Fé, Fernando Maurício, Glória Maria, Augusto Ermida, Odete Mendes, Plínio Sérgio (em fados de Coimbra), Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Barradas (viola). Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha * **Trav. da Queimada, 10-16 * Telefones: 362889-328503.**

ADEGA MACHADO
cantam: Esmeralda Amoedo, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, Tina Ferreira, Fados de Coimbra por João Queiroz, Trio Arautos Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira * **Cons. mín. 70$00 * Rua do Norte, 91 * Telefs. 30095-328713 * Encerra á segunda-feira.**

TIMPANAS
cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emílio Reis, Luís Braga e Berwinda Cruz, Tocam: Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros * **Cons. mín. 61$50 (taxas incl.) e Rua Gilberto Rola 24 * Telefones 676655-672431.**

ADEGA MESQUITA
cantam: Fernanda Pinto, Francisco Martinho, Maria Amélia Proença, Alcindo de Carvalho. Tocam: Jaime Santos, António Proença * **Rua Diário de Notícias, 107 * Telefone 328307 * Encerra aos domingos.**

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

ADÁGGIO
Pop—Soul e Underground * Sempre os ultimos êxitos em discos, recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil * **Aberto todos os dias, das 16 ás 20 e das 22 ás 3.30 h. * Rua Carlos dos Reis, 51-A * Telef. 775695.**

SANZALA
Um pouco de África em Lisboa — Musica constante * **Av. Marechal Carmona, 2 — Campo Grande — Telef. 790177 * Encerra ás 3.30 horas.**

MAXIME
Conjunto 6 * Reacção e Maximiliano * «Show» turístico * Variedades internacionais * **Praça da Alegria, 58 * Telef. 55366.**

vá jantar ou cear
A FURNA
rua ferreira lapa, 38-D
e duque de loulé-lisboa

BARBARELA
Rua da Atalaia, 18 (Bairro Alto) * Telef. 367136 * Encerra ás 3 horas.

TAMILA
Morão e s/ Conjunto * **Avenida Duque de Loulé, 69—Tel. 534117 * Matinées todos os dias * Encerra aos domingos.**

ARCHOTE CLUBE-BAR
Cocktail-Bar — Salon — Boite — Clube * Ultimas novidades em disco, recebidos directamente dos E. U. A. e Inglaterra * Rua D. Filipa de Vilhena, 6-D * Telef. 49960.

CASINO DO ESTORIL
Jogo autorizado * Variedades internacionais * Telefs. 264521-264526-264596-264621-264946.

HIPOPPÓTAMO
Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A * Telef. 48384 * Cons. Heldor Reis * Encerrado aos domingos.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)
Conjunto Manuel Viegas * Avenida Duque de Loulé, 73 * Teléf. 530171.

OS PREÇOS DOS AÇOS PORTUGUESES

Em recente conferência de Imprensa, um administrador da Siderurgia Nacional traçou o panorama da posição e da actividade da Empresa.

Algumas das suas afirmações deram lugar a críticas de um deputado à Assembleia Nacional, na sessão de 4 do mês em curso.

A matéria, de grande complexidade, é afectada por hábitos antigos e tem variadas incidências e implicações. Não era de estranhar, portanto, que surgissem críticas. Contava-se mesmo com elas, espontâneas ou sugeridas.

Contudo, surpreendeu-nos o tom e o conteúdo da intervenção, até porque o autor apoiou fortemente o desejo e o pedido expressos pela Siderurgia Nacional, no sentido de dispor das condições que lhe proporcionará uma associação ao Mercado Comum, com as garantias, é evidente, de lealdade e reciprocidade absolutas.

A Empresa, ao tomar esta posição, dá mais uma prova de que bem cumpriu e bem mereceu a protecção efectivamente recebida e ainda alguma que — insiste — lhe cabia e não recebeu. E é tanto mais assim quanto é certo que idêntica posição não se verificou — com mais idade e mais elevadas protecções — por parte quer de indústrias siderúrgicas de vários países quer de muitas actividades portuguesas.

A intervenção em causa, na Assembleia Nacional, mostra que o orador não pensa assim. As ideias e as razões são com frequência diferentes; e nem sempre há mal nisso.

Mas as apreciações e as comparações de preços apresentadas à Câmara (e largamente divulgadas na Imprensa) pecam por injustiça e inexactidão, que nos forçam a este esclarecimento.

De facto:

1. *Os preços da S. N. estão pràticamente ao nível dos do mercado interno da Bélgica.*

— O preço de 5.800 francos belgas equivalentes a 3.340$00), que foi indicado para varão de 25 mm, não é correcto.

Os preços de base dos varões para betão, na Bélgica, vão (ver «L'Usine Nouvelle» N.º 39, de 24.9.70), conforme as fábricas e as «paridades», de 6.500 a 7.250 francos belgas, predominando os valores acima de 7.000.

Os «barèmes» fixam um extra de dimensão de 250 francos belgas (144$00) para o diâmetro de 25 mm, pelo que a este correspondem preços que, em dinheiro português, vão de 3.884$00 a 4.319$00 (com média muito mais próxima deste último valor).

O preço normal da S. N. à porta da Fábrica é, para este mesmo varão, de 4.302$00 a 4.369$00, conforme as bonificações.

Porém, a variação de preços com os diâmetros é mais ampla na Bélgica. Assim, para o varão de 6 mm, o extra é de 1.400 francos belgas (805$) e os preços resultantes, naquele País, convertidos em escudos, vão de 4.545$00 a 4.980$00.

A S. N. cobra por este varão, de 4.754$00 a 4.829$00, conforme as bonificações.

Na Bélgica aplicam-se ainda, além de um extra de 75 francos belgas (43$00) por carregamento em camião, sobrepreços às posições de cada encomenda que não atinjam 50 toneladas, como segue:

5 a 10 t	600 fr.b.	(345$00)
10 a 15 t	400 fr.b.	(230$00)
15 a 20 t	250 fr.b.	(144$00)
20 a 40 t	150 fr.b.	(86$00)
40 a 50 t	75 fr.b.	(43$00)

Estes extras e sobrepreços, se aplicados pela S. N., compensariam os 2 1/2 % que as fábricas belgas concedem a compradores armazenistas.

Acresce que alguns dos redondos para betão da Bélgica não são de fabrico e classe equivalentes aos nossos e não satisfazem aos regulamentos portugueses respectivos.

— Se em vez de varão para betão compararmos barras comerciais verifica-se:

Redondos para Serralharia e Vergalhões: preços da S. N. superiores em 1 a 4 % aos máximos da Bélgica.

Barras rectangulares: preços da S. N. ao nível médio da Bélgica.

Cantoneiras de abas iguais: preços da S. N. ao nível dos máximos da Bélgica.

Perfis IPN e UPN: preços da S. N. sensivelmente mais baixos (da ordem de 10 % de diferença) que os belgas.

Esta comparação respeita aos máximos da nossa tabela.

Em vendas directas a industriais, tem sido imposto à S. N. um esquema de preços reduzidos, baseado nas cotações CECA Fob Anvers para exportação. Em Janeiro último, os nossos preços de base para laminados comerciais correspondentes a tal esquema foram (em números redondos): 3.170$00; 3.450$00; 3.740$00 — conforme o destino dos fabricos metalomecânicos e o grau, menor ou maior, da protecção de que estes desfrutam. Tais preços já têm sido muito mais baixos (pelo menos 22%). Ora as vendas nestas condições atingem volume bastante (além de crescente) para baixarem a média dos preços em perto de 200$00.

Acresce que na Bélgica, os laminados comerciais são também agravados com extras de carga e de quantidade que mais alteram a nosso favor a comparação feita atrás.

2. As tabelas do Luxemburgo acompanham muito de perto as da Bélgica. Os dois países vendem elevadas percentagens das suas produções noutros países do Mercado Comum, apesar dos princípios de não discriminação impostos pela CECA, o que mostra a aplicabilidade dos seus preços.

3. *Os preços S. N. são inferiores aos preços conhecidos nos Estados Unidos* (com excepção dos varões para betão), *da Suécia, da Grécia e da Turquia.*

A Grécia e a Turquia, face a Portugal, dispõem de unidades siderúrgicas de maiores dimensões e estabelecidas muito antes da nossa.

Na Turquia há duas fábricas integradas: a primeira, de 1937, pertence ao Estado; a segunda, que data de 1965, é de propriedade privada. Apesar desta estrutura de produção, os preços naquele País são 30 a 50 % superiores aos portugueses (ver «L'Industrie Sidérurgique» — O.C.D.E. — Paris 1970.

Quanto aos Estados Unidos, merecem realce os preços do fio-máquina e das bandas, cujas bases excedem a partir deste mês 5.100$00 (face a 4.600$00 e 4.200$00 em Portugal), bem como os das chapas a frio que passam a atingir os 6.000$00. Os varões, vergalhões e barras também são mais caros do que em Portugal.

Na Suécia, aquelas chapas finas rondam os 6.000$00.

4. Sobre as condições do mercado interno do Japão não se dispõe de informação bastante, mas «L'Usine Nouvelle» de 28.1.71 diz haver fundamento para crer que as cotações respectivas são relativamente elevadas e não muito distantes dos preços internos americanos. Contudo, e talvez também por isso, os preços japoneses para exportação mostram-se muitíssimo competitivos em todo o mundo.

5. *Os aços S. N. vendem-se aos consumidores, em Lisboa e Porto, a preços que são pouco superiores aos médios correntes no mercado de Madrid;* e na Ilhas Adjacentes só são agravados pela descarga e despesas portuárias no destino (a S. N. suporta os encargos de embarque e transporte marítimo, embora sem a isso estar obrigada).

Esta conclusão tira-se do exame da revista quinzenal «Metales y Maquinas», de Madrid, que publica sistemàticamente os preços no mercado da capital do país vizinho.

O que acontece é que as diferenças e o seu sentido (para mais ou para menos) são muito afectados pelas estruturas dos preços, no tocante quer à sua variação com as dimensões quer às bases escolhidas.

Em Madrid aparecem mais caros os ferros T, barras rectangulares, algumas cantoneiras e, por vezes, II e UU das dimensões menores. As chapas a frio, nuas e galvanizadas, também se vendem a preços superiores aos da tabela oficial portuguesa nas espessuras abaixo de 1,5 ou 1,2 milímetros.

Exemplo signicativo da dificuldade. e portanto do cuidado a usar, nas comparações de preços é o fio-máquina: — o preço de base espanhol é muito baixo. por respeitar ao diâmetro de 13 mm (sendo grande o extra para 5,5 mm) e a especificações qualitativas pouco desejáveis. Quando se compõe o preço para fio equivalente ao da S. N. aquele atinge um valor muito próximo do nosso.

6. O exposto demonstra que os preços por nós facturados não envergonham a Empresa ou o País. Não são dos mais baixos, mas confrontam satisfatòriamente com os de muitos países de tradição e expressão siderúrgicas muito mais elevadas. Com os preços de exportação é que não aceitam confronto, como, aliás, não o aceitam os preços internos da quase totalidade

(Continua na 15.ª página)

cintos de segurança

de dois e três pontos de fixação para todos os modelos e marcas de automóveis.

SAFE

Submetidos aos mais rigorosos testes.
Afinação do comprimento, fechar, e abrir em segundos com uma só mão, sem largar o volante.
Fixação simples e rápida montagem por meio de peças apropriadas.
Elasticidade rigorosamente calculada, baseada na resistência do corpo humano e em verdadeiras condições de acidentes.

SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S. A. R. L.
FILIAIS, AGENTES E OFICINAS AUTORIZADAS VW EM TODO O PAÍS

FOI A ENTERRAR O ÚLTIMO HERÓI (101 ANOS) DAS CAMPANHAS DE MOUZINHO

PORTALEGRE, 11 — Para o cemitério local realizou-se o funeral de Joaquim Durão Cardoso, de 101 anos, considerado o último herói das campanhas de África.

Recentemente entrevistado, o ancião declarara o seguinte:

— Andei na campanha do sr. capitão Mouzinho de Albuquerque. Que grande homem ele era! Parti para África como soldado, em 1891, com mais três mil camaradas. Embarcámos em Paço de Arcos. Fomos para o combate, onde tive a honra de conhecer o nosso comandante. Passou-se por lá mal, comeu-se o que se levava, gastou-se a roupa, ficámos quase em farrapos, mas não desistimos porque tínhamos um comandante que nos dava coragem.

Quanto a Gungunhana, disse ter ajudado a prendê-lo, contando o seguinte episódio:

— Depois de longas caminhadas, chegámos ao Sião e prendemos o filho do temível Gungunhana. O sr. capitão Mouzinho, para lhe meter medo, mandou-nos apontar as espingardas e disse «ou tu dizes onde está o teu pai ou te matamos». O rapaz, um grande negro de 18 anos, cuidando que o matávamos, respondeu: «Não sei», mas apontou com o dedo para o local onde estava o Gungunhana escondido, numa palhota debaixo do chão, tapada com mato. Tirámo-lo de lá para fora e prendemo-lo. O capitão Mouzinho deu-lhe ordem para se ajoelhar, mas ele não quis, e então o sr. capitão obrigou-o. Depois trouxemo-lo preso para o acampamento. Mais tarde foi dada licença para trazer as mulheres que quisesse, pois ele tinha muitas. Trouxe duas: a favorita e a Rosa Tirana, era assim que nós as conhecíamos.

Perguntado sobre se havia recebido medalhas, respondera:

— Não. Nada me deram nem tinham a dar. Fui um simples soldados que obedeceu apenas às ordens do comandante.

O extinto era viúvo e pai dos negociantes de peixe Francisco Durão Cardoso e Jacob Durão Cardoso e de Jacinta da Conceição Farinha Cardoso, paralítica e sem fala, na companhia de quem vivia e que tratava com o maior carinho.

HOMENAGEM A UM BANCÁRIO EM MACEDO DE CAVALEIROS

MACEDO DE CAVALEIROS, 11 — Por ter sido transferido da delegação do Banco Nacional Ultramarino nesta vila para a de Águeda, foi homenageado com um banquete que se realizou no Restaurante Central, o sr. Carlos Eduardo Vaz gerente da dita delegação.

A homenagem assistiram muitos elementos do comércio local e amigos pessoais do homenageado, não só de Macedo como de Bragança, Mirandela e outras vilas do distrito. Trocaram-se muitas saudações, tendo o sr. Carlos Eduardo Vaz sido muito cumprimentado.

ALMEIRIM: MAIS POPULAÇÃO

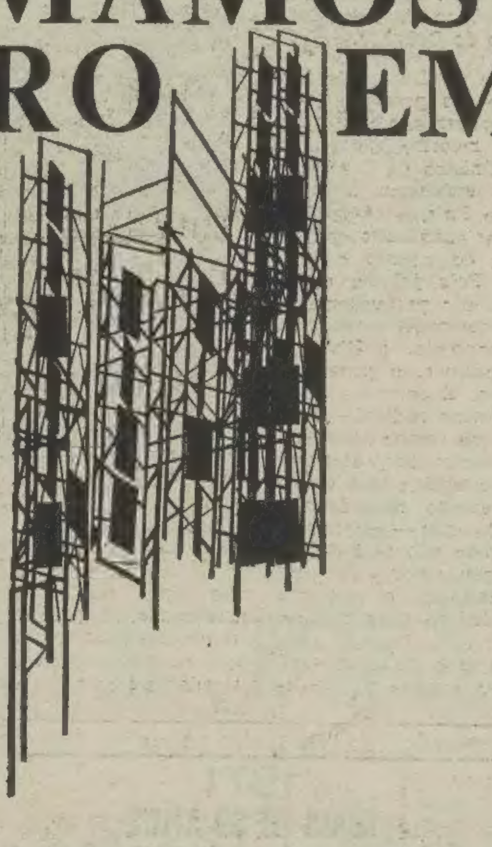
O apuramento preliminar do XI Recenseamento Geral da População levou á conclusão de que a população do concelho de Almeirim aumentou, nos últimos dez anos, quatro por cento.

Das quatro freguesias que compõem o concelho, duas (Almeirim e Raposa) apresentaram decréscimos populacionais.

A freguesia de Almeirim, a mais populosa do concelho, teve um decréscimo de 77 pessoas, o que corresponde a cerca de um por cento. Quanto á freguesia de Raposa, a menos populosa, teve um decréscimo de 28 por cento.

Por outro lado, a população presente da freguesia de Benfica do Ribatejo aumentou 7 por cento e na freguesia de Fazendas de Almeirim esse aumento foi de 17 por cento.

TRANSFORMAMOS DINHEIRO EM PROGRESSO!



FACULTAMOS
crédito a médio ou longo prazo para:
* Investimento * Produção e
venda a prazo de bens de equipamentos nacionais
* Exportação.

COLABORAMOS
com as actividades económicas nacionais na realização de:
* Estudos económicos sobre oportunidades de investimento
* Contactos com empresas nacionais e estrangeiras
para a concretização de iniciativas de interesse mútuo.

REMUNERAMOS
depósitos de prazo superior a um ano,
à taxa de 5,75% com: * Isenção total de impostos
* Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças
* Segurança total.

BANCO DE FOMENTO NACIONAL
METRÓPOLE Sede: LISBOA. Delegações: PORTO, COIMBRA, BRAGA, SANTARÉM, ÉVORA, VISEU, AVEIRO.
ULTRAMAR Direcções-Gerais: LUANDA, LOURENÇO MARQUES.
IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

COIMBRA: DA CRISE À REFORMA

O DIVÓRCIO ESCOLA/ALUNO

—CAUSA DOS MOVIMENTOS ESTUDANTIS

PROSSEGUINDO o debate aberto acerca da reforma do ensino, desejado, em termos claros, pelo prof. Veiga Simão, publicamos hoje o depoimento do prof. dr. Teixeira Ribeiro, catedrático da Faculdade de Direito de Coimbra.

Prof. dr. Teixeira Ribeiro — Romper com ideias anchilozantes

• Depoimento do prof. TEIXEIRA RIBEIRO

Pede-me o «Diário de Lisboa» que me pronuncie, em poucas palavras, sobre o projecto de reforma do ensino que o ministro da Educação Nacional submeteu à apreciação do País.

Ora, nas suas linhas gerais, eu estou de acordo com a reforma. Pois julgo-a capaz de contribuir poderosamente para o desenvolvimento da nossa economia, a divulgação da cultura, o progresso da ciência. E como se trata duma reforma radical — duma reforma que rompe com muitas das ideias anquilosantes que têm estruturado e orientado o ensino nas últimas dezenas de anos — o ministro Veiga Simão não está de parabéns apenas por a ter concebido, também o está por ter tido ânimo para a apresentar.

Claro que a reforma terá de vencer muitas dificuldades para ser devidamente executada. É preciso tempo. É preciso dinheiro. É preciso que os professores, os investigadores e os alunos se compenetrem do seu espírito de renovação. E é preciso, ainda, que o contexto social permita o cultivo desses valores supremos da ciência e do ensino, que são o amor à verdade, a liberdade de crítica, a tolerância. Só assim, com efeito, é que as escolas, sobretudo as de nível superior, se poderão transformar em autênticas comunidades de trabalho.

Mas é precisamente a propósito das escolas de nível superior, das Universidades, que me parece claudicante o projecto da reforma. Como é que hão-de as Universidades transformar-se em comunidades de trabalho se não se garante aos alunos uma conveniente participação nos seus órgãos de governo? Segundo o projecto, os representantes dos alunos não terão assento permanente no conselho universitário (apenas poderão ser convocados sempre que estejam em causa assuntos do seu directo interesse), quando é àquele conselho que compete traçar as grandes linhas de orientação da vida da Universidade. Ainda segundo o projecto, não haverá representantes dos alunos nos conselhos directivos, quando a estes pertence, além de dirigir, fiscalizar a vida da Universidade ou da respectiva Faculdade. Nem está, pelo projecto, garantida aos estudantes a participação na votação dos três nomes de professores catedráticos, dentre os quais o ministro há-de escolher o reitor da Universidade ou o director da Faculdade.

Mas, então, ainda não se reparou em que uma das causas — e das mais relevantes — dos nossos movimentos estudantis é o divórcio entre as escolas e os alunos, é o facto de os alunos não terem voz em matéria de orientação e governo das escolas? Julga-se, porventura, suficiente dar-lhes — como se prevê — representação nos conselhos académicos, isto é, chamá-los apenas a cooperar na resolução dos problemas pedagógicos e culturais?

A isso acresce que se confia às próprias Universidades a elaboração do projecto dos seus estatutos. Confia-se, pois, a elaboração desse projecto às Universidades actuais, aos actuais Senados. Mas esquece-se, então, que não há nestes representação dos estudantes, e nem sequer representação adequada dos professores e dos assistentes?

Eis aqui as observações de maior tomo que me sugere uma primeira leitura dos textos da reforma.

1971
MAIS DE 50 ANOS
DE EXPERIÊNCIA AUTORIZA-NOS A
SUGERIR A ESCOLHA EXACTA

VAUXHALL
"HB" OU "HC"
GENERAL MOTORS

PARA ENTREGA IMEDIATA
DE: 58.000$00 A 79.500$00

AUTO-INDUSTRIAL GM
Lisboa–Avenida Duque de Loulé, 93–95B–Telefones: 538082/562551
Coimbra–Leiria–Caldas da Rainha–Torres Vedras
Estoril–Avenida de Nice–Telefones: 263550/263396

CONFIE NA
Ourivesaria da GUIA
COMO O FAZ HÁ QUASE 100 ANOS, UMA CLIENTELA CADA VEZ MAIS NUMEROSA
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

ENCONTRO DE TURISMO DO RIBATEJO

SANTARÉM, 11 — Na Camara Municipal decorreu a segunda sessão de trabalhos preparatórios do próximo Encontro de Turismo do Ribatejo, durante a Feira Nacional da Agricultura.

Estiveram presentes os componentes das comissões municipais de Turismo do Ribatejo, os presidentes das Camaras Municipais de Almeirim, Alpiarça, Benavente, Cartaxo, Coruche, Rio Maior, Salvaterra de Magos e Santarém, o secretário da Feira Nacional da Agricultura, o presidente da Corporação dos Transportes e Turismo, entidade patrocinadora da iniciativa em colaboração com a Comissão da Feira Nacional da Agricultura, além de todos os técnicos do Centro de Estudos de Turismo da Corporação dos Transportes e Turismo, que se fizeram acompanhar de grande numero de empresários e industriais ligados á actividade turística dos concelhos citados, bem como do vizinho concelho da Azambuja.

Foram discutidas e analisadas as carências dos vários sectores da industria turística da região e os entraves e as dificuldades encontradas na realização de vários projectos em curso, tendo-se procedido ao esboço de estratégias a adoptar de molde a que o Ribatejo, mercê de uma acção conjunta, se possa tornar numa zona especialmente apetrechada para ocupar os tempos livres das populações de Lisboa.

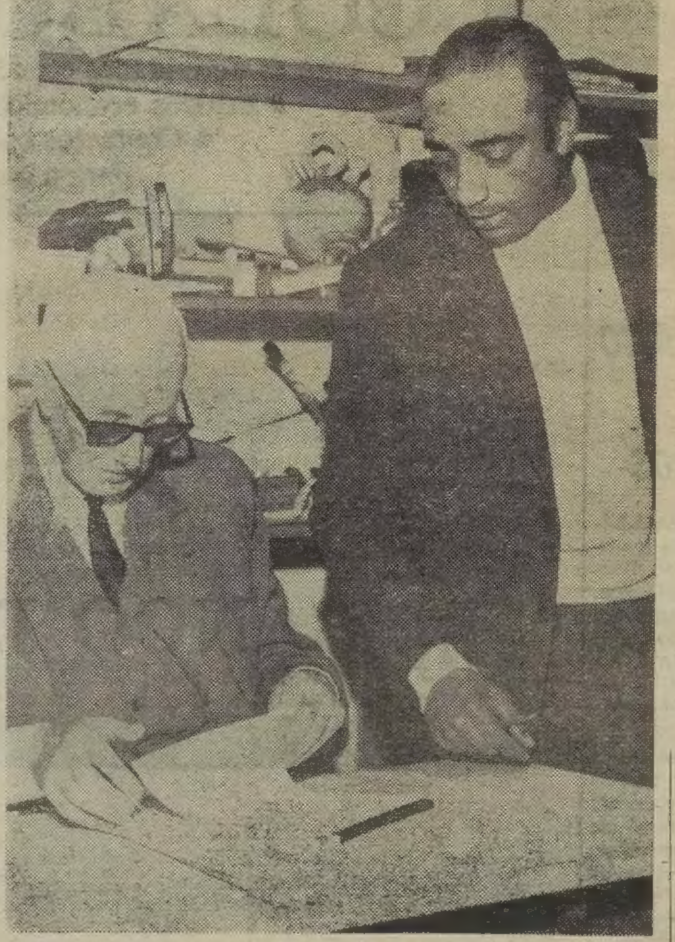
Foram marcadas novas sessões de trabalho para as 14 e 30 dos próximos dias 18, em Abrantes, e 27, em Torres Novas.

Uma senhora (doméstica) de gorro de «tricot» na cabeça; uma médica (reumatologista) concentrada na aventura de desenhar; uma jovem estudante (de belos cabelos compridos) perante um modelo (á vista) objectivado no olhar do (mesmo) pintor Sá Nogueira

MODELO À VISTA PARA GENTE DE TODAS AS IDADES

Era nova, bonita, elegante, mas não tinha aquelas grandes formas opulentas da mulher portuguesa. Era esguia, seca, frágil — o que se pode dizer uma mulher para desenhar. E assim era. Um modelo. Estava ali para a grande aventura de uma mulher nua numa aula de desenho. A' vista e á descrição de quem, entre o indicador e o polegar, num só traço, persegue o acto de ver, visualizar, descobrir. Na Sociedade Nacional de Belas-Artes, começaram as aulas de modelo, integradas no Curso de Formação Artística e aquela mulher nua, tão cor-de-carne, era, de repente, uma infinidade de traços no papel das pranchetas.

Descobrir as linhas de um corpo é um acto que pode levar, a um artista, a vida inteira. Certo. A aventura de ontem para os iniciados começou por levar duas horas e, além do mais, conduziu-os ao risco de reconhecerem que, nem sempre, as suas mãos, no papel branco, seguem a exactidão dos seus olhos, quando estes se habituam a ver com atenção fixadora e reprodutiva. Foi uma coisa maravilhosa.



O pintor Sá Nogueira é bem mais novo do que o seu aluno: o eng.º João De Korth

O MODELO E AS MÃOS

As aulas de modelo funcionam, por assim dizer, como um apêndice ao curso de formação artística. São livres e abertas mesmo a quem não seja aluno do curso, embora prossigam a linha do desenho do primeiro ano da formação artística dita *educação visual* e que se compõe de elementos do desenho, estudo da cor e representação no plano e no espaço — ministrada pelo pintor Sá Nogueira e pelo escultor Conduto.

Portanto, nesta aula de modelo, lá estava o Sá Nogueira a trazer a sua achega aos iniciados. Disse ele:

Desenhar é ver e depois reproduzir assim como se fosse de olhos fechados.

É curioso que a *aluna* que nos refere esta expressão do pintor (que não garante exacta, mas interpretativa) é médica. Reumatologista. E viu, naturalmente, o modelo pela sua óptica clínica. Segundo a dr.ª Taurina Zuzarte: *As mãos do modelo perseguiram-me todo o tempo... é que a moça tem uma evidente artrite reumatoide.*

Ninguém mais o diria.

Duas jovens estudantes (de diferentes idades) do curso de formação artística, na aula de modelo

Nem o engenheiro (reformado do Gás e Electricidade e só o indicamos para se ter a noção da sua idade) João De Korth que, desinibidamente, segue, neste curso, um gosto abandonado de juventude: desenhar; nem a senhora, doméstica, que atentamente segue a aventura de um capricho: desenhar; nem o profissional de publicidade Fernando Camilo que apura necessidades da sua ocupação diária. Nem os estudantes e as estudantes que apendicionaram estas aulas de modelo ao seu curso de formação artística.

À PROCURA DUM (NADA) TUDO

Quem é o modelo? Uma mulher que tem uma profissão e que a exerce ali, nas Belas-Artes (Escola) e, naturalmente, em ateliers. Um modelo de pinutra é sempre um corpo; nunca

(Continua na 16.ª página)

PARA COMPRAR OU VENDER
AS SUAS JÓIAS
BARBOSA, ESTEVES & C.ª, LD.ª
293 — Rua da Prata — 295

RELÓGIOS
De todas as marcas, máxima garantia, preços de concorrência.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

NOVO CURSO DE «MANAGEMENT»

Destinado aos directores funcionais, aos chefes de departamentos das empresas e aos quadros que, não ocupando ainda estas posições, possam vir a ocupá-las em breve, o Instituto Nacional de Investigação Industrial leva a efeito, com início em 15 do corrente mês, um novo curso de «Management».

Os objectivos do curso são, fundamentalmente contribuir para situar o participante na sua organização e na sociedade, levá-lo a conhecer melhor as diversas funções da empresa e a sua integração numa direcção eficiente, e desenvolver nele as aptidões de direcção e de trabalho em grupo.

Os interessados poderão dirigir-se, para mais informações, ao grupo de Formação e Aperfeiçoamento do INII — Rua de Buenos Aires, 28-1.º.

REPORTAGENS (A PRÉMIO) SOBRE A PRAIA DA AREIA BRANCA

O Grupo dos Amigos da Praia da Areia Branca (Lourinhã) instituiu um prémio para o melhor artigo ou reportagem sobre a praia da Areia Branca, publicado na Imprensa portuguesa, entre 1 de Janeiro e 15 de Junho deste ano. O valor do prémio é de 5 000$00, mas o júri poderá atribuir ainda menções honrosas. Os concorrentes deverão enviar, até 15 de Junho, três exemplares do jornal ou revista onde foi publicado o artigo ou reportagem; para a Junta de Turismo da Praia da Areia Branca, na Lourinhã ou para o Grupo organizador.

O concurso tem o patrocínio daquela Junta de Turismo e da Camara Municipal da Lourinhã.

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
INSTITUTO DE CRÉDITO DO ESTADO

NOVAS CONDIÇÕES DE DEPÓSITOS A PRAZO

6 MESES, RENOVÁVEL ..... 4,75 % AO ANO
1 ANO, RENOVÁVEL .... 5,25 % AO ANO
15 MESES, RENOVÁVEL ..... 5,75 % AO ANO

PARA OS DEPÓSITOS A PRAZO JÁ EXISTENTES, AS NOVAS CONDIÇÕES APLICAM-SE A PARTIR DA SUA RENOVAÇÃO

IMPORTÂNCIAS MÚLTIPLAS DE 1000$00 COM O MÍNIMO DE 10 000$00

Os juros dos depósitos estão isentos de quaisquer impostos nos termos da lei.

O Estado assegura a restituição de todos os depósitos efectuados na Caixa, mesmo em casos fortuitos ou de força maior.

Os preços dos aços portugueses

(Continuação da 10.ª página)

dos próprios países grandes exportadores. Esses praticam «dumping» que chega a medir-se por mais de 40 % dos preço internos respectivos e que raramente é inferior a 20 %.

7. Não há país que não defenda a sua indústria siderúrgica. O próprio Mercado Comum, apesar da sua força, mantém direitos alfandegários de 8 a 11 %, a par de certas regras defensivas. Alguns países acrescentam aos direitos normais medidas e/ou direitos «anti-dumping»; outros usam até o seu poder de negociação e pressão para obterem, para as suas áreas, limitações «voluntárias» à exportação por parte dos grandes exportadores.

Assim, defesas legítimas, equitativas, não têm que ser esmola, a mendigar ou simplesmente a aceitar e agradecer; nem ferrete com que se estigmatizem iniciativas ou actividades desejadas, justificáveis e consentidas; nem base para exigências de coisas impossíveis; nem ponto de incidência de simpatias ou antipatias; nem instrumento de política que não seja a da Nação. E não devem ser confundidas com proteccionismo, que não são e cujo colorido só tende a prejudicá-las.

Há que merecê-las, correspondendo-lhes. Mas a Siderurgia Nacional não está menos consciente dos seus deveres e débitos que dos seus direitos e créditos. E tem a certeza de apresentar um saldo francamente positivo para o País: — a seu tempo poderá desenvolver a demonstração dos efeitos da sua actividade, nomeadamente por fomentar, sustentar e proteger outras (ou servir-lhes de veículo de protecção).

Quantas actividades e empresas não existem no País com defesas e preços relativos mais favoráveis do que os da nossa industria siderurgica? E em quanto excedem a idade desta? E o que avançaram no caminho da competitividade e da verdadeira maioridade?

E que ajudas não existem noutros países e que nós não temos — como dinheiro quase sem juro e a muito longo prazo, preços especiais em matérias-primas, subsídios directos ou indirectos, e outras facilidades?

8. Em termos relativos, os preços praticados em Portugal melhoraram muitíssimo nos dois ultimos anos. De facto, além, da baixa efectivada em 1 de Janeiro de 1969 e de substanciais aumentos de ordenados, que considerou e considera justo promover, viu processarem-se grandes encarecimentos de transportes, de minérios, de peças e materiais diversos e, sobretudo, do coque (cujo preço quase duplicou de 1969 para 1971 e que tem enorme incidência nos preços de custo do aço).

Estes encarecimentos motivaram lá fora apreciáveis subidas de preços dos produtos siderurgicos, a que outras em breve sucederão, segundo vem sendo anunciado.

Ora, até Abril de 1972, Portugal tem a desvantagem de não produzir coque e estar, portanto, sujeito ás especulações que sobre ele incidem, mesmo com contratos firmados em devido tempo. O preço por que tem esta matéria-prima indispensável é 30 % superior ao que ela custa ás siderurgias do Mercado Comum.

Mesmo assim quer e poderá viver com as defesas normais (especialmente contra formas anómalas de concorrência, como lhe foi legalmente assegurado) e com as condições que teria se associada á CECA.

Não estaria certo, não seria moral e representaria incumprimento de obrigações assumidas que a já referida atmosfera de proteccionismo, que sobre ela se faz pesar, servisse para impor-lhe preços mais baixos do que os que conseguiria naquele regime.

Isso representaria a ruina do seu futuro e constituiria condenável embargo á obra que tem á sua frente e que requer realização.

Felizmente, não duvida de que o Estado, como lhe compete, é pessoa de bem

Programa de management no G. I. T. A.

Amanhã e depois, prossegue no Centro de Selecção e Formação Profissional do Grémio dos Industriais de Transportes em Automóveis, o programa de «management» iniciado em Janeiro ultimo.

Intervém como monitor o eng.º Pedro Reis Santos, que orientará as sessões: «A empresa e o seu funcionamento». Inscreveram-se 22 empresas de transportes, com cerca de 30 participantes.

EXCURSÃO DA C. P.

CARNAVAL NO ALGARVE E AMENDOEIRAS FLORIDAS

Dias 21 e 23 de Fevereiro

A C. P. realiza nos dias 21 a 23 de Fevereiro, em colaboração com a Agência de Viagens Empresa Geral de Transportes, uma excursão ao Algarve, incluindo viagem em combois de 1.ª classe e um percurso turístico rodoviário às principais localidades da região. Almoço, á ida, e jantar, á volta, no comboio. Entrada no Corso de Loulé.

Itinerário 1
(Hotéis Faro e Vasco da Gama) .... 950$00
Itinerário 2
(Hotel Eva) .... 1050$00

Bilhetes á venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124), nas Agências de Viagens autorizadas e nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro, em Lisboa, onde são distribuídos programas descritivos.

Comprando propriedades o seu dinheiro valoriza-se

Venda e aluguer de APARTAMENTOS MOBILADOS DESDE 150 CONTOS

J. PIMENTA, SARL

6000 Clientes satisfeitos recomendam-nos

Analise as nossas vantagens
★ Para rendimento óptima aplicação de capital
★ Preços muito acessíveis
★ Andares de 2 a 10 divisões assoalhadas
★ Zonas de rápido desenvolvimento e valorização

LOCAIS DE CONSTRUÇÃO
Paço de Arcos — B.º Comendador Joaquim Matias ● Cascais — Conj. Turistico da Pampilheira ● Reboleira — Edifício Oeiras

ESCRITÓRIOS:
LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telefs. 45843/47843
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 952021/22
COIMBRA: Avenida Fernão de Magalhães, 470, 1.º, Sala 1
CASTELO BRANCO: Praça do Rei D. José (com entrada pela Rua da Figueira)

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

ATENÇÃO
MINHAS SENHORAS
SALDOS SENSACIONAIS
455
ESTRADA DE BENFICA
MALHAS ● PRONTO A VESTIR
FATOS DE BANHO ● CINTAS
SOUTIENS ● LINGERIE, ETC.

A NOVA MÁQUINA DE LAVAR LOUÇA DA AFAMADA MARCA ALEMÃ
ELEGANTE ROBUSTA ECONÓMICA Linde

LINDE UMA UTILIDADE EM CADA LAR
SUPERMANOS
Largo do Mastro, 3 a 9 — LISBOA
Distribuidores Gerais em Portugal — Apartado 189 PORTO

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO CARREGADORES AÇOREANOS
N/M «COURLAND»
Sai de LISBOA no dia 15 de Fevereiro
para LONDRES DOVER SHEERNESS (se convier)
●
ACEITAM-SE CARGAS
CONTACTE COM OS NOSSOS SERVIÇOS NA
AV. D. CARLOS I, 42-4.º — TEL. 690151 — LISBOA-2

OS SALDOS
NOS TECIDOS
ALMIRANTE, LDA.
AVENIDA ALMIRANTE REIS, 23-A
de MALHAS — ATOALHADOS
COBERTORES — LINGERIE
CAMISARIA e CONFECÇÕES, etc.
CONTINUAM
TUDO POR MENOS DE METADE DO SEU VALOR

boite

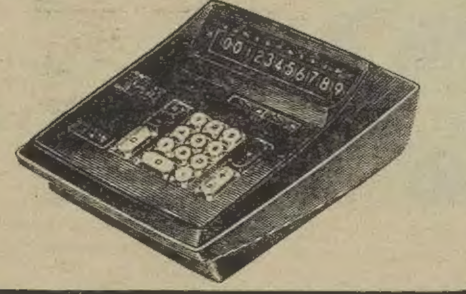
hippoppótamo
Conjunto privativo e música de discos
AMBIENTE SELECCIONADO
Aberto das 22 às 5 horas M/ 17 anos
Av. António Augusto de Aguiar, 3 — Telef. 48384

MERCEDES
CADILLAC — OPEL — VAUXHALL E FORD
REPARAÇÕES E CORRECÇÕES DE DEFEITOS
Pessoal especializado nesta marca.
Ferramental apropriado.
Correcções de defeitos e reparações gerais.
Secções de MECANICA, BATE-CHAPAS, ELECTRICISTA, PINTURA e ESTUFADOR.
Reparações em CAIXAS E DIRECÇÕES AUTOMATICAS.
Trabalhos de 1.ª. Serviço rápido e eficiente, executado por oficiais.
ORÇAMENTOS PRÉVIOS
COTAL — R. de Artilharia Um, 105-A — Tel. 68 31 31 / R. dos Lusíadas, 113-A — Tels. 63 10 57/8
SERVIÇO INDEPENDENTE

QUINTÃO
TAPETES, CARPETES E ALCATIFAS
30, Rua Ivens, LISBOA

SALDOS
DE ARTIGOS PARA DECORAÇÃO, ESTOFOS, CARPETES, PASSADEIRAS E TAPETES
Tecidos de seda, Jacquard, Jutas lisas e estampadas
Gobleins, Gorgorões, etc. .... desde 20$00
Retalhos para sanefas e almofadas ...... desde 5$00
Voil e marquisetes lisas e fantasia ...... desde 9$00
Veludos de lã e algodão .... desde 76$00
RAUL NETO, LDA.
PRAÇA DA FIGUEIRA, 18-2.º (c/ elevador)
Esquina Rua Prata

Se está interessado numa calculadora electrónica, peça uma demonstração (sem qualquer compromisso) duma
Toshiba TOSHIBA
e... sòmente depois resolva!



TOSHIBA oferece-lhe mais possibilidades de cálculo (talvez por menos dinheiro) e uma qualidade primorosa baseada numa longa experiência electrónica.
TOSHIBA é vendida com a garantia e assistência técnica dos seus
Representantes exclusivos em Portugal:
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S. A. R. L.
RUA DA PRATA, 68 - TEL. 361545 - LISBOA
RUA SANTO ANTÓNIO, 208-TEL. 25581 - PORTO
— e suas filiais e agências em todo o país —

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

NAVIOS	SAÍDAS	PORTOS DE DESTINO
«Moçambique» *	17 de Fevereiro	Funchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cabo, Durban, Lourenço Marques, Moçambique, Nacala e Porto Amélia. (Carrega em Lisboa até 14 de Fevereiro).
«Porto Amélia» *	17 de Fevereiro	Lourenço Marques, Beira e Nacala (Carrega em Lisboa até 14 de Fevereiro).
«BEIRA» *	25 de Fevereiro	Luanda, Lobito, Moçâmedes, Lourenço Marques, Beira, Nacala e Porto Amélia (se necessário).
«ROVUMA» *	28 de Fevereiro	Príncipe, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Novo Redondo, (se necesssário) e Porto Amboim.
AGÊNCIA CARGA AÉREA	Diàriamente	Para todo o Mundo

* Com escala prévia por Leixões

Reserva de passagens: Telef. 34764 e 369172

LISBOA — R. DO COMERCIO, 85, TEL. 323021
PORTO — R. INFANTE D. HENRIQUE, 63, TEL. 22438

SALDOS DE BALANÇO
NOVOLAR
139-R. FERREIRA BORGES-143
PREÇOS SENSACIONAIS

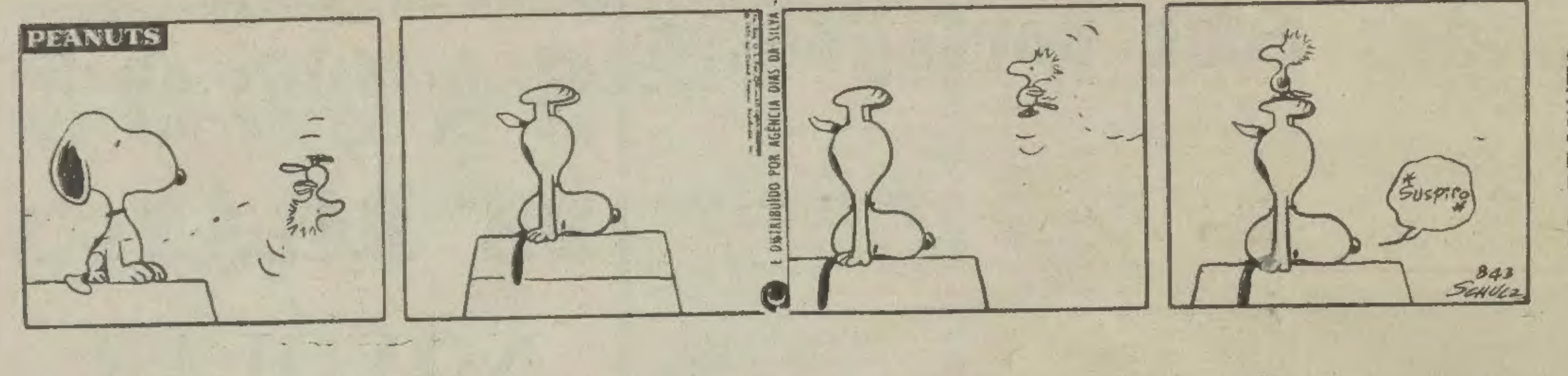
belarte
Intra-matic

O relógio automático mais baixo e elegante do mundo
Da HAMILTON Suiça
Os Inovadores

Transit
as únicas comerciais 100%

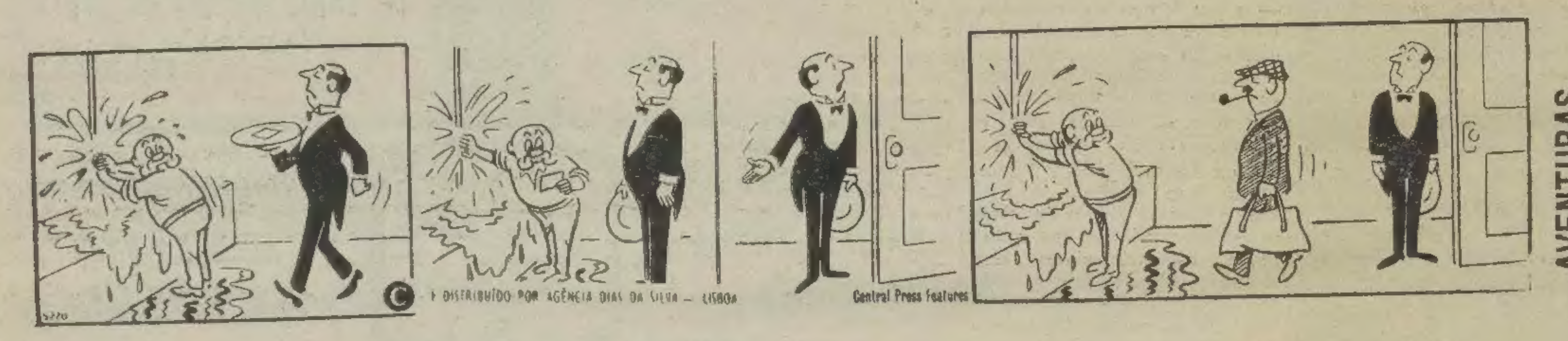
Gasolina e Diesel Utilitárias de 6 e 9 lugares
não se contente com menos!
LINCURI
CONCESSIONÁRIOS Ford
AV. DA REPÚBLICA, 32 — LISBOA
E CONCELHOS DE CASCAIS, LOURES, OEIRAS, SINTRA E VILA FRANCA DE XIRA

OS PEANUTS



CAROL DAY

AVENTURAS DO TIO CARLOS



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 11 de Fevereiro de 1941 publicava:

«VICHY, 11 — Confirma-se que o generalíssimo Franco e Serrano Suñer, ministro dos Negócios Estrangeiros do Governo espanhol, viajam nesta ocasião através da França com o objectivo aparente de conferenciarem com Mussolini, e talvez com Hitler, na Itália.

«Franco e Serrano Suñer, quando regressarem, na quinta-feira próxima, conferenciarão na Riviera com o marechal Pétain, que para ali partiu esta manhã num comboio especial.»

Camões conimbricense

COIMBRA, 11 — «Subsídios para um estudo da natalidade coimbrã de Camões» foi o tema da palestra da ultima reunião do Rotary Clube local, a cargo do sr. Alberto Ruivo.

Segundo o palestrante, o problema continua a ser uma incógnita mas há fortes razões para crer que o famoso lírico teria nascido à beira do Mondego.

CAMISAS POR MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

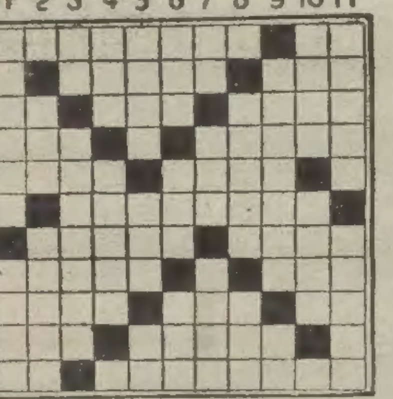
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5802

HORIZONTAIS: 1 — Usam. Nota musical. 2 — Mamíferos ruminantes. Um cento. 3 — Abreviatura de Santíssimo. Doçura. Recente. 4 — Colocar. Guardar segredo. 5 — Aves pernaltas. Tinja. 6 — Feridos. 7 — Fural. Cantiga. 8 — Simples. Ave trepadora do Brasil. 9 — Cidade da Grécia. Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses. Atmosfera. 10 — Repreensão (Fig.). Bebedeira (Fig.). 11 — Preposição e artigo definido. Deitaras a semente à terra.

VERTICAIS: — Expelem cuspo. Cidade da Arábia. 2 — Ruído. Antiquado. 3 — Senhor. O mesmo que ramagem. 4 — Possui. Curas. 5 — Ligam. Chefe etíope. Lã. 6 — Doença. Duzentos e um em romano. Pronome pessoal. 7 — Artigo definido. Filtra. Geme. 8 — Conta. Carne da coxa. 9 — Movera o colo. Sufixo que designa estado. 10 — Magote. Fado. 11 — Fruto da amoreira. Brisas.



Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5801

HORIZONTAIS: 1 — Reverteriam. 2 — Acaso. Cirro. 3 — Moita. Apare. 4 — Aa. Al. 5 — Sra. MIV. Aia. 6 — Arrã. Erra. 7 — Cãs. Réu. 8 — It. Içada. NO. 9 — Noiva. Atais. 10 — Haver. Dados. 11 — Ásaro. Emalo.

VERTICAIS: 1 — Ramos. VINHO. 2 — Ecoara. Toar. 3 — Voi. Arc. Ivã. 4 — ESTÁ. Raives. 5 — Roa. Máscara. 6 — Cl. A. 7 — Eça. VERDADE. 8 — Ripa. Reatam. 9 — Ira. Aru. Ada. 10 — Arraia. Nial. 11 — Moela. Cosso.

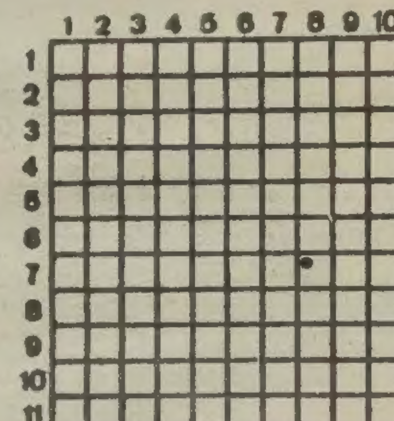
PROVÉRBIO: **No vinho, está a verdade.**

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9645

HORIZONTAIS: 1 — Resto de vela. Estimas. 2 — Suma. Vergo com o peso. 3 — Árvore ornamental cujas flores e folhas se empregam em medicina. Molestem. 4 — Seguia. Lí. Prata (s. q.). Oferece. 5 — Jogo dianteiro das carretas de artilharia. Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto. 6 — Artigo definido. Pronome reflexo. 7 — Conjunção. Passa rápidamente. Cidade da U. R. S. S. 8 — Átomo (abrev.). Sulco. Érbio (s. q.). 9 — Sussurro. Agro. 10 — Povo mongol do Sul da China e da Indochina. Cheiro. 11 — Espécie de andorinha. Rio de França.

VERTICAIS: 1 — Parte do Egipto do N. E. no deserto que separa o Egipto da Palestina a E. do canal do Suez. Nome de mulher. 2 — Preparar com ópio. Tratai por tu. 3 — Bigorna de ourives. Pedras de moinho. O mesmo que amir. 4 — Figuras formadas por dois arcos que se cortam superiormente. Nome de flor. 5 — Rio dos Estados Unidos. Caminhar para cá. 6 — Pronome pessoal. 7 — Grande cão de fila. Mau cheiro. 8 — Aduzes em defesa. Vãos. 9 — Conjunção. Pronome possessivo. Passada. 10 — Anui. Mau cheiro. 11 — Totais. Poteto (pop).



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9644

HORIZONTAIS: 1 — Destapariam. 2 — Alei. Avia. 3 — Cem. Elo. Aar. 4 — Ás. Braga. Si. 5 — Dor. Ido. 6 — Toma. Tino. 7 — Sim. Sia. Ala. 8 — Am. Er. 9 — Lista. Amara. 10 — Adora. Depor. 11 — Saras. Anona.

VERTICAIS: 1 — Dacar. Salas. 2 — Eles. Tímida. 3 — Sem. Dom. Sor. 4 — Ti. Bom. Atira. 5 — Erras. Aos. 6 — Pula. IV. 7 — Agita. Ada. 8 — Ra. Adi. Ámen. 9 — Ivã. Ana. Apó. 10 — Aias. Oleron. 11 — Maria. Arará.

MODELO À VISTA

(Continuação da pág. central)

tem nome. É material didáctico, embora, como se depreende, seja a verdadeira razão das aulas que se iniciaram ontem e se repetem todas as segundas e quintas-feiras á noite.

À noite, pois, porque se assim não fosse estes cursos da S. N. B. A., começados em 1965, não poderiam servir quem tem uma profissão e (caso de alguns) procura valorizá-la ou quem tem uma profissão e procura outra (mais que não seja, como ocupação de tempo livre: o tempo de criar).

Segundo o dr. Adriano de Gusmão, que nos falou da formação artística: *«As aulas de modelo procuram facultar aos interessados o que o meio não lhes oferece».*

Talvez por isso, muitas pessoas que nunca pensaram representar ou encenar (senão serem espectadores) frequentam as aulas (de Listopad) ditas de *arquitectura de teatro* que também fazem parte do curso de formação artística.

Mas, voltando ao modelo, que procuram os alunos (como o engenheiro) e as alunas (como a médica e a senhora doméstica) neste curso de formação artística? Parece-nos que um simples nada que para eles é tulo, já que a Arte não se define mas ajuda-se a entender.

T. da S.

CASOS E SITUAÇÕES QUE COMPLICAM A EXISTÊNCIA DE CASAIS DIVORCIADOS

(Continuação da 9.ª página)

«Que fazem os padres para resolver os nossos casos? Dão-nos conselhos de paciência e para rezar. E é com isso que vivemos, que nos dão a felicidade a que temos direito como seres humanos, que acreditamos na religião, e que caímos em casar pela Igreja, já que esta, não nos resolve, depois os nossos problemas que são tão graves? Que são até por bem da Humanidade.

«Desejar ter um lar, marido e filhos será pecado? Há tanta coisa na Bíblia que talvez não seja seguida com o rigor que Deus teria desejado, noutra tanta complicação...»

Além de outras considerações amarguradas, que são de ponderar, a nossa leitora pede-nos a publicação da sua carta, de modo a interessar as entidades compreensivas no momentoso problema e termina com este desabafo:

«Queremos ser, seres humanos, com estado civil definido e constituir legalmente um novo lar. É pedir muito?»

APARTAMENTOS
NO CENTRO DE CASCAIS
ALUGADOS OU LIVRES
Vendem-se em edifício de luxo e no melhor local de Cascais.
Trata o proprietário: Av. Valbom, 28-1.º Dt.º
Telefs.: 282 345 - 282 388 — CASCAIS

Faleceu inesperadamente o prof. Lima Basto

Faleceu inesperadamente, esta madrugada, o prof. Edmundo Lima Basto, professor extraordinário de Cirurgia da Faculdade de Medicina de Lisboa, director clínico do Instituto Português de Oncologia e presidente da Liga Portuguesa Contra o Cancro.

Discípulo, assistente e continuador da obra do professor Francisco Gentil, o prof. Lima Basto gozava de largo prestígio e a sua acção na luta contra o cancro era caracterizada por raro dinamismo e entusiasmo. Além da sua actividade profissional, deixou vasta bibliografia e colaborou, frequentemente, na Imprensa, com o fundamental objectivo de divulgar a necessidade da luta contra o cancro e a importancia dos exames periódicos para o diagnóstico precoce da doença. Era, ainda, uma figura popular, muito ligado á gente do teatro e do desporto, tendo desempenhado, há anos, o cargo de presidente da assembleia geral do Benfica.

Nada fazia prever o fatal desenlace. Esta madrugada, porém, o prof. Lima Basto, quando se encontrava na sua residência, foi acometido de um ataque cardíaco, ficando inconsciente. Foram chamados vários médicos que, dada a gravidade do seu estado, o fizeram conduzir, numa ambulancia, ao Hospital de Santa Maria, onde veio a falecer, pelas 4 e 30.

O corpo foi, depois, trasladado para o Instituto Português de Oncologia, onde têm acorrido numerosas personalidades, colegas, amigos e admiradores do extinto.

O prof. dr. Edmundo Lima Basto contava 59 anos, pois nascera em Lisboa, a 22 de Junho de 1911. Formado em Medicina em 1936, ingressou nesse mesmo ano, como interno, nos Hospitais Civis. Foi assistente do Instituto Português de Oncologia de 1938 a 1944 e, também, assistente da cadeira de Clínica Cirurgica do prof. Francisco Gentil, na Faculdade de Medicina de Lisboa.

Como bolseiro do Instituto de Alta Cultura e do British Council esteve em Inglaterra nos anos de 1939 e 1940, a trabalhar em clínica de cancro e cirurgia, especialmente plástica, com o prof. Harold Gillies. A partir de 1942 passou a reger as cadeiras de Cirurgia Geral e Técnica da Sala de Operações da Escola de Enfermeiras no I. P. O.

Em 1947 estagiou no Sabbatsberg Sjukhus, de Estocolmo, sob a orientação do prof. Clarence Crafoord, para o estudo da cirurgia cardíaca. Seria, porém, o Instituto Português de Oncologia o centro fundamental da sua carreira futura.

O prof. Lima Basto, com efeito, voltou como assistente àquele Instituto onde, com a abertura de um novo bloco hospitalar, foi nomeado chefe de serviço de cirurgia. Em 1949, já em representação do I. P. O. tomou parte, em Barcelona, nas conferências sobre cancro e, em Paris, na Assembleia da União Internacional contra o Cancro, fazendo parte da Comissão Internacional de Investigação sobre Cancro. Visitou, nessa altura, as organizações anticancerosas da Noruega, Suécia, Dinamarca, Holanda e Bélgica.

No ano de 1950, o prof. Lima Basto foi nomeado membro substituto da comissão directora do I. P. O., sendo encarregado de organizar, com o Departamento de Física, o Laboratório de Isótopos Radioactivos. Foi, então, enviado a Inglaterra, estagiando no Royal Cancer Hospital, de Londres, junto do prof. Mayneord.

Em 1951 prestou provas publicas para professor agregado da Faculdade de Medicina de Lisboa. Em 1953 recebeu, em Chicago as insignios de membro do Colégio Americano de Cirurgiões e, no ano seguinte, foi nomeado membro da Comissão de Estudos de Energia Nuclear do Instituto de Alta Cultura. Nesse mesmo ano foi eleito membro da subcomissão para a protecção contra as radiações da Junta de Energia Nuclear.

A partir de 1962, o prof. Lima Basto assumiu o cargo de director clínico do Instituto Português de Oncologia, de que era, igualmente, vice-presidente da comissão directora.

Em 1963, foi nomeado professor extraordinário de Cirurgia na Faculdade de Medicina de Lisboa. O prof. Lima Basto, que publicou numerosos trabalhos e pertencia a numerosas sociedades médicas internacionais, era também presidente da Liga Portuguesa Contra o Cancro.

★

O prof. Lima Basto era casado com a sr.ª D. Solveig Hansen Lima Basto e pai de Marta, Eduardo e eng.º Jorge Hansen Lima Basto.

O funeral do extinto efectua-se amanhã ás 11 horas, saindo o féretro do Instituto Português de Oncologia para o Cemitério Inglês.

Os serviços funebres estão a cargo da Agência Magno.

Prof. LIMA BASTO

D. Laura da Conceição Pereira Franco

Faleceu a sr.ª D. Laura da Conceição Pereira Franco, de 75 anos, natural de Pomares (Arganil), casada com o sr. Joaquim Casimiro Braga Franco. O funeral, a cargo da Agência Gaspar realiza-se amanhã, pelas 14 e 30 horas, saindo da igreja dos Anjos, para o cemitério do Alto de S. João.

A FEDERAÇÃO DE CÂMARAS DO RIBATEJO PARA DISTRIBUIR ENERGIA ELÉCTRICA PODE EXPLORAR OUTROS SERVIÇOS

Foi decretado, em Conselho de Ministros, e promulgado pelo Presidente da República, um diploma que cria a Federação de Municípios do Ribatejo (Alcanena, Alpiarça, Azambuja, Cartaxo, Constância, Golegã, Mação, Santarém, Sardoal e Vila Nova da Barquinha) para «*a execução e exploração das obras destinadas à pequena distribuição de energia eléctrica nas áreas dos referidos concelhos*».

No principio do documento, pode ler-se o seguinte:

«Verifica o Governo, com o maior agrado, que as administrações municipais se encontram conscientes da urgente necessidade de se associarem em federações tendo por objecto a pequena distribuição de energia eléctrica, única forma de manterem serviços àquele fim destinados que correspondam às necessidades da economia nacional em matéria de electrificação do território, pois só assim poderão conferir à exploração directa dos ditos serviços dimensão que faculte as melhores soluções técnico-económicas.»

O documento refere, mais adiante, que, no respeitante aos concelhos de Constância, Mação, Sardoal e Vila Nova da Barquinha a execução e exploração das obras citadas manter-se-á, por um período máximo de três anos, a cargo das respectivas câmaras municipais, mas sob a superintendência da Federação, que deverá conceder aos aludidos corpos administrativos a necessária assistência técnica.

O regulamento interno da comissão administrativa da Federação deverá ser submetido à aprovação dos ministros do Interior e da Economia dentro de 60 dias, e nela poderão integrar-se outros concelhos, ainda que de distritos diferentes. Mais adiante, o documento cita que poderá o ministro do Interior, com o acordo do secretário de Estado da Indústria, autorizar que a Federação explore outros serviços de carácter industrial compreendidos nas atribuições municipais.

MANOBRAS DA N. A. T. O. AO LARGO DA NOSSA COSTA

Unidades navais e aéreas da Alemanha, Estados Unidos, Holanda, Inglaterra, Noruega e Portugal e também da França participam no exercício naval da N. A. T. O. que, na próxima segunda-feira, começará na zona Oriental do Oceano Atlântico Norte.

Segundo um comunicado do Serviço de Informação Pública das Forças Armadas, «*o exercício visa aperfeiçoar a cooperação e o grau de prontidão das forças navais aliadas para garantir medidas de defesa eficazes neste teatro de importância vital*».

A força portuguesa é constituída pelas fragatas «Almirante Magalhães Correia» e «Almirante Ferreira da Silva» e por aviões das bases aéreas do Montijo e de Monte Real.

Quanto à força naval da esquadra francesa, que chega a Lisboa amanhã, é constituída por oito navios, sob o comando do almirante S. Petrochilo, com os efectivos totais de 2291 homens (147 oficiais e 2144 sargentos e praças).

MAIS UM CATEDRÁTICO

COIMBRA, 11 — Esta manhã prestou as suas provas de concurso para catedrático da Faculdade de Letras o sr. prof. dr. Alexandre Fradique Gomes de Oliveira Morujão.

As provas decorreram no Sala Grande dos Actos. Presidiu a vice-reitora da Universidade, sr.ª prof.ª dr.ª D. Maria Helena de Rocha Pereira.

Era numerosa a assistência, constituída por professores, assistentes e estudantes universitários, que revelaram o maior interesse. A prova constou de uma lição, com ponto tirado à sorte, subordinada ao tema: «As reduções no método fenomenológico». Foi comentador o prof. Miranda Barbosa, de Coimbra.

No final, a vice-reitora agradeceu aos professores de Lisboa e Porto a sua colaboração e o júri aprovou por unanimidade, o sr. prof. dr. Frederico Morujão, que recebeu expressivas felicitações.

O JULGAMENTO DO CASO DA HERANÇA SOMMER

Instado pelo Ministério Público, em mais uma audiência do julgamento do caso Sommer, o sr. Henrique Champalimaud esclareceu que, ao longo dos anos, mais concretamente até 1957, sempre o grupo Sommer-Champalimaud se mantivera coeso. O Ministério Público:

— *Mas a posição de António Champalimaud, pouco a pouco, vai-se alterando na Empresa de Cimentos de Leiria. Cada vez necessita menos do apoio desse bloco accionista... Como foi isto?*

Ficou na acta a longa descrição, seguindo-se diversas perguntas e respostas, até que, no final, o dr. Monteiro Dinis inquiriu:

— *Aparentemente, tudo isto parece não ter interesse. Mas é agora que eu lhe vou perguntar o que mais interessa. Durante todos estes anos, como é que seu irmão António tratou o aglomerado de pessoas que de início o apoiou? Durante este lapso temporal, em que se traduziam as relações entre seu irmão António e o aglomerado de pessoas? E como evoluiu a posição accionista deste grupo de pessoas? Considerando os membros deste grupo, qual a evolução accionista até 1957? Mas ignore, agora, as acções de seu tio Henrique Sommer!*

O sr. Henrique Champalimaud respondeu que ao longo dos anos que medeiam entre 1944 e 1957, os membros do agregado familiar a que já fizera anteriormente referência, agregado esse a que então chamou Sommer-Champalimaud, desempenharam diversas funções, não só na Empresa de Cimentos de Leiria, como também em outras sociedades de alguma maneira a ela associada. No desempenho desses cargos, todavia, limitaram-se sempre a seguir instruções e orientações emanadas de seu irmão. A posição accionista que esse grupo detinha em 1944 era sensivelmente maior em 1957 adentro do contexto da Empresa de Cimentos de Leiria, se bem que as posições individuais dos diversos membros tivessem sofrido profunda alteração.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

VIOLENTOS COMBATES EM AMÃ

AMÃ, 11 — (A. N. I.) — Voltaram a registar-se violentos combates em Amã entre guerrilheiros palestinianos e forças jordanas — anunciaram informadores palestinianos, que acrescentaram que as autoridades entregaram armas á polícia privativa dos guerrilheiros para utilizarem contra os soldados.

A comunicação foi feita por Ibrahim Bakr, informador da Comissão Central das organizações guerrilheiras e presidente das delegações de guerrilheiros nas reuniões com o Governo e com a Comissão Árabe de Tréguas.

Em círculos palestinianos afirma-se que morreram algumas pessoas, incluindo milicianos e civis, e que os recontros de hoje foram os mais violentos desde os de Janeiro. Segundo informadores dos guerrilheiros, as forças governamentais utilizaram tanques e metralhadoras.

SEISCENTOS SOLDADOS COM TANQUES

CAIRO, 11 — (F. P.) — Seiscentos soldados e alguns blindados do exército jordano atacaram esta manhã o «Djebel» El Hamlane, em Amã, onde se encontra um centro de reunião da milícia — anunciou esta tarde no Cairo um informador do Comité Central da Organização para a Libertação da Palestina (C. C. O. L. P.).

Antes do assalto — acrescentou o informador — o exército jordano disparou tiros de artilharia pesada que atingiram vários edifícios civis e o prédio que é sede da milícia. Foram então distribuídas armas da milícia aos civis — prosseguiu o informador — e houve vários mortos e feridos, tanto na milícia como nos civis.

O assalto prosseguia ainda ás 14 e 30 (hora de Lisboa).

GUNNAR JARRING NÃO QUER SER UMA «CAIXA DE CORREIO»

TEL-AVIV, 11 — (F. P.) — Planos precisos de regulamentação territorial entre o Egipto e Israel são atribuídos hoje a Gunnar Jarring pelo jornal «Maariv», que anuncia, como de resto todos os seus confrades, ter o diplomata sueco decidido «assumir um papel mais activo nas negociações que têm o seu nome e deixar de ser, pura e simplesmente, uma caixa de correio».

«Esses planos», precisa o jornal, «preveriam fronteiras israelo-egípcias idênticas ás que existiam entre a Palestina sob mandato britanico e o Egipto, sendo Gaza atribuída a Israel. Por outro lado, um acordo especial seria realizado sobre Charm el Cheikh, mantendo o Egipto a administração da região, que receberia, no entanto, uma força internacional encarregada de proteger a liberdade de navegação».

O jornal sublinha, todavia, que é impossível obter confirmação das propostas atribuídas a Jarring.

UM REINO DOS HIMALAIAS NA O. N. U.

NAÇÕES UNIDAS, 11 — (R.) — O Conselho de Segurança da O. N. U. recomendou hoje, por unanimidade, que o reino do Butão (nos Himalaias) seja admitido como o 128.º membro das Nações Unidas.

Esta decisão terá que ser aprovada pela Assembleia Geral na sua próxima sessão.

A candidatura do Butão a membro da O. N. U. foi patrocinada pela União Indiana, cujo embaixador falou no Conselho de Segurança, recordando a intima cooperação que existe entre a India e aquele reino.

Uruguai, 1-Alemanha Oriental, 1

MONTEVIDEU, 11 — (A. N. I.) — A Alemanha Oriental e o Uruguai empataram por 1-1 num jogo amigável disputado ontem á noite no Estádio Central desta cidade, perante escassas 8 mil pessoas.

Os alemães, que na segunda-feira haviam vencido os uruguaios por 2-0, foram os primeiros a marcar, aos 35 minutos do primeiro tempo, mas na segunda parte os sul-americanos conseguiram igualar.

Dispositivos de segurança para automóveis propostos em Itália

ROMA, 11 — (F. P.) — Foi apresentada á Câmara dos Deputados uma proposta de lei destinada a melhorar a segurança dos automóveis, a qual prevê a aplicação obrigatória, a partir de 1 de Janeiro de 1972, de seis dispositivos de segurança em todos os automóveis que saiam das fábricas ou sejam importados.

São as seguintes essas medidas:

- **Extintor de carga permanente e funcionamento imediato.**
- **Cintos de segurança com três pontos de fixação para os assentos dianteiros.**
- **Volante telescópico.**
- **Apoios de cabeça.**
- **Fechos capazes de suportar uma força de abertura de pelo menos 500 quilos.**
- **Depósito de carburante de matéria plástica e afastado da bateria.**
- **Além disso, os carros importados deverão ter vidros estratificados, já obrigatórios nos veículos fabricados em Itália.**

Actualidade internacional

Cinquenta mortos na Califórnia em consequência do sismo

(Continuação da 1.ª página)

casa antes de amanhã. Nesse momento, o nível da água contida pela barragem já terá baixado o suficiente para afastar qualquer perigo.

O vice-presidente Spiro Agnew, enviado pelo presidente Nixon para vigiar o auxílio concedido á região sinistrada, sobrevoou ontem Los Angeles de helicóptero. Falou com os antigos combatentes do hospital de Sylmar e qualificou o sismo de «tragédia terrível».

De acordo com as primeiras estimativas, o montante dos estragos só na região á volta de Los Angeles elevar-se-ia a mais de 125 milhões de dólares. Os danos mais importantes são os registados nos edifícios comerciais como o do Olive View, no valor de 30 milhões de dólares, que ficou inteiramente destruído.

Por enquanto, contam-se na área cerca de 1800 casas de habitação ou caravanas parcial ou totalmente demolidas.

A CASA DE BORGNINE SOFREU PREJUÍZOS

ALMERIA (Espanha), 11 — (A. N. I.) — Ernest Borgnine, o actor norte-americano que alcançou um Oscar pela sua interpretação no filme «Marty», anunciou que a sua casa da Califórnia sofreu prejuízos, devido ao tremor de terra que na terça-feira abalou a região de Los Angeles.

Borgnine trabalha presentemente com Raquel Welch num «western», intitulado «Annie Caulder», que está a ser rodado na região de Almeria.

ASSAF DAYAN, filho do célebre Moshe, afirmou ter uma grande admiração pelo pai, mas não ser homem para lhe seguir as pisadas. Assaf, que é actor, visitou recentemente a capital inglesa, onde o vemos acompanhado pela esposa, Arona.

POSSÍVEL CONDENAÇÃO DE SUSAN ATKINS À CÂMARA DE GÁS

LOS ANGELES, 11 — (F. P.) — Susan Atkins «não se sente culpada» dos assassínios, que confessou, de Sharon Tate e dois dos seus amigos, bem como do músico Gary Hinman.

Acha justo matar uma pessoa? — perguntou-lhe um advogado. «Como não, se é por amor» — respondeu a ré e continuou: «Disse a Sharon Tate que não tinha pena nenhuma dela e também não peço que tenham pena de mim. Na cadeia ou fora da cadeia é a mesma coisa. Há mais grades lá fora do que cá dentro». Susan Atkins arrisca-se a ser condenada á camara de gás.

Tinha sido ela, confessou também, que tivera a ideia de escrever «pigs» (porcos), com sangue, na porta da casa dos Polanski. Era para imitar o que se fizera no assassínio de Gary Hinman. «Political piggie» tinha sido, com efeito, escrito com sangue na parede da casa do músico, que foi morto á facada.

Susan indica que um jurista a tinha incitado a contar a sua história e que, em seguida, a tinha vendido sem o seu consentimento por 70 000 ou 90 000 dólares. Essa história foi publicada com o título «O assassínio de Sharon Tate».

A jovem afirmou ontem que o procurador a ameaçara de pedir para os seus co-réus a camara de gás se ela não cooperasse suficientemente.

Contando as pretensas pressões de que foi alvo, Susan dirigiu-se várias vezes ao procurador Vincent Bugliosi dizendo-lhe: «Vince, você sabe que isto é a verdade»...

Foi o depoimento de Susan que levou á pronúncia de Charles Manson, Leslie Van Houten e Patrícia Krenwinkel pela chacina na vivenda Polanski. Susan, a quem fora prometida a impunidade em troca deste depoimento, veio a retratar-se e foi pronunciada juntamente com os outros.

Segundo Susan, Bugliosi prometera-lhe que ela só passaria sete anos numa penitenciária, que seria solta em seguida sob palavra e que lhe seria confiado o seu filho.

Falando calmamente, em tom monocórdico, a jovem (tem 22 anos), toda vestida de preto, continuou, voltando-se para o procurador: «Pensava que este homem era sincero».

Conforme foi anunciado, Bugliosi pediu a camara de gás para os quatro réus reconhecidos culpados de assassínio com premeditação. O debate actual tem por finalidade determinar a sentença: morte ou prisão perpétua.

FOI ASSINADO O TRATADO DE DESNUCLEARIZAÇÃO DOS FUNDOS SUBMARINOS

MOSCOVO, 11 — (F. P.) — A URSS, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha assinaram, hoje, em Moscovo o tratado para a desnuclearização dos fundos submarinos — anuncia a agência Tass.

O tratado foi assinado por Andrei Gromyko (URSS) e Jacob Beam (Estados Unidos), e «Sir» Duncan Wilson (Grã-Bretanha), ambos embaixadores dos seus países em Moscovo.

Além dos três países da iniciativa — URSS, Estados Unidos e Grã-Bretanha — assinaram o documento os ministros dos Negócios Estrangeiros dos Países socialistas e os embaixadores de uma trintena de países.

Duncan Wilson, embaixador da Grã-Bretanha, assinou duas vezes, a primeira em nome da Grã-Bretanha e a segunda em representação da Irlanda do Norte.

Tanto a França como a China estiveram ausentes desta cerimónia.

Numa breve alocução, Alexei Kossyguine congratulou-se com a assinatura do tratado, salientando a concluir: «É certo que actos como o presente podem servir plenamente a paz, se as actividades dos Estados em matéria política estrangeira se inspirarem nos objectivos da manutenção e do fortalecimento da paz e não nos do agravamento da tensão internacional e da agressão».

MORREU O GENERAL ALI AMER

CAIRO, 11 — (R.) — O general Ali Amer, antigo chefe do estado maior das Forças Armadas Egípcias, faleceu em Alexandria, segundo anuncia hoje o jornal «Al Ahram».

O soldado-veterano, de 64 anos, morreu ontem, vitimado por um ataque cardíaco — acrescenta aquele jornal cairota.

O general Amer formou-se no colégio de estado-maior militar de Camberley, em Inglaterra, em 1938, e foi nomeado comandante-chefe dos exércitos árabes em 1964, até á sua reforma, em 1968.

Esteve em acção na guerra da Palestina de 1948, e foi nomeado comandante da zona do Canal de Suez em 1956.

TIROTEIO EM AMÃ

BEIRUTE, 11 — (R.) — Foram suspensas hoje as carreiras de aviação com passagem em Amã após se ter desencadeado tiroteio na zona do aeroporto — anunciaram fontes dos «comandos» palestinianos.

Ignoram-se ainda quais os prejuizos materiais e as baixas causadas pelos incidentes, mas presume-se que o tiroteio, com armas de vários calibres, teria sido travado entre as forças de segurança e unidades dos «comandos» palestinianos.

PROFESSOR DOUTOR
EDMUNDO LIMA BASTO
FALECEU

Sua familia cumpre o doloroso dever de participar o seu falecimento e que o funeral se realiza amanhã, às 11 horas, saindo do Instituto Português de Oncologia para o cemitério Inglês.

AGENCIA MAGNO — Telef. 534167

Os guerrilheiros aproximam-se da capital laociana

VIENTIANE, 11 — (F. P.) — O posto de Phu Barre, situado a cinco quilómetros da importante base laociana de Vang Vieng e a [illegible] quilómetros ao norte de Vientiane, está cercado desde ontem pelos norte-vietnamitas.

A presença destas forcas nas proximidades de Vang Vieng mostra que a estrada Vientiane-Luang Prabang, eixo vital do Laos, se encontra agora directamente ameaçada.

A base de Vang Vieng, que se situa á beira desta estrada, é o principal ferrolho de protecção da cidade de Vientiane. Na opinião dos observadores militares, será muito difícil defender a capital laociana se os 2000 soldados neutralistas, fiéis ao governo real, que ocupam Vang Vieng, forem submersos pelos norte-vietnamitas.

TCHEPONE OCUPADA?

SAIGÃO, 11 — (F. P.) — A ocupação da cidade laociana de Tchepone — ponto estratégico na estrada número 9 — por tropas de escol sul-vietnamitas não foi ainda confirmada oficialmente. De fonte bem informada, porém, indica-se que pára-quedistas sul-vietnamitas, transportados em helicópteros americanos, operam na proximidade dessa cidade-chave. É a Tchepone que vão ter as estradas e os caminhos que formam a «pista Ho Chi Minh», segundo os peritos militares.

Um dos enviados especiais da A.F.P., que acompanha o avanço das colunas sul-vietnamitas, informara na terça-feira terem sido já alcançadas localidades laocianas situadas a menos de 15 quilómetros de Tchepone.

Aparentemente, o grosso das tropas norte-vietnamitas tinha deixado a cidade e as imediações antes da chegada das forças sul-vietnamitas, ás quais vieram juntar-se em Tchepone forças especiais militares laocianas (governamentais).

Dizem os peritos militares que as forças norte-vietnamitas foram prevenidas com suficiente antecipação da iminência da operacão, para se retirarem, levando uma parte das suas munições. Não houve, portanto, efeito de surpresa. Todavia, a rapidez da chegada dos pára-quedistas não lhes permitiu evacuar tudo. Foram assim encontrados na «pista» dois blindados de fabrico soviético, bem como granadas e foguetões.

Esta ausência de tropas norte-vietnamitas poderá significar que as mesmas decidiram recorrer á táctica de guerrilhas recomendada por Mao Tsé Tung e pelo general Giap.

ABATIDO UM HELICÓPTERO COM QUATRO FOTÓGRAFOS

SAIGÃO, 11 — (R.) — O fogo antiaéreo norte-vietnamita derrubou no Laos um helicóptero em que seguiam quatro fotógrafos da Imprensa estrangeira e dois oficiais sul-vietnamitas, de alta patente — revelaram hoje fontes da Força Aérea.

Entre os fotógrafos havia veteranos com anos de experiência no Vietname: o inglês Larry Burrows, da «Life», e o francês Henri Huet, da Associated Press.

Os outros dois eram o americano Ken Potter, da UPI, e o japonês Keis Aburo Ximamota, ao serviço da «Newsweek».

O helicóptero caiu a 18 quilómetros a oeste de Khe Sanh e estão a ser feitas buscas para encontrar sobreviventes.

O aparelho abatido fazia parte de um grupo de quatro em que seguia o general Xuan Lam comandantes das forças sul-vietnamitas que tomaram parte na invasão do Laos. O helicóptero do general não foi atingido e regressou a salvo a Quang Tri.

Lon Nol demitiu-se?

SAIGÃO, 11. — (F. P.) — O general Lon Nol, primeiro-ministro do Camboja, teria — segundo boatos nos meios diplomáticos de Saigão — apresentado a demissão quando do ataque dos guerrilheiros contra o aeródromo de Phnom Penh, em 22 de Janeiro, que destruiu quase toda a aviação cambojana. Também o incidente entre soldados cambojanos e sul-vietnamitas, em pleno centro da capital, o tinha desanimado.

O general Lon Nol teria ido mesmo até ao ponto de apresentar secretamente a sua demissão ao chefe do Estado, Cheng Heng, que a teria recusado, para não prejudicar o moral das tropas cambojanas. Pensa-se também que esta demissão teria um efeito muito grave nos meios que apoiam o actual governo.

MANIFESTAÇÕES NOS EUA CONTRA A INTERVENÇÃO

NOVA YORK, 11 — (F. P. e R.) — Houve ontem na maior parte das cidades americanas manifestações de protesto contra a intervenção americana no Laos. Não tiveram, no entanto, a envergadura das realizadas na Primavera do ano passado contra a invasão do Camboja.

A maior parte reuniu menos de um milhar de manifestantes e decorreu com calma, excepto em Berkeley (Califórnia), onde a Polícia teve de usar gás lacrimogéneo, e em Baltimore, onde polícias ficaram feridos.

As mais importantes foram as de Nova York, em que umas 2500 pessoas se reuniram na Times Square, interrompendo a circulação na Broadway, e de Boston, onde desfilaram cerca de 4000 manifestantes.

Em Berkeley, 600 pessoas dirigiram-se para o edifício da comissão de energia atómica, lançando pedras e garrafas e incendiando um carro. A Polícia interveio.

Em Baltimore, seis polícias foram hospitalizados, um dos quais com uma fractura do craneo, e uns doze ficaram ligeiramente feridos.

Na capital federal, manifestantes contra a guerra acenaram a noite passada com bandeiras do Vietcong, perto da Casa Branca.

Cerca de mil pessoas marcharam em direcção á Casa Branca, após um comício de protesto contra a incursão no Laos.

Contudo, a Polícia fechou a Pennsylvania Avenue, a rua principal defronte da Casa Branca, e os manifestantes foram obrigados a suspender a sua marcha defronte da mansão do chefe do Executivo.

Os manifestantes estabeleceram linhas de piquete e representantes de grupos contra a guerra, proferiram acusações contra o presidente Nixon, pelo seu apoio á operação sul-vietnamita contra a «pista Ho Chi Minh», enquanto a Polícia se mantinha perto, de prevenção.

A manifestação paralisou o transito na hora de ponta, ao cair da noite.

ESTATÍSTICA DOS ATENTADOS NO BRASIL

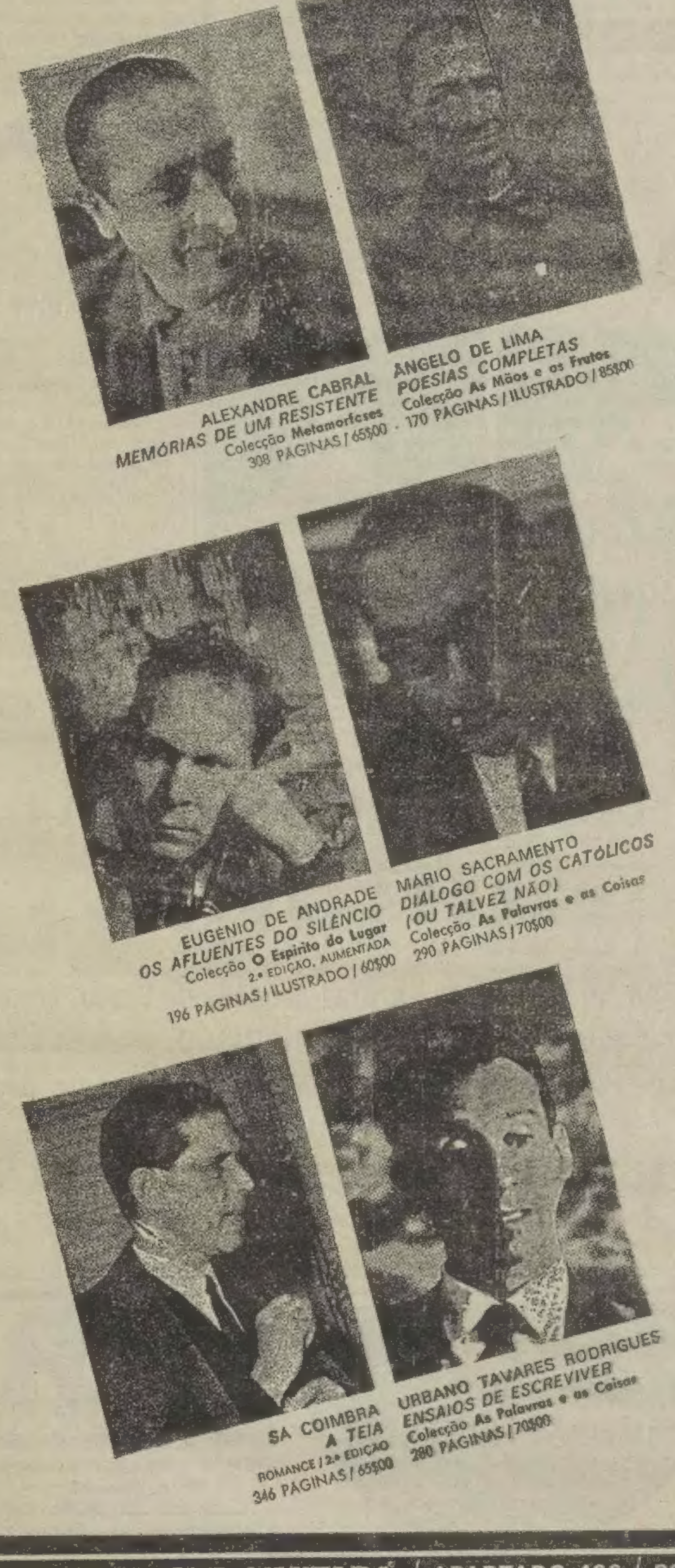
SÃO PAULO, 11 — (F. P.) — Segundo uma estatística publicada ontem pelo jornal «Folha de São Paulo», os revolucionários brasileiros cometeram 116 atentados entre Agosto de 1964 e Setembro de 1970 que causaram 76 mortos dos quais 49 militares, e 196 feridos.

No mesmo periodo — acrescenta o jornal os terroristas efectuaram 370 assaltos, que lhes renderam 11 585 142 cruzeiros.

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

EI NOVIDADES LITERÁRIAS

AUTORES PORTUGUESES



EDITORIAL INOVA LIMITADA / APARTADO 466 / PORTO

AMANHÃ, NO PAVILHÃO DOS DESPORTOS
(21,45 horas)

BOXE PROFISSIONAL

Organizada pela **LISBOABOXE** e caracterizada pela mesma verdade que tem norteado as suas anteriores realizações, será, amanhã á noite, oferecida ao público lisboeta uma sessão de boxe em que intervirão alguns dos mais cotados profissionais de Portugal e da Espanha.

Aguardada com extraordinária expectativa, a noite de amanhã será decisiva para avaliação da real capacidade do caboverdiano **KAKA**. Fogoso, temperamental, dotado de extraordinário poder e de um espírito intensamente combativo, **KAKA** poderá ser a grande certeza do boxe português, confirmando o que dele foi dito através dos combates que travou nos vários ringues europeus.

Noite de boxe e noite de verdade, a de amanhã. O público será juiz.

☆

Bilhetes à venda na A.B.E.P. (Restauradores) e nas bilheteiras do Pavilhão os Desportos

(Espectáculo p/ maiores de 17 anos)

5 COMBATES 5

PROFISSIONAIS

KÁKÁ-PARRAGÃ

A impetuosidade e o extraordinário poder de golpe do português frente à experiência do «challanger» ao título espanhol—**num combate de 10 assaltos de 3 minutos.**

ANJOS-ROSELL

Poderá Carlos Anjos corresponder aos anseios do público perante um adversário que a crítica espanhola considera como autêntico «fora de série»? — **Combate em 8 assaltos de 3 minutos.**

REBELO-PEREZ

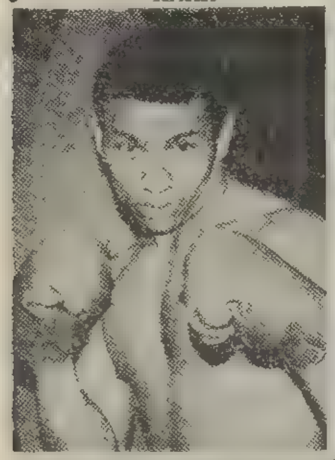
O português caracteriza-se pela agressividade que imprime a todos os seus combates e o espanhol é tido como uma das maiores revelações dos últimos tempos. Uma luta que entusiasmará o público! — **8 assaltos de 3 minutos**

AMADORES

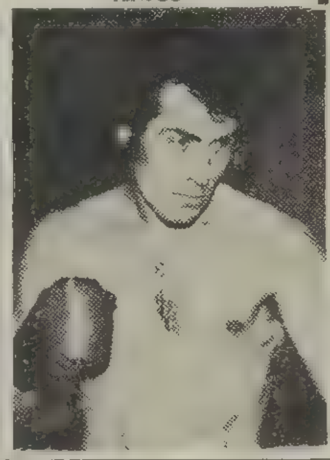
- **GOUVEIA** contra **GALVEIA**
- **BELARMINO** contra **ROMANO**

(3 assaltos de 3 minutos)

KÁKÁ



ANJOS



10.000 DISCOS GRÁTIS

OFERTA JOVICA

A JOVICA, ao inaugurar as suas secções de Disco, em colaboração com A GRANDE FEIRA DO DISCO, oferece a todos os seus clientes de discos 10.000 completamente Grátis.

JOVICA LISBOA: Largo D. Estefânia, 12-D — Telef. 53 45 38
Avenida 5 de Outubro 53-C — Telef. 4 77 69
FILIAIS: CACEM — SINTRA — CASCAIS — VENDA NOVA

Rodagem internacional para a Coelima

A tempo e horas, a equipa de ciclismo da Coelima prepara-se — trocando a suavidade do treino «entre amigos» por estradas lusas pela competição rude e aberta em paisagens espanholas.

Os ciclistas nortenhos partirão no próximo dia 18 para Espanha onde, a 21, participam no Grande Prémio de Valência e, de 24 a 28, na Volta ao Levante. A representação da Coelima, composta por oito ciclistas, director desportivo, treinador, mecânico e massagista, incluirá António Graça, do Tavira, dadas as impossibilidades de deslocação de José Pereira e António Rodrigues — actualmente a prestarem serviço militar.

Com três ciclistas do Sporting a estagiar em França e, agora, a próxima presença da Coelima em Espanha, pode dizer-se que o ciclismo nacional começa a orientar-se no caminho certo. Melhor para os que vão; pior para os que ficam — afinal, a grande maioria.

TOTOBOLA
O NOSSO PALPITE

Beja-Oriental	2
Salgueiros-Luso	1
Riopele-Braga	2
Torriense-U. Tomar	2
Beira Mar-Montijo	1
Almeirim-Santarém	1
Saragoça-Sabadel	1
Gijon-Sevilha	2
Barcelona-R. Madrid	1
Málaga-Valência	X
Inter-Bolonha	1
Lanerossi-Roma	X
Sampdória-Milan	2

CONTESTADO O RESULTADO
DA REGATA CABO-RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO, 11 — (R.) — Escândalo na regata transoceânica Cabo-Rio de Janeiro devido a um protesto do famoso navegador solitário francês Eric Tabarly, que afirma ter sido o vencedor na classe I, o que é desmentido pelo júri da prova.

O veleiro «Pen Duick» de Tabarly foi o quarto a cortar a meta encontrando-se em terceiro lugar na classe II, mas o navegador francês afirma que tomou parte na regata firmemente convencido de que o seu barco pertencia à classe I, onde teria um maior abono em relação aos outros concorrentes da mesma classe, pelo que, ao cortar a meta em quarto lugar, pensou que tinha ganho a regata em tempo corrigido

Ontem à noite o júri decidiu que o protesto quanto à classe devia ter sido feito por Tabarly antes da regata e não depois do vencedor da classe I já ter sido apurado.

Ao assinar o recibo das instruções e regulamento da regata Tabarly aceitou-os tácitamente — afirma o júri.

Tabarly não se conforma, porém com essa decisão e anunciou que vai recorrer para a International Yacht Racing Association.

Entretanto o vencedor oficial na Classe I foi o veleiro argentino «Fortuna» que fez o percurso no tempo corrigido de 545 horas, 55 minutos e 11 segundos ou seja mais duas horas e dezoito minutos do que o «Pen Duick».

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o concurso n.º 23 da 10.ª época (14/2/71)

Açores — 111 XX1 121 2XXX; Beira Baixa — 111 211 11X X111 Os Belenenses — 11X 112 221 X122; Brados do Alentejo — 211 211 XX1 21X2; Clube Asas do Atlantico — 11X X11 XX1 211X; Comércio de Portimão — 212 211 121 1122; Correio dos Açores — 111 X11 11X 1112; Correio de Coimbra — 212 211 12X 111X; Correio da Horta — 112 1X1 122 11X2; Diário dos Açores — 2X2 111 1X1 21X2; Diário do Alentejo — 11X 221 1X1 111X; O Distrito de Setubal — 11X 1XX 1X1 1122; Ecos de Cacia — 111 212 111 2122; Ecos do Desporto — X12 21X 1X1 X1XX; Estrela da Manhã — 111 X1X 1X1 X1XX; Eu Sei Tudo — 11X 111 1XX X21X; Folha do Domingo — 112 211 111 11XX; Gazeta do Sul — 112 2X1 2X2 11X2; A Ilha — 111 112 121 21XX; Jornal das Aves — 21X 111 12X 2112; Jornal do Barreiro — XX2 211 X21 X1X2; O Jornal de Felgueiras — 111 X11 1X1 2111; O Jornal da Lixa — 211 211 121 1112; Jornal de Sintra — X12 211 1X1 11X2; Jornal do Sul — 111 1X2 12X X122; Jornal de Viseu — 21X 112 12X 1122; Linhas de Elvas — X1X 112 111 2112; Maria da Fonte — 111 111 111 1121; Notícias de Felgueiras—111 21X 1XX 21X2; Notícias de Guimarães — 111 211 121 2X1X.

Cantinho Ricardo Lemos—211 211 XX1 X122; Cavalgada do Ritmo — 211 X11 1X1 211X; Colina Sagrada — 212 X11 12X X122; O Comércio do Porto — X11 211 111 X11X; O Concelho de Estarreja — 111 211 111 21X2; Correio do Douro — 111 22X 111 112X; Correio do Vouga — 111 211 X11 X12X; Defesa de Espinho — 11X X11 X21 X11X; De Tudo Um Pouco — 211 X11 111 21X2; As 10 Espere Por Nós — 111 1X1 11X 211X; Diário de Coimbra — 212 111 21X 21X2; Diário do Minho — 21X 211 121 1122; Dos Fracos Não Reza a História — 111 111 111 1111; Gazeta das Caldas — 11X 111 111 2122; Ideal Rádio — 111 211 111 11X2; Imagens Piedenses — 1X1 1X1 11X X112; Jornal da Beira — 112 X11 121 X11X; Litoral — 11X 211 X22 1122; Momento do Totobola — 11X 211 121 1122; Mundo Desportivo—211 111 X11 X1X2; O Norte Desportivo — 112 112 X2X 2122; Notícias de Chaves — 112 112 122 2122; Notícias de Évora — 21X 111 X11 111X; Peça Que Não Maça — 111 211 11X X1X2; Povo Algarvio — 111 X1X 121 1111; Passatempo J J. — 1X1 111 111 12X1; Programa Electro Mecanico — 111 X11 1X1 111X; Rádio Altitude — 112 111 111 1112; Rádio Oceano—X12 22X 1XX 112; Auto Rádio — 21X 112 121 21X2; Campeão Português — 111 X11 1X1 X122; Rádio Sports—X12 211 X1X 2XXX; Renovação — 112 2X11 11X 1XX2; Repórter do Dia — 11X 111 X11 X1XX; Repórter do Dia (Angola) — 21X 21X 211 2112.

República — 111 21X 11X 2122; Revista de Som — 112 2X1 11X 21X2; O Sorriso da Hora do Almoço — X12 X1X 122 11XX; O Telégrafo — 212 211 11X X1XX; O Templário — 111 211 111 1111; Terra Alta — 112 X21 112 X112; A Voz Desportiva — 11X 211 12X 2121; A Voz do Domingo — 211 1X1 X21 X1XX; Voz de Lamego — 111 2X2 1X2 X112; A Voz dos Ridículos — 11X X11 1X1 X112; A Voz de S. Tomé — X12 X1X 111 11XX; Novidades — 21X 112 1X1 X122; Voz do Casa Pia — 111 X11 1X1 X1X2; A Voz de Palmela — 11X 1XX 11X 111X; Comércio de Leixões — 11X 21X 121 211X; Jornal Notícias — 21X 112 1X1 X1X2; Primeiro de Janeiro — X12 211 111 X11X; Prog. Sem Nome — 111 112 122 111X; Rádio Clube do Norte — 11X X1X 12X 1X2X; Rádio Placard — 212 21X 121 2122; Estúdio 64 — 212 21X 121 212X; Placard Desportivo — 11X X12 1X1 X1XX; Resenha Desportiva — 111 11X 1X1 11X2; Mosaico — 212 211 11X 2XX2; Notícias do Douro — X11 111 1XX 1112; A Lição do Menino Quim — 11X 111 X12 XX11; Penalti — 112 111 211 212X; O Apostolado — 112 222 1X1 X122; O Comércio — 112 X11 1X1 2122; Diário — 111 2X2 121 2112; O Lobito — 11X X11 121 21XX; A Nossa Chave — 21X 211 111 2112; Notícias do Totobola — 211 21X 111 21XX; Estádio — 11X X1X X11 X112; Canal 18 — 11X X11 1X1 1122; Ronda da Noite — 11X 21X 1X1 21X2; Bondiazinho — 111 2X2 XX2 XX1X; Brado Africano — X1X 11X 1XX 11XX; Cidade 71 — 111 1XX X12 1121; Domingo Alegre — 111 1X2 X12 X1X1; Jornal Desportivo — 112 111 12X 2112; Passatempo — XX1 211 1X2 X121; Roteiro Sonoro — 111 2X1 1X1 211X; Terceiro Programa — 1X1 XX1 X21 11X2; Vamos Jogar no Totobola — X12 11X 122 1X21; Revista Desportiva — X11 X11 X1X X1XX.

	RESUMO 1	X	2	BOLAS (a) 1	X	2
1. Beja-Oriental	69	16	26	7	2	3
2. Salgueiros-Luso	106	5	—	11	1	1
3. Riopele-Braga	46	33	32	4	4	4
4. Torriense-U. Tomar	38	26	47	4	3	5
5. Beira-Mar-Montijo	88	18	5	9	2	1
6. Almeirim-Santarém	70	23	18	8	2	2
7. Saragoça-Sabadel	86	20	5	9	2	1
8. Gijon-Sevilha	43	33	35	4	4	4
9 Barcelona-R. Madrid	69	28	14	7	3	2
10 Malaga-Valencia	38	35	38	4	4	4
11. Inter-Bolonha	100	9	2	10	1	1
12. Lanerossi-Roma	40	40	31	4	4	4
13. Sampdoria-Milan	13	39	59	2	4	6

E a chave lógica será 111-211-111-1 ou 2 1
1 ou X 2

(a) - Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

TRANSNAVI

Sociedade Portuguesa de Navios Cisternas, S. A. R. L.

SEDE PROVISÓRIA
Rua de São Julião, 63
Lisboa-2 Apartado 2747
Capital: 9 990 000$00

CONVOCATÓRIA

É convocada a Assembleia Geral Extraordinária desta Sociedade para o dia 26 de Fevereiro de 1971, pelas 11 horas, na sede, com a seguinte ordem do dia:

Eleição de um membro suplente do Conselho Fiscal, para cumprimento do disposto nos artigos 1.º e 3.º, do Decreto-Lei n.º 49381, de 15 de Novembro de 1969, na redacção dada pelo artigo único do Decreto-Lei N.º 648/70, de 28 de Dezembro de 1970.

Lisboa, 9 de Fevereiro de 1971.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Artur Joaquim Waldemar de Pessoa Lobo

AS NOSSAS SELECÇÕES DE FUTEBOL

José Maria foi chamado para o lugar de Jaime Graça

Jaime Graça em maré de pouca sorte. Foi dos ultimos convocados (alguém saberá porquê...) e o primeiro a ser excluído — mas aqui por razão óbvia: uma vacina, uma má reacção á vacina, uma pequena infecção... e Jaime Graça viu definitivamente frustrada a sua presença na equipa «da gente».

Fora isto (que já não é pouco) nada ou quase nada mais. Treino de conjunto esta tarde — e a rotina intermitente de trabalho-descanso-trabalho até ao dia do jogo.

As «esperanças» portuguesas continuam a mantê-las. Banhos e massagens no dia de ontem; treino de conjunto, frente a um misto leonino, na tarde de hoje. A «linha» definitiva ainda permanece no segredo dos deuses — mas tudo indica que não deverá andar longe desta: Bento; Artur, Albinho, Laranjeira (ou Bastos) e Toni; Octávio, Vítor Martins e Dinis; Nené, Chico e Lemos.

Finalmente, os juniores. Serão eles os primeiros a pôr o pé em ramo verde, já depois de amanhã, na Tapadinha, frente aos gauleses.

José Maria substitui Jaime Graça

Perigosa para nós esta selecção francesa. Beneficia de um trabalho em profundidade (coisa que nós, muito tradicionalmente, continuamos a pensar que havemos de pensar fazer) e possui nada menos de três titulares primodivisionários. Esta manhã realizaram um passeio higiénico pelos belos pinhais do Jamor, que Peres Bandeira aproveitou para uma troca de impressões apenas. Moral elevado, aplicação constante, entrega ao trabalho. Esta tarde, ás 17 horas, treino na Tapadinha. O resto vê-se depois... pois os gauleses até praticam o ferrolho

Tempo de descontracção. No centro de estágio, Pedroto prepara o campo...

As «promessas» espanholas para o jogo com Portugal

MADRID, 11.— (A. N. I.) — Estão já escolhidos os jogadores que formarão a equipa nacional espanhola de «menos de 23 anos» a qual defrontará em Lisboa idêntica selecção portuguesa.

Os jogadodes que constituem a turma espanhola são os seguintes:

Mora (Barcelona) e Corral (Santander) guarda-redes; Capon (Atlético de Madrid) Verdugo (Córdoba), Lasa (Granada), Barrios (Granada), Sérgio (Valência), Martinez (Valência), Irureta (Atlético de Madrid), Quini (Gijon), Manolo (Celta), Juan (Gijon), Asensi (Barcelona), Alfonseda (Barcelona), Benito (Real Madrid) e Conejo (Málaga).

Os jogadores concentram-se em Madrid no dia 15 de manhã e nesse mesmo dia, ás 16 horas, partem para Lisboa.

No dia 21 de Abril, em Vigo a turma portuguesa retribui a visita.

VOLEIBOL

CDUL: Nova vitória

A contar para o Campeonato de Lisboa de Voleibol, em seniores, realizou-se mais um encontro, desta vez entre o Cdul e o Nacional, da Parede

A vitória pertenceu aos universitários por 3-0 (16-14, 15-6 e 15-0) após um jogo que teve início equilibrado, com excelente recuperação dos «ginásticos» que estiveram a perder por 6-14 e conseguiram igualar a partida, acabando por sair derrotados em dois lances fortuitos. Este desfecho teve influência decisiva no comportamento das duas turmas, pois os vencidos baixaram nitidamente enquanto os vencedores acabaram em grande plano.

As equipas apresentaram:

CDUL — José Brochado, Mena Reis, Valério Capaz, Moniz Pereira, João Preto, Tomás Taveira, Amauri e Carlos Poeira.

NACIONAL — Artur Sequeira, Aguiar Buisel, Plácido Martins, Dário Gaiola, José Nunes, João Silveira e João Castanheira.

Benfica e Cdul, comandam a prova sem derrotas

Primeira Divisão a dezasseis
— sugerem os clubes do Norte

Na sede do Boavista, no Porto, realizou-se ontem á noite uma reunião conjunta entre dirigentes de alguns clubes do Norte. Motivo da reunião: sugerir o aumento para 16 clubes na I Divisão nacional de futebol.

Estiveram presentes representantes do F. C. Porto, Boavista, Leixões, Varzim e Tirsense. O vitória de Guimarães deu o seu parecer telefónicamente. Houve acordo unânime para que o aumento de Divisão venha a ser um facto. Outras reuniões do género se efectuarão, provávelmente, com sugestões de outras colectividades a militar na I Divisão.

Para o Sporting
CHEGOU HECTOR

O argentino Hector Yazalde cuja transferência para o Sporting tanta tinta fez correr chegou, ao princípio da tarde, a Lisboa

Concretizada, pois, a primeira fase da sensacional transferência: o jogador já está no Sporting. Agora, é dar tempo ao tempo e esperar que Hector confirme, ao serviço do seu novo clube, toda a classe que se lhe atribui e que parece não estar em dúvida.

Chegou Hector. Segundo as suas declarações, cheio de confiança e disposto a marcar posição no futebol português ao serviço do Sporting.

HOJE À NOITE

ANDEBOL — Campeonato de Lisboa da II Divisão: Cova da Piedade-C. N. O. C. A., ás 20 e 30; Oriental-Madre de Deus, ás 21 e 45; e C. I. F.-Boa Hora, ás 23, no Pavilhão da Ajuda.

VOLEIBOL — Campeonato de Lisboa de Seniores: Benfica-Técnico, ás 21 e 30 (honra) e ás 22 e 30 (reserva), no Liceu D. Pedro V.

Campeonato de Lisboa de Juvenis: Lisboa Ginásio B.-Benfica B, ás 19; e Moscavide-Lisboa Ginásio A, na Josefa de Óbidos.

TÉNIS DE MESA — Campeonatos de Lisboa de Seniores — I Divisão: Paço de Arcos-Centro Católico, Sporting-Benfica, Ateneu-Ávila e Belenenses-Intendente.

moderna universidade

Uma colecção para servir não só, em sentido restrito, os estudantes das nossas Universidades, mas também todos aqueles que, por motivos vários, nunca chegaram a frequentar uma escola superior e que não obstante aspiram e exigem para si próprios uma cultura de nível universitário.

VOL. 12

ERNEST JONES

QUE É A PSICANÁLISE?

Preço 45$00

publicações dom quixote
RUA LUCIANO CORDEIRO, 119-LISBOA

Repartida por doze ou apenas para um?

A "TALUDA" DO CARNAVAL É DE SEIS MIL CONTOS!

Verdadeiramente, as nossas lotarias têm tantas sortes grandes quantas as fracções do bilhete do 1.º prémio. E, quem quiser, pode habilitar-se a todas elas—num único número!

Os mais fabulosos prémios são, portanto, acessíveis a todas as bolsas, como tantas vezes se tem verificado.

Os bilhetes da próxima Lotaria do Carnaval são divididos em duodécimos. A cada fracção do bilhete da sorte grande corresponde o prémio de 500.000 escudos.—Entre quantos contemplados serão repartidos os seis mil contos desta sorte grande?

O sorteio realiza-se a 19 de Fevereiro (Sexta-feira).

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da 1.ª página)

llon Filho é pintor mas a família não lhe liga porque a pintura não é rendável. A linguagem permanentemente nas legendas refere-se a títulos, a bolsas, a consolidados. Na Inglaterra de tão largas tradições de exploradora, esta linguagem pode talvez ser entendível junto das massas populares; no vosso país, decerto não o será. Tal facto pode limitar a adesão do público, mas outros elementos lhe abrirão os olhos: a dureza de garras dos Forsytes, os seus olhos frios, a sua desumanização, a sua ausência de alma e a posse de uma alma tipicamente... forsyte.

Muito lucrarão os telespectadores corajosos ou seja, os que venceram estas dificuldades iniciais irão assistir ao retrato em corpo inteiro de uma decadência. A Inglaterra imperial começou já ontem a morrer um pouco no seio da família Forsyte com a «deserção» do Jolion Filho. Outros factos desencadeados já bem dentro do nosso século consumarão a decadência inevitável. Se nos lembrarmos da qualidade dos técnicos da BBC-TV dos actores ingleses (só isto seria razão bastante para não perdermos o folhetim) e da qualidade da «Forsyte Saga» certamente não deixaremos de acompanhar, emocionadamente e de olhos bem abertos, os 16 episódios de uma história que chegou até nós com alguns anos de atraso — mas chegou.

●

UM COLABORADOR NEO-REALISTA SEM O SENTIDO DAS REALIDADES

Convergência». A «rubrica» do costume e a costumada super-rubrica «A palavra e a paisagem», desta vez dedicada ao convento de Mafra, num texto que não fez a glória de Ramalho Ortigão. O grosso da rubrica foi ocupado com o depoimento de três escritores enquadrado no capítulo «Literatura popular e popularidade da literatura». Responderam às perguntinhas da rubrica de Baptista de Jesus os ilustríssimos senhores Afonso Botelho, Armando Ventura Ferreira e Luís Forjaz Trigueiros.

Todos falaram muito bem. Foi um gosto ouvi-los. Assim, sim. Assim vale a pena. Assim uma pessoa cultiva-se, a literatura abanca, perdão!, a literatura avança, e o progresso manifesta-se no País. Os três escritores completaram-se às dez mil maravilhas: o alto poder especulativo de Afonso Botelho (*«escritor popular é aquele que manifesta nos seus escritos os arquétipos e as ideias que podem ser sentidos e pensados pelos próprios analfabetos»*) a luminosa simplicidade de Forjaz Trigueiros (*«Povo somos nós todos, histórica e sociològicamente»*) e a descontração de Ventura Ferreira juntaram-se ali na «Convergência» para gáudio e prazer dos telespectadores portugueses.

Apraz-nos registar a colaboração convergencional de Armando Ventura Ferreira, neo-realista ou coisa parecida. É certo que nos pareceu um tanto perturbado e uma pessoa nestas condições devia compreender os seus limites e não se aventurar em improvisos perigosos. Nunca leva longe a confiança exagerada nos dotes oratórios.

Não quero privar os meus leitores de admirarem os altos voos de Armando Ventura Ferreira no céu da *Convergência*. Admirem, pois:

«A pergunta é complicada e seria longa a resposta. Poderei dizer que estou convencido de que as massas procuram na literatura os seus problemas específicos e também o entretenimento. De resto, eu sou crítico literário e julgo não pertencer à minoria e sou exactamente como qualquer leitor que procura distrair-se, passar o tempo e os seus problemas específicos.»

Não se pode dizer que seja a resposta típica de um neo-realista que se preze. Deixemo-nos de considerações para não demorar o sabor de outras palavras do mesmo colaborador de «Convergência»:

«Um escritor deve encarar de frente os problemas do seu tempo. Não creio que uma obra se torne popular só por motivos puramente estéticos, como não creio que uma obra possa ter grande interesse só por motivos de conteúdo. O certo é que a um conteúdo de interesse deve corresponder uma forma realmente atraente».

A pobreza da linguagem de Ventura Ferreira foi um deplorável espectáculo. Mas certamente com a sua presença muito se honrou «*Convergência*».

■

O SAL DA AVENTURA E A AVENTURA DO SAL

Alguns espíritos temerosos de que se perca o lado combativo da juventude têm por indispensável a participação da violência gratuita nas séries da televisão dedicada aos adolescentes. Acham bem o seu tirinho pelas costas, acham bem as heróicas lutas corpo-a-corpo, acham bem uma rica punhalada bem certeira no coração. Algumas séries vão ao requinte de ensinar a encontrar o sítio correcto para desferir o golpe na carótida.

O programa juvenil deu-nos ontem algumas filmagens sobre a actividade de um grupo juvenil que se dedica à espeleologia. Cinco moços foram à Serra de Aires, descem a uma gruta até à profundidade de algumas dezenas de metros, afrontam o ventre da terra: há emoção há aventura e até há violência — mas a violência, neste caso, não é de matar nem de morrer nem de derrotar nem de humilhar. Não há luta contra homens, não há a importantização do mais forte sobre o mais fraco, segundo as velhíssimas e ainda vigentes leis da selva. O que há é a luta contra os elementos, contra a natureza, contra o meio hostil — a milenária luta do homem.

Apenas se lamenta o número reduzido de praticantes existente no nosso país — sendo porém duvidoso que as grutas no nosso país justifiquem maior interesse, excluindo aqueles que nas ruas de Lisboa diàriamente se praticam.

Lamente-se igualmente o texto execrável onde até, a propósito de espeleologia, imaginem, se falava em «elementos válidos para a Nação» e outros mimos semelhantes.

Um pormenor curioso não deixou de chamar a atenção do telespectador. Foi assim:

Falava-se, no tal texto, dos primores de organização do grupo juvenil toupeiro e afirmava-se que o esforço pelas grutas abaixo exigia especiais cuidados com a alimentação que devia ser rica em calorias.

A certa altura o microfone indiscreto da reportagem colheu pedaços de um diálogo lá nas profundidades, na hora da refeição:

— Veio o sal?

— Não, não veio.

— Eh, pá que chatice, comer as batatas sem sal... E qual é o menu?

— São as batatas sem sal...

Na verdade, como primores de organização não se pode imaginar nada tão... insosso. E quanto a preocupações dietéticas, temos batatamente conversado...

Mas enfim, seja tudo a bem do espírito de aventura...

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Etec.	Compra	Vende
Consolidado 3 1/4%	—	—	500$
Consolidado 4%	—	—	495$
Consolidado 3 1/2%	—	—	612$
Centenário 4%	—	—	1 400$
Obrig. Tesouro 5%	1.000$	—	1 000$
Externo 1.ª série	—	560$	—
Externo 2.ª série C	—	565$	—
Externo 3.ª série	—	680$	—
Externo 3.ª Série C	—	—	—
Cautelas 3.ª Série	[illegible]60$	56$	[illegible]60$

OBRIGAÇÕES	Etec.	Compra	Vende
Águas Lisboa 5%	—	—	—
A. P. L. 5% 56	—	870$	—
A. P. L. 5% 58	—	870$	—
C. P. 4 1/2% 65	—	—	—
C. P. 5 1/2% 67	—	925$	—
C. U. F. 6%	930$	930$	940$
C. U. F. 6% 59	920$	—	9[illegible]
Gás Elect. 4% 48	—	842$	—
Gás Elect. 4 1/2% 51	—	850$	—
Gás Elect. 5% 54	—	—	—
Gás Elect. 5% 53	740$	740$	745$
Gás Elect. 5% 59	—	940$	—
Gás Elect. 5% 52	—	325$	—
Gás Elect. 5% 53	—	—	—
Gás Elect. 5% 55	950$	945$	—
Gás Elect. 5% 57	—	790$	—
H. E. Alentejo 5%	—	—	—
H. E. Cávado 4%	—	945$	—
H. E. Douro 5%	—	740$	—
H. E. Douro 6%	—	945$	—
H. E. Norte Port. 5%	—	—	—
H. E. Estreito 6%	—	920$	—
H. E. Zêzere 5% 55	760$	760$	—
H. E. Zêzere 5% 57	—	760$	770$
Lisnave 5%	—	—	940$
Metropolitano 4%	895$	880$	900$
Metropolitano 5 1/4%	925$	925$	—
Moçambique 5%	—	680$	—
Nac. Elect. 5%	740$	730$	745$
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímica 5%	—	—	—
Port. Celul. 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	950$	945$	955$
Sacor 5% 5[illegible]	—	870$	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	730$	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	730$	—
Siderurgia [illegible]% 4.ª	—	730$	—
Sonefe 5%	—	—	810$
T. A. P. 4%	—	—	900$
Termoeléct. Port. 5%	—	—	—
U. E. P. 3 1/4%	—	—	—
U. E. P. 4%	—	88$	—
U. E. P. 4 1/2%	—	90$	—
U. E. P. 5%	71$	70$5	72$
U. E. P. 5% 50	—	700$	720$
U. E. P. 5% 63	—	840$	—

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª
TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS
Rua do Ouro 52-54 — LISBOA — Tel. 366066/7
Teleg. ALMEIRO — Telex 471, ALAP P

ACÇÕES — Bancos	Etec.	Compra	Vende
Agricultura	2 860$	2 860$	2 880$
Alentejo	1 240$	235$	2[illegible]5$
Angola	4 000$	4.000$	4 [illegible]00$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	—	7 500$	7 700$
E. Santo	6 980$	6 980$	6 990$
E. Santo N	—	—	—
Fonsecas S. B.	—	23 500$	—
Fomento	2 900$	2 800$	3 000$
L. S. Açores B	—	—	—
L. S. Açores N	—	—	—
P. Atlântico B	—	6 700$	6 800$
Portugal N	3 300$	3 300$	3 320$
Portugal B	—	4 260$	4 300$
Totta S. Açores	5 960$	5 960$	5 970$
Ultramarino N	3 950$	3.950$	3 960$
Ultramarino B	4 260$	4 [illegible]55$	4 300$

Seguros	Etec.	Compra	Vende
Alentejo	49$	48$	150$
Douro	—	—	—
Mundial	1.112$	1 110$	1 1[illegible]5$
Sagres	—	2 300$	—
Tranquilidade	—	30 000$	00 000$
Ultramarino	—	—	—

Ultramarinas	Etec.	Compra	Vende
Açúcar de Angola	780$	781$	785$
Ag. Cassequel	605$	600$	608$
Ag. Incomati	—	—	[illegible]500$
Ag. Neves	—	—	—

Ultramarinas	Etec.	Compra	Vende
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	200$	220$
Boror	—	120$	—
Buzi	72$5	72$	73$5
Cotonang	235$	23[illegible]$	235$
Diamantes Angola	2.305$	2 305$	2 3[illegible]$
H. E. Revué	635$	630$	640$
Ilha do Príncipe	—	—	800$
Moçambique	95$	94$	96$
Sonefe N	—	425$	—
Sonefe P	442$	440$	445$
Zambézia	74$	73$5	74$

Diversas	Etec.	Compra	Vende
C. U. F.	6.850$	6.830$	6.900$
Cim. Leiria	—	4 700$	4 900$
Cim. Tejo	—	7 800$	—
Co. Navegação	1 510$	5 0$	1 550$
C. U. [illegible]	—	1.500$	1 550$
Ind. Aliança	—	—	—
Nac. Navegação	—	4 000$	4 [illegible]50$
Petroquímica	—	580$	600$
Port. e Colónias	1.305$	1 305$	1 320$
Port. Celulose	—	4. 00$	4 50$
Port. Pesca	—	1 100$	50$
Port. Tabacos	665$	664$	666$
Sacor	4 50$	4 50$	4. 70$
Siderurgia Nac.	—	—	2 550$
Soda	3 570$	3.570$	3 580$
Tabacos de Portugal	—	500$	520$
Tabaqueira	—	6 500$	6.650$
U. F. Azoto	742$	741$	744$

Água Elect. e Gás	Etec.	Compra	Vende
Águas Lisboa P	—	390$	—
Águas Lisboa 54	—	4[illegible]5$	—
Águas Lisboa 56	—	390$	—
C. P. Electricidade	1 227$	1.226$	228$
C. P. Electricidade nom.	1 208$	1 207$	208$
C. P. Electricidade 969	—	—	—
Elect. Beiras	—	—	—
Gás Electr.	451$	450$	45[illegible]$
H. E. Alto Alentejo	85$5	85$	85$5
H. E. Norte Portugal	235$	230$	235$
H. E. S. Estreito	—	—	—
Nac. Electricidade	—	—	—
U. E. P.	203$	202$	203$5

FUNDOS DE INVESTIMENTO	Etec.	Compra	Vende
F. I. Atlântico	—	206$8	213$
F. I. D. B. S.	—	206$8	213$

INDICE BORGES & IRMÃO
COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez. 1960=100)

	4/2/71	10/2/71	11/2/71
GERAL	157,8	158,7	158,6
METROPOL.	153,1	154,0	154,0
ULTRAM.	192,4	192,8	192,3

PAÍSES	Compras	Vendas
África do Sul — Rands	35$50	38$00
Alemanha — Marco	7$70	8$00
América — Dólares de 1 a 4	27$90	28$40
— de 5 a 20	28$30	28$70
— de 50 a 1000	28$40	28$80
Argentina — Peso Novo	5$50	7$00
Áustria — Schilling	1$10	1$16
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	4$50	5$80
Canadá — Dólar	27$70	28$20
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40	$4[illegible]
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$80	8$10
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Lira	$04,4	$04,7
Marrocos — Dirham	5$00	5$60
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Suíça — Franco	6$58	6$78
Ouro		
Inglaterra — Libra (isabel)	290$00	310$00
Inglaterra — 1/2 Libra	290$00	310$00
Ouro fino — Barra	36$60	38$60

J. BURNAY, L.DA Notas estrangeiras Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 Tel. 231278

POMARES-ARGANIL

✝

Laura da Conceição Pereira Franco

FALECEU

Joaquim Casimiro Braga Franco e mais família participam o falecimento de sua estremosa esposa, tia e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 14.30 horas, saindo da igreja dos Anjos para o cemitério do Alto de São João.

AGÊNCIA GASPAR
Telef. 52183

✝

DONA MARIA IRENE DE MELO E MENESES LOPES MOREIRA

MISSA DO 7.º DIA

O Dr. Carlos Alberto Lopes Moreira, D. Maria Arminda Moreira Sousa Paiva e Dr. Ricardo Sousa Paiva e filhos, D. Maria Fernanda Moreira Calejo Pires e Dr. Armando Calejo Pires e filhos, D. Maria Irena Moreira Pereira Dias de Magalhães e Eng.º Manuel Pereira Dias de Magalhães e filhos, Eng.º Henrique Meneses Lopes Moreira e D. Maria Luísa Torres Campos Lopes Moreira e filhos, D. Maria Madalena Moreira Mira Vaz e Capitão Nuno Mira Vaz e filhos, Conselheiro Francisco António Lopes Moreira e D. Maria Eugénia Figueiredo Fernandes Lopes Moreira e filhos e mais família participam ter Deus chamado à Sua Divina Presença a sua querida Mulher, Mãe e Sogra, Avó, Cunhada, Tia e parente e que em sufrágio da sua Alma se celebra Missa de 7.º dia, amanhã, sexta-feira, às 18 horas, na Igreja de Santa Isabel.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas a partir das 19 e 30, e na tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

A C. P. e o Carnaval de 1971

por motivo da quadra do Carnaval do ano corrente os bilhetes de «fim-de-semana» são válidos para início da viagem de ida desde as 17 horas do dia 19 de Fevereiro (sexta-feira), até às 12 horas de domingo, dia 21 e para início da viagem de regresso desde as 12 horas do mesmo domingo até às 24 horas de terça-feira, dia 23.

CARTAZ DOS CINEMAS

IMPÉRIO (Adultos) Tel. 355134/5
Às 15.15 e 21.30
A maioria dos homens a deseja... mas há um que a quer matar!
RAQUEL WELCH em
PERSEGUIDAS NA ESCURIDÃO
Metrocolor

ESTÚDIO (Adultos) Telef. 555134
6.ª SEMANA
Às 15.30, 18.30 e 21.45
Segundo a obra de Dostoiewski — Um filme de Robert Bresson
UMA MULHER MEIGA

POLITEAMA (M. 12 anos) Tel. 326305
HOJE, às 15.15 (preç. reduz.)
2.ª SEMANA
UM FILME DE VIOLENTA ACÇÃO ESPECTACULAR
O VINGADOR
com Anthony Steffen e Evelyn Stewart
A justiça da sua pistola só acabou quando lhe apagou o seu nome e a sua mulher...
— Eastmancolor —
HOJE, às 18.30 — Sessão Clássica com a atrevida comédia «A PRIMEIRA NOITE» (Ad.)

ODEON (M. 12 anos) Tel. 32[illegible]
EM 2.ª SEMANA
Às 15.15 e 18.15 (preç. reduz.)
Joselito e Camardiel no filme musical
AVENTURA NA CIDADE
AMANHÃ — no palco — só à noite
«JOSELITO SHOW»
com o conjunto angolano AFRICAN'S BOYS
e o guitarrista de flamengo AQUILINO SAAVEDRA
Atenção — Hoje, à noite não há espectáculo

CASINO ESTORIL (M. 17 anos)
Às 17 e 21.30
REPULSA
com Catherine Deneuve, Ian Henday e John Fraser

SÃO JORGE (M. 12 anos) Tel. 54154
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Claudia Cardinale em
AVENTURAS DE GERARD
com Peter McEnery, Eli Wallach e Jack Hawkins

MONUMENTAL (Adultos) Tel. 555131
Às 15 e 21 horas
8.ª SEMANA
Uma história de amor filmada por David Lean
A FILHA DE RYAN
com Robert Mitchum
QUINZENA NOVOS REALIZADORES
Amanhã — M. 12 anos — 18.45
MILIE, RAPARIGA MODERNA, de George Roy Hill, com Julie Andrews e James Fox

BERNA (M. 12 anos) Tel. 776098
HOJE, sòmente às 18.30
4.ª SEMANA DE ÊXITO!
John Philippe Law, Mimsy Farmer e Claudio Gora vivem nas famosas estepes russas uma grande e inesquecível história de amor!
STROGOFF
Panavision e Technicolor
Nova versão do imortal romance de Júlio Verne
(À Av. Marquês de Tomar)

VOX (M. 12 anos) Tel. 720808
HOJE, sòmente às 18.30
2.ª SEMANA TRIUNFAL!
Albert Finney, Colin Blakely e Liza Minnelly num dos mais qualificados e apaixonantes filmes da temporada!
UM HOMEM E A SUA HISTÓRIA
(o famoso «Charlie Bubbles»)
em TECHNICOLOR
Junto à Av. de Roma

LUMIAR Tel. [illegible]
HOJE não há espectáculo
Amanhã:
JOHN E MARY
UM MALUCO EM ÓRBITA
(Adultos)

EDEN (M. 12 anos) Tel. 320768
ESTREIA ESPECTACULAR
HOJE, ÀS 21.45
JAMES GARNER em
VIAGEM PARA O INFERNO
Às 15.15 e 18.30 — Últimas exibições — (Adultos)
«4 CASOS DE AMOR»

ROMA (Adultos) Tel. 727778
Às 15.30 e 21.45 h.
8.ª SEMANA
Um filme de emoção!
ÚLTIMO DOMICÍLIO CONHECIDO
Marlene Jobert, Lino Ventura
Eastmancolor

MUNDIAL (Adultos) Telef. 538743
HOJE, sòmente às 18.30
5.ª E ÚLTIMA SEMANA
Julie Andrews e Rock Hudson pela primeira vez juntos numa alta comédia musical
DARLING LILI
Panavision e Technicolor
O mais surpreendente sucesso da nova temporada
(Metro Estação Picoas)

RESTELO (M. 17 anos) Tel. 6103075
Às 21.30
A MULHER INFIEL

AVIS (Adultos) Tel. 47163
Às 15.30 e 21.45
7.ª SEMANA
O filme que divorciou Vadim de Brigitte Bardot
E DEUS... CRIOU A MULHER
Jean-Louis Trintignant e Curd Jurgens
EASTMANCOLOR SCOPE

ROYAL (M. 17 anos) Tel. 335937
21 horas
O RENDEZ-VOUS
com Omar Sharif e Anouk Aimée
O ÚLTIMO COMBOIO DO KATANGA
com Rod Taylor

TIVOLI Tel. 50595
Hoje não se realizam sessões cinematográficas
Amanhã, às 9.30
ESTREIA
A PROMESSA
Melina Mercouri, Assaf Dayan (M. 17 anos)

ESTÚDIO 444 (Adultos) Tel. [illegible]
Às 15.30, 18.30 e 21.45
6.ª SEMANA
Um filme romântico!
O SILÊNCIO DO AMOR
Marie Dubois e Matthieu Carrière
EASTMANCOLOR

LIZ (M. 12 anos) Tel. 48560
Às 21 horas
GIGANTES NO INFERNO
O GRANDE RESTAURANTE

CHIADO TERRASSE (M. 17 anos) Tel. 320917
Às 15 e às 21 horas
AS MULHERES
SELVAGEM É O VENTO

CONDES (Adultos) Tel. 322523-326710
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
3.ª SEMANA
Um encontro com cinema de qualidade
O filme de Claude Chabrol
O CARNICEIRO
(LE BOUCHER)
com Stéphane Audran e Jean Yanne
COLORIDO

EUROPA (M. 12 anos) Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30
Lee Marvin, Jeanne Moreau e Jack Palance em
MONTE WALSH, UM HOMEM DIFÍCIL DE MORRER

LIDO (M. 17 anos) Tel. 937539
Às 21.30 h.
Um documento impressionante sobre problemas de África!
MAL D'ÁFRICA
Inteiramente falado em português.

SÃO LUIZ (Adultos) Tel. 327172
2.ª SEMANA
Às 15.15, 18.15 e 21.30
O RÉPTIL
com Henry Fonda e Kirk Douglas
Face a face dois homens, duas vidas, dois patifes!
Technicolor — Panavision

ALVALADE (Adultos) Tel. 717480
2.ª SEMANA
Às 15.45 e 21.45
O RÉPTIL
com Henry Fonda e Kirk Douglas
Face a face dois homens, duas vidas, dois patifes!
Technicolor — Panavision

IMPERIAL (M. 17 anos) Tel. 45933
Às 21 horas
CASAMENTO À AMERICANA
DEZ MIL DÓLARES PARA UM MASSACRE

outros espectáculos

● LISBOA

TEATROS

MARIA MATOS — Às 21 e 45: «O Inocente» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 21 e 45: «A Casa dos Cabrais» (17 anos)
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «A Cozinha» (17 anos)
COLISEU — Às 21 e 30: «Companhia de Circo» (6 anos)

CINEMAS

OLÍMPIA — Às 19: «O Espadachim do Cabo Negro (12 anos)
JARDIM — Às 21: «Momento a momento» (17 anos)
ARCO ÍRIS — Às 21: «O Diamante Branco» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «Gigantes em duelo» (17 anos).
PARIS — Às 21: «A Minha Noite em Casa de Maud» (17 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «Terror no Colégio» (17 anos).
CINEARTE — Às 21: «Ciúmes, ciúmes... e ciumentos» (17 anos)
CAMPOLIDE — Às 21: «Ajuda-me meu amor» (17 anos).
UNIVERSAL — Às 21: «Balada para um homem só» (17 anos).

● Linha de Cascais

PAÇO DE ARCOS — CINE-TEATRO — Às 21 e 30: «O Clã dos homens violentos» (17 anos)
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «O mais perigoso homem vivo» e «Balada para um homem só» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Os dois toureiros» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e às 21 e 30 «Repulsa» (17 anos)
ESTORIL — PALÁCIO — Às 21 e 30 «David Copperfield (12 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30. «My Fair Lady» (12 anos).

● Outra banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15: «Tempo dos lobos» (17 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «Texas adeus» (17 anos)
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — Às 21 e 30: «O Golpe de Ouro» (12 anos)

● Linha de Sintra

VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21: «Maciste, o homem mais forte do Mundo» e «Colorado Charlie, o temível pistoleiro» (12 anos)
AMADORA — RECREIOS - DESPORTIVOS — Às 21 e 15 «Colts para os 7 magníficos» (17 anos)
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Com a corda na garganta» e «O Circo do Terror» (17 anos)
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Salas acima» (17 anos)

● PORTO

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «O último adeus» (17 anos)
COLISEU — Às 21 e 30: «Atracção» (17 anos).
RIVOLI — Às 21 e 30: «A Filha de Ryan» (17 anos)
ÁGUIA D'OURO — Às 21 e 30: «O Escroque» (12 anos).
TRINDADE — Às 21 e 30. «Quatro casos de amor» (17 anos).
BATALHA — Às 21 e 30. «Os abutres têm fome» (12 anos).
ESTÚDIO — Às 21 e 30 «O Processo» (17 anos)
OLÍMPIA — Às 21 e 30: «Lua-Zero Dois» (12 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 21: «Por um punhado de dólares» e «007 desafia os assassinos» (17 anos)
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Estes simpáticos cavalheiros do garrinho» (17 anos)
JÚLIO DINIS — Às 21 e 30: «O Bom Pastor» (12 anos).

● COIMBRA

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «A vida íntima de Sherlock Holmes» (17 anos).
AVENIDA — Às 17 e 45: «Caminho para Dois» (17 anos) e às 21 e 30: «O Tesouro dos Incas» (12 anos)
TIVOLI — Às 21 e 30: «Cinco para o Inferno» (17 anos).

farmácias de serviço

● LISBOA

AJUDA — **Lopes**, Rua do Cruzeiro, 117 (Telefone 633288) * **Boa Hora**, Rua dos Quartéis 25 (Telefone 637777)
ALFAMA — **Arnall**, R. das Escolas Gerais, 88-A (Tel. 863940)
ALTO DO PINA — **Zional**, Rua Morais Soares, 56-C (Tel. 847708)
ALTO DE S. JOÃO — **Nova Luz**, Rua Domingos Jardo, 28-A (à Av. Afonso III) (Tel. 843439).
ALVALADE — **Alvalade**, Avenida da Igreja, 18-A (Tel. 712070) * **Neoterápia**, Campo Grande, 138 (Tel. 774682) * **Paris**, R. Reinaldo Ferreira, 5-A (ao Pote de Água) (T. 710131) * **Gasparinho**, Rua Dr. Gama Barros, 54-A (Telefone 710465) * **Ideal**, Av. Gago Coutinho, 49-A (Telefone 712803) * **Onilda**, Avenida João XXI, 13-A (Tel. 726848)
ANJOS — **S. José**, Rua dos Anjos, 41-A (Telefone 50730.
AREEIRO — **Vera Cruz**, Praça Afrânio Peixoto, 2-B (Tel. 724991)
ARROIOS — **Oriental de Lisboa**, R. de Arroios, 215 (Tel. 45079)
AVENIDAS NOVAS — **Cosmos**, Avenida João Crisóstomo, 44-C (T. 40592) * **Miranda**, Campo Pequeno, 36-B (Tel. 770776) * **Cordeiro**, Avenida Duque de Ávila, 32-C (à esquina da Avenida da República) (Tel. 43495) * **Universal**, Rua Actor Taborda, 7 (Telefone 44158
BAIRRO ACTORES — **Nobel**, Rua Actor Vale, 53 (à Fonte Monumental) (T. 842152)
BAIRRO AMÉRICA — **Martins**, Rua Fernão Magalhães 33 (Tel. 849448)
BAIRRO DAS COLÓNIAS — **Colonial**, Rua Forno do Tijolo 40 (Tel. 841122)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — **Zira**, Praça das Casas Novas, lote 66 (Tel. 310172)
BAIXA — **Centro Farmacêutico**, Rua das Portas de Santo Antão, 88 (Tel. 321211) * **Unifa**, Rua da Vitória, 2 (Tel. 323793)
BENFICA — **Benfica**, Estrada de Benfica, 678-E (Tel. 702532) * **Sousa**, Estrada de Benfica 429 (T. 780027)
CAMPOLIDE — **Central**, Rua General Taborda, 17 (Tel. 68[illegible]304)
CAMPO PEQUENO — **Miranda**, Campo Pequeno 36-B (à Av. Sacadura Cabral) (Tel. 770776)
CAMPO DE OURIQUE — **Ivone**, Rua Silva Carvalho, 232-C (Tel. 650760). * **Porfírio**, Rua Francisco Metrass, 59 (Tel. 668349).
CARNIDE — **Leal de Matos**, Rua Neves Costa, 33 (Tel. 780181) * **Benfica**, Estrada de Benfica 678 (Tel. 702532)
CONDE REDONDO — **Salutar**, Rua Conde Redondo, 9-A (a Gomes Freire) (Tel. 533411)
ESTRELA — **Paivas & Parente**, Rua de Santo António 96 (Tel. 665196)
LAPA — **Silva**, Rua S. João da Mata, 74 (Telefone 66 010)
LUMIAR — **Alameda**, Alameda das Linhas de Torres 201-B (T. 790942) * **S. Tomé**, Estrada do Desvio, lote 12-C (Telefone 790704)
MARVILA — **Marvila**, Rua Direita de Marvila, 25 (Tel. 38 612)
OLIVAIS — **S. Paulo**, Rua 2, lote 323 (Olivais Sul) (Tel. 310711) * **Higiene**, Rua Cidade Vila Cabral, lote 43 (Olivais Sul) (Tel. 310026)
PICHELEIRA — **Marlux**, Calçada do Picheleira, 140-B (T. 720703-728395)
POÇO DO BISPO — **Marvila**, Rua Direita de Marvila, 25 (Tel. 381612)
REGO — **Prates & Mota**, Rua da Beneficência, 91 (Tel. 773728).
RESTELO — **Ocidental**, Rua Jerónimo Osório, 18-D (Tel. 610256) * **Tanara**, Rua Rodrigues Remel, 3-A (Tel. 61814).
SANTO AMARO — **Lisbonense**, Rua Leão de Oliveira, 2-B (Tel. 637020)
S. BENTO — **S. Bento**, Rua dos Poiais de S. Bento, 73 (Tel. 679673)
S. MAMEDE — **S. Mamede** — Rua Hangar, 3 (T. 260008)

● Linha de Cascais

ALGÉS — **Almeida Nito** — Av. Combatentes da Guerra, 64 (Tel. 2 2070)
CAXIAS — **Nova** — R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. [illegible]4,839)
PAÇO DE ARCOS — **Trindade Bras** — Av. Costa Pinto 186 (Tel. 2432034).
OEIRAS — **Godinho**, R. Cândido dos Reis 98 (Tel. 2430090)
PAREDE — **Alsir**, B.º das Caixas de Previdência, Bloco A (T. 2472948)
S. PEDRO DO ESTORIL — **S. Pedro** (Tel. 2630521)
ESTORIL — **S. João** — S. João do Estoril (Telef. 261186)
MONTE ESTORIL — **Lopes** — Rua Hangar, 3 (T. 260008)
CASCAIS — **Misericórdia** R. Regimento 19, n.º 14 (T. 280 4[illegible]) * **Cascais**, R. Conde de Monte Real, B. Caixas (Telef. 287407)

● Linha de Sintra

AMADORA — **Dias**, Av. Marquês de Pombal, lote 9 (Tel. 934589 * **Campos** — R. Elias Garcia, 185 (Tel. 930072 * **Clabel** — R. António Sardinha, 23-D (Tel. 938551)
DAMAIA — **Confiança** — Est. Militar, Lote D (Tel. 9710231)
QUELUZ — **André** — Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); **Queluz** — Aven. Miguel Bombarda, 123 - A (Tel. 951841)
CACÉM — **Central** — R. Elias Garcia 55 (Telefone 2940034
MEM MARTINS — **Químia** — Est. Mem Martins, 285 (Tel. 29 00 21)
S. PEDRO DE SINTRA — **Valentim** (Tel. 980456)
SINTRA — **Misericórdia**, L. Dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 98039)
COLARES — **Colares** — Abreu (Tel. 299088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — **Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 5 (Tel. 234100)
ALHOS VEDROS — **Portugal**, Av. do Bela Rosa, 8 (Tel. [illegible]4250)
ALMADA — **Nuno Álvares**, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (Tel. 270504).
BAIXA DA BANHEIRA — **Aliança** — Estrada Nacional, 174 (Tel. 224302)
BARREIRO — **Higiénica**, R. D. Manuel I, 178 (Telef. 22730 1)
COVA DA PIEDADE — **Cerqueira Afonso** — P. 5 de Outubro, 18 (telefone 270254)
MOITA — **União Moitense** — Av. Dr. Teófilo Braga (Telef. 239025)
MONTIJO — **Giraldes**, R. Almirante Reis, 45 (Telefone 230008)
SESIMBRA — **[illegible]** — Rua Cândido dos Reis 67 (Tel. 229028)
SETÚBAL — **Normal de [illegible]**, [illegible] Bocage (Telef. 222[illegible])
SEIXAL — **Godinho** — L. da Igreja, 51 (Tel. 221 8580)

● PORTO

Antero de Quental, Rua Antero de Quental, 520 (Tel. 45048 * **Azevedo**, Rua do Merral, 503 (Telefone 52344 * **Constituição**, Rua da Constituição, 93 (Telefone 490813) * **Correia de Araújo**, Rua de Santa Catarina, 259 (Tel. 25644 * **Cruz**, Rua Costa Cabral 082 (Tel. 40041) * **Guarani**, Rua Pedro Hispano 367 (Tel. 62250) * **Herculano**, Rua Alexandre Herculano, 384 (Telefone 27943) * **Liga Ass. Soc. Mútuos**, Rua do Bonjardim 286 (Tel. 21711) * **Magalhães**, Rua de Serralves, 566 (Tel. 63561) * **Nova do Monsanto**, Rua de Monsanto, 48 (Telefone 490889) * **Ribeiro Júnior, Sucr.**, Rua da Firmeza, 99-A (Tel. 23849) * **Sampaio**, Rua de Cedofeita 636 (Tel. 21782) * **Sanil**, Rua do Paraíso, 214 (Tel. 23935) * **Vitália**, P. da Liberdade, 34-37 (Tel. 24133 * **Gondarém**, Rua de Gondarém, 360 (Foz)

● COIMBRA

Solum — Rua Carolina Michaelis (tel. 33120) * **Nazaré** — Rua Ferreira Borges (telef. 22605) * **Santa Isabel** — Avenida Sá da Bandeira (t. 24916).

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

COMEÇOU HOJE O JULGAMENTO DE ELEMENTOS DO M. P. L. A.

No Plenário Criminal da Boa Hora, presidido pelo desembargador Morgado Florindo e com a tribuna publica ocupada pelo dr. Costa Saraiva, adjunto do procurador da Republica, começaram hoje a ser julgados oito réus acusados de pertencerem ao M. P. L. A.

No banco dos réus, encontram-se os srs. Alvaro José de Melo Sequeira Santos, de 33 anos, casado, empregado bancário, natural de Nossa Senhora do Pópulo, em Benguela; Raul Jorge Lopes Feio, de 24, solteiro, quintanista da Faculdade de Medicina de Lisboa, natural de Bela Vista, Huambo, Angola; José Ilidio Coelho da Cruz, de 27, solteiro, gerente comercial, de Santa Isabel, Boavista, Cabo Verde; Maria José Pinto Coelho da Silva, de 25, solteira, empregada de escritório e aluna do 2.º ano do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, natural de Lisboa, freguesia de Arroios; Diana Marina Dias Andringa, de 22, casada, redactora publicitária, natural de Dundo, Luanda; António Manuel Garcia Neto, de 25, solteiro, aluno do 3.º ano da Faculdade de Direito de Coimbra, natural de Luanda; Rui Filipe de Matos Figueira Martins Ramos, de 24, solteiro, aluno do 3.º ano da Faculdade de Direito de Lisboa, natural do Carmo, Luanda; dr. António José Ferreira Neto, de 28, solteiro, médico de 2.ª classe, interino dos Serviços de Saude e Assistência de Angola, natural de Nossa Senhora da Conceição, Luanda; Fernando Emílio de Campos Pereira Andrade, de 28, casado, aluno da Faculdade de Medicina de Coimbra, natural de Nossa Senhora da Assunção, Malanje, Angola, e padre Joaquim da Rocha Pinto de Andrade, de 43 anos, aluno do 2.º ano da Faculdade de Direito de Lisboa, natural da freguesia de Santo Hilarião, Cazendo, Angola.

A defesa está confiada aos srs. drs. Manuel João da Palma Carlos, Reinaldo Caldeira, Mário António Coelho, Joaquim Mestre, José Augusto Rocha, António de Araujo, Macaista Malheiros, António Lopes Sabino, Armando Luso Soares, Mário Brochado Coelho ou Manuel da Palma Carlos.

No pleito figuram 15 declarantes, 2 testemunhas de acusação, e 89 de defesa. O despacho de pronuncia é muito extenso. Nele se afirma que alguns dos querelados «são ou foram» membros do M. P. L. A.

Sobre a actividade dos incriminados aquele documento jurídico afirma que o sr. Alvaro José de Melo Sequeira Santos ingressou no Partido Comunista Português em 1962 ou 1963, ficando integrado num «organismo» de ultramarinos, como representante de Angola, no sector estudantil de Lisboa, sendo um dos fundadores e principal colaborador do panfleto clandestino «Jornal Anti-Colonial» que era impresso numa tipografia clandestina do P. C. P. Em principios de 1963 deslocou-se a Paris a fim de estabelecer contactos com os dirigentes do M. P. L. A., falando nessa altura com Mário Pinto de Andrade que já era o chefe do departamento de «Negocios Estrangeiros» daquele «Movimento», regressando a Lisboa com grande quantidade de propaganda apreendida quando foi preso. Em 1961 esteve em Angola, e quando voltou foi portador de uma «carta-mensagem» que se destinava ao comité directo do M. P. L. A. com sede em Brazzaville, endereçada ao dr. Agostinho Neto. Afirma-se também, entre outros elementos, que o réu, a pedido da incriminada Diana Andringa, elaborou uma relação com os nomes de reclusos em Cabo Verde, no cumprimento de penas impostas em Luanda, por actividades ilegais ali desenvolvidas a favor do M. P. L. A., e que essa relação chegou á Cruz Vermelha Internacional.

Quanto ao padre Joaquim Pinto de Andrade, o documento acusatório afirma que ele tomou a iniciativa de fazer seguir para o «comité-director» do M. P. L. A., em 1969, um pacote de mensagens e documentos, e que um amigo estrangeiro do estudante António Garcia Neto se encarregara, para o efeito, de o levar para fora de Portugal, com destino a Brazzaville. O Ministério Publico descreve ainda numerosas actividades tendentes a desenvolver a luta separatista, citando recolha de fundos e medicamentos em Lisboa, Porto e Coimbra.

A ré caucionada é a sr.ª D. Maria José Pinto Coelho da Silva, a qual, segundo parecer do acusador publico, teria sido o «elo» de ligação entre um organismo do M. P. L. A. em Angola e o comité-director do mesmo Movimento no Congo-Brazzaville.

A audiência foi preenchida pela entrega das desenvolvidas contestações que os magistrados leram, seguindo-se o demorado interrogatório dos primeiros acusados. A noite, os trabalhos foram suspensos para prosseguirem na próxima terça-feira, á tarde.

Para assistir ao julgamento, encontram-se em Lisboa representantes de quatro organismos internacionais de advogados e associações de direitos do Homem.

O tempo

INFORMAÇAO DO SERVIÇO METEOROLOGICO

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava muito nublado e o vento era fraco predominando de Leste, chovia em alguns locais do Algarve.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Monte Estoril, 5º mínima: Penhas do Saude —3º 9

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 8º; Penhas Douradas, 0º; Coimbra 8º; Portalegre, 7º, Lisboa, 7º, Faro, 10º e Funchal, 13º

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 12º, na água do mar: 12º,8

PREVISAO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHA

Melhoria gradual do estado do tempo, com céu em geral pouco nublado, com excepção do Algarve, onde poderão ocorrer periodos de muito nublado e periodos de chuva ou aguaceiros; vento fraco de Sueste.

Amanhã
Nascer ás 8 e 33
Ocaso ás 19 e 10

Dia 18 Dia 25 Dia 4 Dia 12

MARÉS:
PREIA-MAR: **Hoje** — 5 e 2 (4,0 m), 7 e 40 (3,8 m) **Dia 12** — 5 e 5 (4,0 m), 08 e 09 (3,8 m) **Dia 13** — 6 e 20 (3,9 m); 8 e 29 (3,7 m).
BAIXA-MAR: **Hoje** — 0 e 43 (1,0 m) 22 e 46 (1,0 m) **Dia 12** — 1 e [illegible] (1,0 m) 23 e 18 (1,0 m) **Dia 13** — 1[illegible] e 38 (1,0 m), 23 e 45 (1,0 m)

A Reforma do Ensino será o tema de uma série de colóquios na Cooperativa de Estudos e Documentação

No sábado ás 15 e 30, na sede da Cooperativa de Estudos e Documentação, á Avenida Duque de Avila, 131 2.º, dt.º, efectua-se um colóquio sobre Organograma do Ensino apresentado ao País pelo ministro da Educação. O colóquio será ilustrado com diagramas, nele intervindo o prof. Torre da Assunção, da Faculdade de Ciências de Lisboa, e drs. Costa Belchior, técnico de planeamento e Salvado Sampaio, professor do Ensino Técnico.

O colóquio versará «As razões de uma reforma», os seus precedentes e as condições que a impuseram.

Trata-se do primeiro de uma série de colóquios sobre aquele tema devendo o segundo efectuar-se em 27 de Fevereiro nele intervindo o prof. Tiago de Oliveira, da Faculdade de Ciências; o dr. Fernando de Magalhães Colaço, da Faculdade de Medicina, e o estudante e professor Jaime Gama. No terceiro colóquio, em 13 de Março, intervêm os drs António Anselmo Aníbal e Manuel Lemos. No ultimo em 20 de Março, os drs. Rogério Fernandes e Rui Grácio.

A COMPANHEIRA DO AGRICULTOR DE LOURES CONFESSOU O CRIME

Ricardina Maria da Conceição, de 41 anos solteira, que vivia maritalmente com o agricultor Francisco Nicolau, residente na Quinta Nova, em Santo Antão do Tojal (Loures), que se encontra detida na Policia Judiciária, acabou por confessar, após interrogatórios a autoria do crime de envenenamento de que foi vitima o aludido agricultor, no dia 29 de Janeiro, ultimo.

NOVO EMBAIXADOR DA ALEMANHA

Acompanhado da esposa, chegou esta tarde a Lisboa o novo embaixador da Alemanha, Ehrenfried von Holleben.

A lotaria de hoje

NÚMEROS PREMIADOS

31942 — 4 200 000$
44709 — 420 000$
20122 — 240 000$

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

31941 — 12 870$
31943 — 12 870$

PRÉMIOS DE 18 CONTOS

4 859; 6 999; 7 271; 8 814
18 487; 18 562; 20 665; 21 923;
22 036; 22 795; 25 632; 26 935;
27 051; 30 106; 30 387; 32 205;
32 287; 33 226; 35 072; 35 575;
36 881; 37 672; 39 132; 39 298;
40 026; 40 557; 40 691; 43 551;
44 656; 45 352; 47 174; 47 367.

PRÉMIOS DE [illegible]
(Centenas)

20101 a 20200; 31901 a 32000 e 44701 a 44800.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os numeros cujos três ultimos algarismos sejam 982, são premiados com 1260$00; os terminados em 200, 290, 467, 554 e 886, são premiados com 960$00, em cada bilhete. Por sua vez, os numeros cujos dois ultimos algarismos sejam 11, 16 e 93, são premiados com 600$00. Por ultimo, todos os restantes numeros cujo algarismo final — terminação —, seja 2, têm direito a 300$00, de prémio, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

PÁSCOA EM MADRID
8 a 11 de Abril
extraordinária viagem
990$00
INCLUINDO: Passagens de ida e volta; alojamento em quartos de duas pessoas com banho privativo, pequeno almoço e jantar em Hotel de 1.ª B
Almoço do dia de Páscoa.
Programas e Inscrições:
WAGONS-LITS COOK
Av. da Liberdade, 103
Avenida de Roma, 4
Rua Rodrigo da Fonseca, [illegible] (Edifício Ritz)
Porto — Coimbra — Estoril — Funchal — Luanda — L. Marques

ESTA SEMANA, CONTRA O COSTUME, O
CAMPIÃO
NÃO VENDEU NENHUM
PRÉMIO GRANDE
Habilite-se para a próxima...
Aumentará as suas probabilidades!

cial
CENTRO DE LINGUAS

Carnaval
no
Restaurante
MÓNACO
Reserve já a sua mesa pelo telef. 2432339

TAL COMO NA SEMANA PASSADA...
A SORTE GRANDE
4200 CONTOS — 31942
Foi vendida hoje aos balcões da
CASA DA SORTE
A CASA QUE FAZ MULTIMILIONÁRIOS

Teka
LAVA — LOUÇA
INOX 18/8-304

FABRICADO POR
Teka-Hergóm
Representante — ANSELMO SANTOS
AVEIRO - APART. 130 / LISBOA - R. COR. BENTO ROMA-12-A
REVENDEDORES EM TODO O PAÍS

O QUE É UM ESCRITOR MALDITO?

DL
SUPLEMENTO LITERÁRIO
649 ■ 11 DE FEVEREIRO ■ 1971

por Luiz Pacheco

Rais os alundem!......... (1)

Nos ultimos anos a esta parte e recentemente com mais insistência, calculo que por ternura de simpatia ou escárnio maldoso (em linguagem jurídica: *animus injuriandi)* ou sequer só parvoice, tenho vindo a ser apodado à laia de pancadinhas nas costas ou cuspidela ofensiva de ESCRITOR MALDITO. Aqui há de certeza um equívoco (ou dois), uma saloiice com que começo a engalinhar, a ficar todo irritado (esfrangalhado).

Primeiro equívoco: a minha definição de MALDITO (como escriba e lendo os meus confrades locais) não parece ajustar-se àquela que suponho poder atribuir-se e fala na boca do senso comum. Daí, *e com o limite rigoroso e premeditado de não referir gente viva* (para descanso e paz geral) *e não citar senão casos nossos* (pois sobrecarregaria muito o texto indicando estrangeirada), a necessidade prévia de definirmos o que vulgarmente se entende por ESCRITOR MALDITO, quais as atitudes ou actividades ou produção literária que essa condição (ou desatento cognome) implica e depois tentarmos pôr a correr um outro critério de apreciação, valorização; em suma: uma definição nova, a minha, quanto mais não seja para estabelecer ou aumentar a barafunda. Comecemos por algumas perguntas, tentemos hipóteses, vamos a isto!

O que é UM ESCRITOR MALDITO?

Por comodidade de exposição, vou dividir os exemplos (repito: *apenas portugueses e mortos, e nada exaustivamente)* em dois grupos:

a) como acabam, a morte-macaca que os findou, signo de confirmada maldição póstuma, voluntária ou involuntária morte e na maioria dos casos resultante (lògicamente) de uma vida já em si atribulada;

b) como passaram... por este vale de lágrimas, mesmo que tivessem ao cabo morte calma e sacramentada.

Em *a)* interroguemo-nos se tal MALDIÇÃO, assim levianamente (quanto a mim) encarada pelos contemporâneos ou os pósteros, se poderá atribuir ao tiro na mioleira (Camilo, Antero, Manuel Laranjeira) ou ao veneno como viático (Mário de Sá-Carneiro) ou à fogueira como meio de transporte cómodo, expeditivo para o Além (António José da Silva, o Judeu); ao fim prematuro pela doença *(«quando tanto havia ainda a esperar do seu talento»*, lamentam as necrologias) e aí estão os tuberculozinhos (António Nobre, Cesário Verde, José Duro, António Maria Lisboa).

Na segunda alínea *b)* a noção é mais complexa, até porque o MALDITO (temos visto) pode arrepender-se a tempo, reviralhar a casaca, converter-se, deixar-se *recuperar* para contento geral. E como Deus não dorme, acaba na Academia.

Mas não há dúvida que a MALDIÇAO (fama das mais perigosas) lhe proveio de um certo tipo de comportamento com incidências sociais (já que o escritor é UM HOMEM PÚBLICO, coisa que por vezes se finge ignorar, logo COM RESPONSABILIDADES PÚBLICAS perante a sua colectividade, a SUA HONRA está aí — é para sempre aí jogada).

Vejamos e por alto: a pedincha (Tolentino), a loucura ou a caquexia (Gomes Leal, Ângelo de Lima, Raul Proença), o facto, feliz ou infeliz é com eles de pertencerem por má sina ou gosto às chamadas minorias sexuais, por exemplo o homossexualismo (António Botto, Raúl Leal) ou à prática do alcoolismo em doses notórias de tintos e bagaceira — por solidão afectiva? por desfasamento intelectual, cultural? sabe-se lá porquê, ao certo (caso mestre no nosso século: Fernando Pessoa). E ainda: a boémia desgarrada irreverente aventureira (Camões, o Trinca-Fortes) ou um qualquer azar ou determinação consciente, coerente, que os levam a largas estadias na cadeia (D. Francisco Manuel de Melo, Bocage), ao exílio forçado (Filinto Elísio, o Cavaleiro de Oliveira, queimado este por cá em efígie estando em Londres; quando soube riu-se e disse para a História: *«Nunca senti tanto frio como nesse dia!»* Era um humorista... mas ria-se em Londres).

As vias para a MALDIÇÃO pelo conciso esquema e os exemplos dados (nunca mais acabava, o Leitor que complete) são múltiplas; na prática do dia-a-dia convivente traduzem-se num confuso sentimento colectivo de desdém, repulsa, portas que se fecham na cara d MALDITO e, também por vezes, uma certa incomodidade defronte dele, risonha desfaçatez ou pronunciada autêntica desconsideração (desclassificação) social. A verdade é esta: a sociedade, digamos em rigor: A PÚRRIA DOS CONTEMPORÂNEOS dá um escritor por MALDITO e lava daí a sua consciência. Empareda-se (e defende tenazmente, é o seu legítimo direito apesar da estupidez) a sua (dela, sociedade) repousada repousante mediocridade, e parece-me este um instinto muito apurado das maiorias, e de lastimar mais que enfurecer. Pior: age depois em função da ficha em que os inscreveu, AOS MALDITOS, embora reconhecendo-lhes (algum) talento... até admirando-lhe e comprando e lendo-lhe as obras. Mas adiante!

Depois de morto e bem morto, O MALDITO muda de designação. Pode começar a chamar-se à vontade, em total tranquilidade, por exemplo, MALOGRADO. O que tanto se aplica a uma vida infeliz, curta, doentia, pobretana ou perseguida como a um final dramático.

É então o momento de entrarem em acção os espíritos mais esclarecidos ou isentos, os especialistas. Bibliófilos e bibliómanos disputam-lhe os livros, os papéis, os inéditos, os Críticos dissertam a cemzes (ou mais) cada coluna, os Srs. Editores encaram a sério

Cont. na pág. 2

CHABROL, O CRUEL (o rei não está a morrer)

PESE EMBORA aos bravos-breves, sumos-breves, sumos-sumidos-consumidos poetas deste nosso mercado (ou praça), eu estou aqui para dizer que Claude Chabrol, o Feio, é mesmo assim o maior de todos eles (poetas).

Descobridor de um reino tempestuoso, Ube-Chabrol domina-o com um ceptro de ferro, empilha cadáveres, controla a natalidade e é dono, por conquista, de um dos mais descolonizados reinos da poesia.

Sem dele ter recebido ordens especiais, quero contudo falar das imagens que ele cria e governa na qualidade de Senhor Ubuesco e Único. (1)

UM DÉCOR DE SONO PINTADO COM RAIVA

Os filmes de Chabrol são dos mais lineares de toda a história do Cinema. Não me lembro de lhe ter visto nos filmes qualquer «flash-back» nem muitos grandes planos, ao passo que se vêem a toda a hora planos de pormenor, uma linearidade rigorosa que é complexa mas não se esforça. Uma certa preguiça *parece* ser uma das características do SEU [illegible]. É também uma das [illegible] do NOSSO. Ou não [illegible]?

Uma [illegible] atenta [illegible] liano [illegible] que é antes o NOSSO mundo que ele se limita a [illegible] tratar pelos *nossos* próprios olhos, para depois o destruir com os *seus*, isto é, a *camera*. Assim é que vemos em *Landru* como que um grande quadro impressionista a projectar-se e a desenvolver-se preguiçosamente na tela; o que efectivamente sucede é que Chabrol contesta com *Landru* todo um mundo que foi o do Impressionismo. Nesse grande quadro, que podia ser um MANET, recortam-se, intempestivos e cheios de bigodes, retratos de Clemenceau (2) e da Grande Guerra que Clemenceau andava a ver se prolongava o mais possível.

O mundo do Impressionismo é o da Grande Guerra. E os *jovens saudáveis* que Auguste Renoir dizia que pintava, sentados em cafés-concertos e nos jardins do Luxemburgo, não eram mais que Landrus cada vez mais [illegible], de [illegible] — [illegible] para os [illegible] e Cl[illegible].

O nosso mundo, cheio de [illegible] — quer dizer Claude Chabrol.

O [illegible] outros filmes de Chabrol é também um dé[illegible] para qualquer pedrada no charco fazer ondas e intempéries. Assim LE BOUCHER passa-se (é filmado) na paisagem da província francesa, que não é mais nem menos bonita que a de Alpedrinha e Quadrazais; e o REQUIEM é a beira do mar, numa praia que ganha em soma à de Algés.

É neste ambiente que Chabrol estabelece o seu reino de imagens a sangrar; a sangrar entre poemas sinfónicos de Brahms e umas espécies de *Ó tempo volta pra trás*.

Este matrimónio de *Impressionismo-Bramhs* com o *Carniceirismo* da crueldade chabroliana dá na deflagra-

Cont. na pág. 2

Manuel João Gomes

O QUE É UM ESCRITOR MALDITO?

Cont. da pág. 1

o lançamento breve das Obras Completas (súcia de corvos e coveiros!), a edilidade de origem do MALDITO (e outras, qualquer pretexto serve) resolve apor a placa na rua, quiçá erguer o busto ou a estátua. O MALDITO entra para as antologias, é patrono de prémios das Academias. O MALDITO COMEÇA A RENDER! E como, geralmente desprecavido, preocupado todo ele por outras coisas, distraído dos seus direitos autorais, até da compilação da obra produzida e dispersa (ATENÇÃO, ISTO É MUITO IMPORTANTE: *porque fixado na obra ainda a criar*, que nunca vai ter tempo, E ELE, MALDITO, SABE-O MELHOR QUE NINGUÉM, de a realizar toda, e como ele a queria, a sonhou assim; a queria DAR); sem família ou com (mas informada do mesmo ou idêntico estado social de incomodidade ou repulsa, envergonhada do parente), É UMA FALPERRA! É O VÊ SE TE AVIAS!...

Afinal, muitos gostavam, admiravam muito, eram íntimos amigos do MALDITO. E nascem as anedotas sobre ele, as artigalhadas, as páginas de memórias sobre, logo os ensaios, depois os prefácios. O MALDITO ESTÁ LANÇADO! no Outro Mundo, claro e quietinho, muito caladinho. A colectividade vai retomando progressivamente a sua boa consciência (que nunca chegara a perder de todo...), vai *integrando, assimilando, recuperando* O MALDITO (ambição de que nunca desistira), vai, como se diz, fazendo-lhe Justiça. Embora em vida o tivesse amargurado, torturado, explorado, castrado, roubado, cerceado, amarrotado, amesquinhado, trocado o mais possível. A burro morto, cevada ao rabo.

Cómica, porém dolorosa e quase repugnante, a exploração sistemática póstuma do MALDITO. E o aproveitamento do seu caso humano (deturpando-o) ou da obra por ele legada (amputando-a mesmo assim: colhendo nela ainda apenas o que convém aos tempos que correm) manipulada por seres mesquinhos e gulosos que, a serem contemporâneos do MALDITO seriam (eram, está-se mesmo a ver, a perceber) os seus mais ferozes inimigos.

Façamos um intervalo. Quinta-feira próxima se concluirá. E sugeria, enquanto fumamos uma cigarrada, aproveitarmos estes oito dias para meditações, solilóquios, conversas no café, mesas-redondas, até seminários de estudo ou colóquios públicos para um melhor entendimento colectivo do que seja UM ESCRITOR MALDITO EM PORTUGAL 1971. Não se julgue, longe disso! que desejo invoquem o meu caso (NÃO SOU UM ESCRITOR MALDITO). Preferia um debate na generalidade. É que... parecendo um tema marginal, nem mais nem menos, é em minha opinião uma via de averiguarmos QUAL O PAPEL E O LUGAR DO ESCRITOR NA SUA COMUNIDADE. Logo: A SUA FUNÇÃO EXACTA, A SUA MISSÃO INDECLINÁVEL. Desde o alarme, o grito de intervenção dos nossos Surrealistas vinte anos atrás (que eu acompanhei de perto, a que dei uma colaboração interessada e pública como editor, está aí quem saiba ou se lembre), não vejo quem se tenha tornado a pôr o problema estético e ético da acção e projecção social imediata do escritor entre nós (antes, houvera os neo-realistas, com quem aprendi e os Surrealistas também: Cesariny, António Maria Lisboa, Alexandre O'Neill, José-Aurélio de Azevedo, Pedro Oom, Mário Domingues, Vespeira tinham todos começado como neo-realistas). Digo: em grupo. Como doutrina de acção conjunta. E se excluo os Experimentalistas é porque os seus interesses os suponho confinados à estética, numa literatura de laboratório útil e interessante sem dúvida, mas segregada.

Afora o anedótico e conciso da exposição atrás (calculados), ignorando o que de desforco e indignação pessoal *pro domo mea* aí fica, creio que algo de muito grave subjaz nesta pergunta que repito: O QUE É UM ESCRITOR MALDITO?

E remato por hoje com uma sentença do Lisboa que nos poderá talvez encaminhar na rota certa: *«o que importa não é saber viver, é levar uma vida sábia»*.

LUIZ PACHECO

(1) Expressão recolhida no casal da Macieira, freguesia do Troviscal, concelho da Sertã. Decerto equivalente ao correntio *raios que o partam* ou *o raio que o parta*, mas de muito mor violência. Não se trata de deixar ou desejar um tipo *assombrado, partido* ou *fulminado*, mas logo de todo em todo *enterrado*. Nas profundas. Aliás, a invocação faz-se geralmente acompanhar, como reforço e ajuda, da porrada respectiva. Sagrados costumes, gente franca no dar!

Chabrol, o cruel

Cont. da pág. 1

são em poema violento; é mais um casamento que foi ao ar.

O DECOR, A AMBIGUIDADE E A FAMÍLIA

Falando de casamento, Chabrol até já fez um filme sobre isso: *La Femme Infidèle* é um filme sobre a família, sobre o Doce Lar, realizado num quintal e no chalet que está no meio.

Uns que vêem Chabrol mais apressada e parcialmente dão com o agregado familiar tratado como se de um poema se tratasse; saem então do cinema a chamar reaccionário ao Chabrol (coitadinho (s)!

E contudo... a filmagem linear é cinicamente esplendorosa é em Chabrol o primeiro movimento para pôr um mundo em explosão, na ordem de ideias que temos vindo a expor.

Responda então com sinceridade: Landru é ou não é um estrangulador pela razão de ter mulher e filhos? Popaul é ou não é um navalhista por causa de um complexo de matrimónio? É por acaso ou não é que *LE BOUCHER* tem quase meia hora de cinismo durante a boda que abre o filme? É ou não é verdade que o *REQUIEM* é sobre o amor filial, o complexo de Édipo e a morte do pai?

À honra de quem sou lhes digo que Chabrol nunca escreverá a *COMUNIDADE*; primeiro porque o Luiz Pacheco já a escreveu, segundo porque a dialéctica de Chabrol é outra, terceiro porque Luiz Pacheco não tem nada a ver com Chabrol, quarto porque ambos sabem bem o que fazem e fazem bem o que sabem.

Chabrol é um cineasta lúcido; por isso os seus poemas são ambíguos. Trata-se de correr o risco de ser pateado pela malta de Económicas, o que — vamos lá — não é assim um grande risco.

O gerar da ambiguidade-detonação num mundo amodorrado e tartufo isso é o Cinema de Chabrol. Chabrol filma as contradições de. É um dos nossos

DAS CRIANÇAS-POLÍCIAS

O primeiro grande movimento de explosão é em Chabrol um movimento ligado às formas clássicas de cinematizar. O seguinte, também.

Para Chabrol, o *suspense* e o *thriller* são, obsessivamente, dois pontos de partida para o funcionamento do antisistema. Dá a impressão que quem entrevistou o Hitchcock foi ele e não Truffaut, o qual tem, mesmo assim, na *NOIVA ESTAVA DE LUTO* um filme digno de Chabrol. (Aliás, eles são amigos).

Outro risco que Chabrol se habituou a correr: o *suspense* e o *thriller*? Não era o Humphrey Bogart-Michel, Poicard que sonhava *viver perigosamente até ao fim?*

Aí está, pois, Chabrol a brincar com o policial: para quem souber ver trata-se do jogo mais brincado todo aquele aparelho de filmes como *LE BOUCHER* e o *REQUIEM*. E se ele mete sempre crianças no jogo por algo será.

As crianças são violentamente nos filmes de Chabrol o lado detective co, as grandes testemunhas dos assassínios de Landru, da dor-de-corno do marido de *LA FEMME INFIDÈLE*, do envenenamento no *REQUIEM*, do crime de Popaul sobre a montanha em *LE BOUCHER*.

As crianças são para Chabrol as únicas que conseguem safar-se de um sistema de produzir Landrus e Popauls e se mantêm nele na qualidade de grandes observadores, capazes também de serem os *Iniciadores do Grande Massacre*.

Reparar para a cena fortíssima de Charles a guardar a turma, enquanto o detective ouve as declarações (3) de Mademoiselle Hélène: uma cena rigorosa, significante de coisas que, à força de serem ditas não perdem a importância:

O melhor do mundo são as crianças (Pessoa).

Mas eu prefiro os fedelhos (A. Boto).

Se não vos fizerdes como crianças não entrareis no reino dos céus (J. Cristo-Mt. 14).

Porque é que não paraste nos sete anos? (Lewis Carroll).

À insegurança. O mundo prestes a virar-se. Um mundo de paisagens à Manet e esfumados à Leonardo da Vinci, preste a apodrecer. Um espaço de passagem, aliás a única visão real do espaço que hoje a arte pretende dar.

Ubu-Chabrol

Neste tempo-espaço CRÍTICO, as crianças como os mais fortes agentes de insegurança, trabalham o seu mundo. E Chabrol, a ajudá-las, criando o mundo *dele* sobre o *nosso*, este que se vai decompondo.

Chabrol é dos nossos.

OS ASSASSINOS ESTÃO ENTRE NÓS

Estamos já a entrar na consistência política do Cinema de Chabrol. Não vamos além de *LE BOUCHER* que, nesse aspecto, contém os outros todos tal como LANDRU.

Landru como *Popaul* não nascem da terra, não aparecem no décor virgens e puros, espontâneos e ovulares, de navalha na mão, a matar donzelas. Um e outro tiveram uma *aprendizagem* que o filme não se nega a dizer, pela boca de Popaul aliás: Popaul vem da Argélia. Era ele que matava as reses de todas as espécies nos desertos do Sara, herdeiro de uma geração de magarefes que sabia tudo sobre matar, competentíssimos e bem aprendidos na arte.

Popaul o diz e Popaul o faz: a faca é o grande personagem — dito e mostrado — da primeira à última cena.

Nosferatu está afinal entre nós (4) e não é conde nem marquês. É um de nós e vive regularmente: ia ontem no Metro, com os sapatos engraxados, a gravata, a camisa lavada, de fato velho mas sem nódoas e passado a ferro, com a barba feita e o cabelo penteado, a olhar com ódio para os guedelhudos e os barbados. Vi eu com estes dois.

A NAVALHA, MÉTODO DE AMAR

Já que falamos em marqueses, que terá o marquês de Sade a ver com isto? Mais do que parece. Afinal de contas é o sadismo a grande personagem de Chabrol.

A assimilação do acto de amar ao acto de matar; o instinto de Morte ao serviço do instinto de Eros — eis o *leit-motiv* de todo o poema chabroliano. Sem pretendermos expor Freud e Marcuse, diremos mesmo assim que Chabrol os assimilou e fala-nos de um sistema em que Eros e Thanatos se anulam, encontrando-se

A ambiguidade essencial da cinematografia de Chabrol não nos vai permitir escrever um tratado sobre o amor e a morte, EROS e THANATOS; os filmes de Chabrol são antes documentos poéticos a ilustrar a situação de um mundo.

Até que ponto Landru amava e em que momento acendia o fogão para queimar as amantes? Até que ponto Popaul amava e em que momento abria a navalha — isto é — em que momento a navalha de Popaul serve para amar e em que momento serve para matar?

A resposta não a dará Popaul porque virou a navalha contra as próprias tripas; nem Chabrol que nos respeita demasiado para nos dar ordens nesse sentido. Ele prefere pôr um disco de Brahms e esperar pela resposta, comendo honradamente o seu bife e deixando crescer a guedelha.

A COMIDA, NOSSO PRATO PREFERIDO

Já que falamos de bifes, é de pôr em evidência a paixão de Chabrol, o Cruel, pela comida. Todos os seus filmes atingem o máximo de pureza, de perfeição e de violência nos planos de guisados e assados.

Comer é o prazer puro e inconsequente, a grande recompensa do trabalho pleno de opressão. Comer é ou não é unir-se de forma substancial ao que de melhor há no mundo?

O frango trinchado enquanto a televisão do restaurante anuncia o envenenamento (*REQUIEM*) o pato-seco com manteiga enquanto o sangue cai como chuva do alto dos penhascos, são as mais violentas — porque em eclosão dialéctica — de toda uma série de imagens em que se manifesta o amor e a vida: a perna do borrego a carne do dia do casamento partida em fatias, o frasco das cerejas, o bife partido enquanto dura a investigação policial.

YANNE, O GORDO

Além disso, Chabrol tem Jean Yanne, a fazer cinema consigo no Requiem e no Carniceiro. Jean Yanne não é um actor: é uma tempestade de Crueza, a maior imagem da displicência e da temeridade, o constante gesto de quem diz «merdre» a tudo o que lhe aparece e de quem ama com a navalha aberta. O mais distanciado de todos os actores, a maior mistura de amante e assassino, o complexo cubista de um expressionismo a toda a prova, a cara de esfinge: uma personagem que todos queremos ver morta mas que temos medo de matar. E pena também.

Aí está pois Chabrol, o Cruel.

Recebam-no os críticos, os moralistas, os literatos e teatrólogos (5) e também os poetas-publicitários, com as reservas que quiserem; mas na certeza de que Chabrol se farta de rir e mais dia menos dia arrancará muitos corações pelas costas. Ele que se farta de ridicularizar a literatura pela boca de Jean Yanne, (v. Requiem para um Desconhecido) irritado porque a literatura nunca mais passa do sexo fraco. (6)

Chabrol é o mais cruel dos que estão à venda — desde os Restauradores às Avenidas Novas.

Chabrol, o Cruel! É dos nossos!

MANUEL J. GOMES

(1) — Quando é que a malta poderá ver Buñuel?

(2) — Cheio de bigodes e coisas piores. Como as notas portuguesas.

(3) — Relativamente verdadeiras.

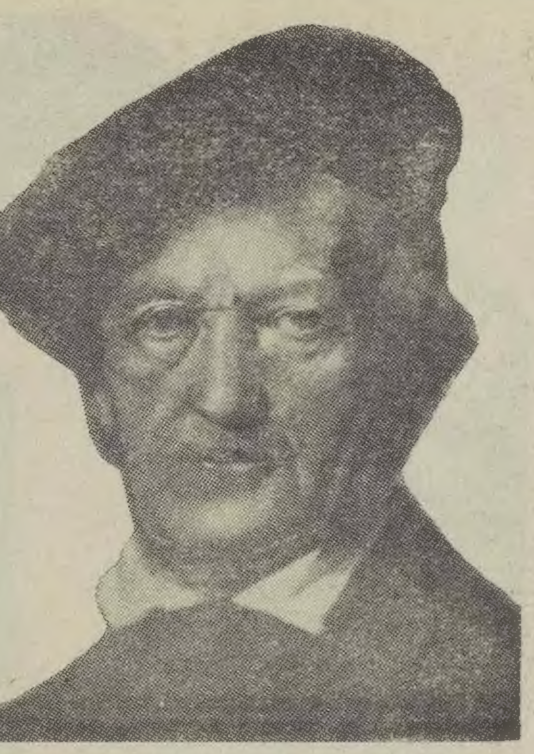
(4) — Não quero dizer o que está na Cinemateca. Embora, por acaso, esteja e seja importante.

(5) — Socorrermo-nos de Chabrol é tanto mais importante quanto Mestre Ionesco vê adulterada e controlada a sua crueldade, no Nacional e em Algés.

(6) — Sexo fraco não quer aqui referir-se ao «feminino». (Também) é ao «masculino» e ao «neutro» (que é o pior de todos).

TRISTÃO E ISOLDA

por José Alberto Gil



Wagner, um explorador das circunstâncias

DADO AGORA no S. Carlos Ópera de Richard Wagner (1813-1883), um tumor (maligno?) que ficou do Romantismo alemão dos oitocentos, e paragem obrigatória da História da Música e da (r)evolução do amor. Executada pela primeira vez em 1865, em Munique.

Em 1849, após a malograda Revolução de Dresden, Wagner, juntamente com outros cabecilhas da Revolução impossível, foi obrigado a exilar-se durante 13 anos, que foi aliás o seu período da fecundidade e no qual nasceu o Tristão. Colaborador de Bakounine disparou os seus ideais libertários por todo o seu *raio de acção (= visão)*.

No entanto — note-se bem — Wagner, mais que militante pago por qualquer ideologia, era um explorador das circunstâncias, e assim juntando as duas revoluções: a dele e a outra, o que é uma forma saudável mas perigosa de não comercializar a revolução; tem também a vantagem de impedir que o tiro saia pela culatra.

E Richard Wagner foi assim: deixando estragos *irremediáveis* por onde passava.

Por estas ocasiões também, Wagner foi tomado de uma paixão acidossulfúrica por Mathilde Wesendonk, mulher do seu protector Otto Wesendonk em casa de quem frequentemente se instalava.

Parasita das várias Instituições — grandes e pequenas — tais como a Corte da Baviera, viajando nos combóios alheios e mudando frequentemente de estação, ia pondo de pé as suas concepções do drama musical, e de todas as artes: a sua célebre teoria da «fusão das artes».

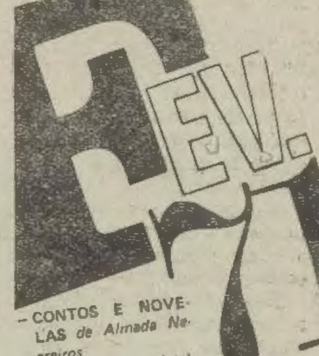
Apesar de ser hoje subestimada, visto que ao pretender uma leitura coerente a todos os domínios do espectáculo, resultou num desequilíbrio frustrante na medida em que eram violados os códigos das linguagens específicas de cada domínio, foi ela que acendeu o rastilho para a explosão das formas e fórmulas que embrulhavam a música na ópera tradicional. Em Wagner já não se encontra a costumada compartimentação da ópera em árias, cavatinas, etc., que faziam da ópera clássica uma sucessão de quadros. Neste tipo de ópera a linguagem musical é o «conteúdo» de fórmulas canónicas de composição e subordinado ás formas-processo típicas. Com o uso do *leit-motiv*, processo que consiste em caracterizar musicalmente os diversos tipos de personalidade-comportamento, Wagner transforma a linguagem em *ethos* numa atmosfera, resultante do entrecho que dos diversos personagens — concepção caracteristicamente romântica — anulando o determinismo formal e submetendo os personagens á acção inumana dos destinos escondidos, ou metafisicamente falando ás burocracias dos deuses (uns maiores, outros menores).

Assim, a divisão do espectáculo em domínios especializados, e submetido ás leis específicas de cada um, já não tem sentido quando todas elas são consequência das paixões e dos irremediáveis incêndios que elas provocam.

O «Tristão e Isolda» é exemplo flagrante. O impudor wagneriano originou os diversos desequilíbrios que envenenam a obra, cujo defeito principal é, no dizer dos melómanos de bom gosto, a grande monotonia de certas partes, causada pela sua longura exagerada. Os personagens comprazem-se na própria auto-análise, visto que a linguagem do Tristão é mais que expressão, e a própria reflexão, feita sobre os moldes dos personagens desenhados na intriga dramática e destruídos pelas corrosivas paixões. Essa destruição a um nível da linguagem opera-se na imobilização da acção que torna os movimentos invisíveis e o tempo palpável, saliente, na medida em que não engrena com o ritmo interno do espectador. A linguagem torna-se tão incómoda quanto incómoda e trágica é a intriga e o seu processo.

A incomodidade é a qualidade adquirida á própria custa por qualquer pessoa, coisa ou animal quando sai fora do seu lugar, o mes-

Cont. na pág. 7



— CONTOS E NOVELAS de *Almada Negreiros*
Conheça o que é talvez o mais original autor português do nosso século. 1.º volume das Obras Completas de Almada Negreiros. Preço de capa 50$00.

— Z de *Vássilis Vassilikos*.
A Grécia de hoje e os coronéis de sempre. Ou assassínio político como medida administrativa. Colecção Novas Direcções. N.º 3. Preço de capa 80$00.

— O ELEFANTE de *Mrozeck*
Um autor checo contemporâneo de Kafka. Nosso contemporâneo também. Colecção Livro B. N.º 2. Preço de capa 35$00.

— COLÔMBIA, LUTA DE GUERRILHAS de *Jácobo Arenas*
O manual-diário de um combatente. Colecção Praxis. N.º 2. Preço de capa 35$00.

— REGRAS PARA A DIRECÇÃO DO ESPÍRITO de *Descartes*
Uma obra talvez mais importante que o Discurso do Método. Colecção Clássicos de Bolso. Série Filosofia. N.º 10. Tradução de António Reis. Preço de capa 30$00.

— REFLEXÕES SOBRE A VAIDADE de *Matias Aires*
Um clássico esquecido do século XVIII. Colecção Clássicos de Bolso. Série Literatura Portuguesa. N.º 12. Recolha e Actualização de Luiza Lemos. Preço de capa 30$00.

— PEDRO E O TRICICLO de *Leila Berg*
Para as crianças dos 6 aos 8 anos. Colecção Infantil. N.º 3. Preço de capa 30$00.

Estes livros são distribuídos pela Expresso SARL e estão à venda nas melhores livrarias do país.

EDITORIAL ESTAMPA
Rua da Mãe de Água, 13-4.º, F.te — Lisboa-2

PRETEXTO: «A COZINHA»

José Martins Severino entrevista Luzia Maria Martins

A PEÇA agora montada pela Companhia do Teatro Estúdio de Lisboa, «A Cozinha» («The kitchen»), foi escrita por Arnold Wesker, jovem escriba inglês, fundador do **42th Center.**

Numa altura em que acaba de ser promulgada uma lei teatral, impunha-se ouvir Luzia Maria Martins, directora-encenadora do Teatro Estúdio de Lisboa, já que em sete anos de (difícil) existência, nunca esta Companhia transigiu com o teatro-para-o-estômago, isto é: a bilheteira. Poder-se-á, é claro, discordar desta ou daquela encenação, destoutra ou daqueloutra proposta, mas — e isso é importante, senhores —, como já se disse, há a creditar às directoras do T. E. L., uma recusa frontal e sistemática de facilidades, facilidades que todos sabemos onde nos levam.

JOSÉ MARTINS SEVERINO — *Quer a Luzia falar d'«A Cozinha», do seu autor, e, em última análise, porque escolheu tal texto?*

LUZIA MARIA MARTINS — Escolhemos, há 3 anos, «A Cozinha» para inclusão no nosso repertório pela simples razão de que Arnold Wesker não tinha, então, sido apresentado ao nosso público. Só depois foi encenada no Teatro Variedades «As Quatro Estações», como sabe. A razão por que escolhemos esta peça? Vários motivos nos conduziram a essa decisão: por ser uma obra extraordinàriamente original (na forma e no conteúdo), de interesse para um público vasto desperto ou desejoso disso para problemas dos nossos dias; por estar na linha do repertório da Companhia Teatro Estúdio de Lisboa; por constituir uma prova difícil para os nossos actores e para mim, como encenadora.

Luzia M. Martins: pretendo ser uma «pessoa»

Arnold Wesker: contra as fórmulas estabelecidas

Arnold Wesker, como sabe, é um dos mais importantes dramaturgos ingleses contemporâneos. Ele faz parte do grupo que surgiu na década de 50, e que contestou as fórmulas estabelecidas dos «Cozinhados» teatrais então em voga. Autodidacta e profundamente apaixonado pelos problemas sociais do seu país, ele criou, em 1960, o Centro 42, uma espécie de «cooperativa» artística, que se propunha a realização de conferências, concertos e teatro destinados a um operariado ávido de manifestações culturais que satisfizessem as suas aspirações e interesses.

J. M. S. — *Acusam-na de ser demasiado austera, demasiado inglesa, nas suas encenações. Que tem a Luzia a dizer sobre isto?*

L. M. M. — Bom... como principiar a responder a uma pergunta tão carregada de implicações para mim como *pessoa?* Antes de ser empresária, encenadora ou directora, eu pretendo ser uma *pessoa*. A acusação (será mesmo uma acusação?) não me parece coerente. As pessoas podem aceitar ou rejeitar os meus trabalhos mas não devem fazê-lo porque sigo esta ou aquela corrente estética, não acha?

Quando cheguei a Inglaterra contava 25 anos de idade. Se o Freud, o Jung e o Adler não são mistificadores, posso afirmar, com segurança, que, temperamentalmente, a minha formação humana estava definida. Contudo, *artística* e intelectualmente, é natural que tenha sido influenciada pelas correntes literárias e artísticas (para citar duas influências poderosas) que imperavam e imperam naquele país. Além disso, fui aluna de encenadores da craveira de um Tyrone Guthrie, de um William Gazkill, de um Clifford Williams, para lhe citar apenas três de nível internacional. É natural que me tenham influenciado. Para que vamos nós ao estrangeiro senão para sermos influenciados pelos que sabem mais do que nós?

Sabe? Isto faz-me lembrar a ridícula situação dos «estrangeirados», no fim do século XVII. Teremos progredido, neste aspecto, tão pouco?

Não sou uma pessoa austera. Sou talvez muito séria na maneira como encaro os problemas de uma encenação. Isto, a ser definido, obrigar-me-ia a uma longa dissertação, demasiado fastidiosa para os leitores e para mim, já que gosto pouco de falar de mim: prefiro que me conheçam através do meu trabalho. Quero apenas acrescentar que, ao contrário do que se pensa, sou uma imaginação fértil que procuro dominar racionalmente para não cair num erro que condeno em absoluto: as mistificações que se cometem em nome da «imaginação». Eu não pretendo que *me* conheçam. Procuro apenas *revelar* Tchekov, Marguerite Duras, Storey ou qualquer

Cont. na pág. 7

EM BENFICA
ULMEIRO
— LIVRARIA
— GALERIA DE ARTE
— DISCOTECA
— POSTERS
Av. do Uruguai, 13-A
LISBOA-4 Telef. 70 75 44

POESIA
2 posições:
neo-realismo,
poesia experimental

NEO-REALISMO E FORMALISMO

por António Cabral

César Pratas

É DE POESIA que vou tratar. Sei, porém, que estremar os campos de acção do neo-realismo e do formalismo da poesia portuguesa actual, como se eles a esgotassem, é uma traição à realidade de que não quero ser responsável. Não há apenas poetas neo-realistas e formalistas; nem mesmo os que o são deixam por esse facto de escrever segundo um gosto diferente, em muitos casos, tornando-se pois arriscado arregimentá-los leve e levianamente, risco que no entanto não é invulgar, como todos sabemos. Em vez de falar de poetas neo-realistas e formalistas, entendo que é mais exacto falar de neo-realismo e formalismo. E a que vem tudo isto? À questão que parece estar a agudizar-se no seio da crítica e cujo nó górdio me parece ser constituido pela forma de determinar o *quid* poético dum texto. Que aí é que tudo vai dar: saber onde está e onde não está a poesia.

Para muitos o problema, velhíssimo problema (e que se eternizará...) da qualidade poética é formulado e resolvido em função de critérios exclusivamente formais, vindo sempre a talhe de foice fundamentar asserções num Jakobson, num Barthes e em muitos outros da berlinda linguística e estruturalista. É o formalismo. Para já não percebo como é que os defensores da *forma* tão encarniçadamente têm sustentado posições combativas em relação à clássica dicotomização dum texto literário em conteúdo e forma. É que para eles o chamado conteúdo ou não tem importância estética ou é redutível à forma em si — quer dizer, em poesia a forma é tudo e, sendo assim, não há lugar para o conteúdo que, se existe, não se distingue essencialmente da forma, uma vez que, sendo algo distinto, fica de fora, no montão das coisas extra-literárias. Mas, nesse caso, das duas uma: ou a forma é apenas um conjunto de processos expressionais (o que não define a poesia) ou é um nome, pura realidade nominal, com que se procura iludir o problema, deixando-o em suspenso (o que só serve, tem servido, para confundir os leitores). A avaliar por certa crítica, a poesia não passa mesmo dum conjunto de processos expressionais. O clássico conteúdo não tem importância. Terá? Entendo que sim. Para essa crítica, tem importância e muita: tanto que dos poetas mais amados não se citam ou transcrevem os poemas em que o «conteúdo» deita as unhas de fora. Estou a pensar em Gastão Cruz, Armando da Silva Carvalho, Maria Teresa Horta e em outros. Esse conteúdo é um papão que poderia invalidar as subtis teorizações do formalismo. Mas se ele existe... Ah! — pode responder-se — existe, mas não funciona artisticamente. Continuamos na mesma: então porque se faz esquecido? E porque se esquecem deliberadamente os poetas em que o «conteúdo» é frequentemente manifesto, mesmo revelando o proclamado apuro formal, como é o caso de César Pratas, Eduardo Guerra Carneiro e Manuel Alegre, entre outros? Não há dúvida o «conteúdo» é perigoso e não dá para confirmar teorias e previsões. Incluir um neo-realista declarado numa lista de «poetas» era comprometer o grupo. *Há sinceridade nisso*, como diz a modinha brasileira?

Afonso Cautela todo se tem revoltado contra a crítica científica, por combater o impressionismo e eleger impressionisticamente os seus *astros*. Eu vou ajudar Afonso Cautela: a crítica científica pode exercer-se sobre qualquer texto, artístico ou não; por isso não há critério científico que fundamente uma eleição de bons poetas. Francamente simples. Nem há processo científico, por mais que os «cientistas» se desunhem, capaz de apreender a poesia e mostrá-la aos outros, como deve ser função da crítica digna desse nome.

Com tudo isto parece ter eu deixado subentendido um soberano desprezo pelo formalismo quer na poesia quer na crítica. Mas isso não é verdade: discordo do formalismo sectário, como do neo-realismo que o seja; admiro todavia uma linguagem cuidada, nova, apostada na busca da melhor forma de comunicação, quantas vezes arrancada aos abismos tumultuários do inconsciente e em conflito com a superficialidade dos gostos correntes, como também me sinto às vezes pequeno perante corajosas análises que se internam profundamente num texto até lhe desmontar as peças mínimas e trazer à luz as articulações invisíveis. Originalidade formal — sim; exame rigoroso das linhas processuais dum texto — sim. Mas que isso se arvore num absoluto, em completo desdém pelos outros que são quantos, por caminhos diferentes, procuram agarrar a poesia, absorver-lhe o encanto e a fecundidade, desnudando-a, erguendo-a como um facho ante o prosaísmo dos tempos: não.

É contra o formalismo sectário que o mais lúcido neo-realismo se revolta. Ouçamos César Pratas nestes sugestivos versos colhidos do seu último livro — *Boletim Meteorológico:*

«não nos basta criar o movimento
é preciso também embarcar nele»

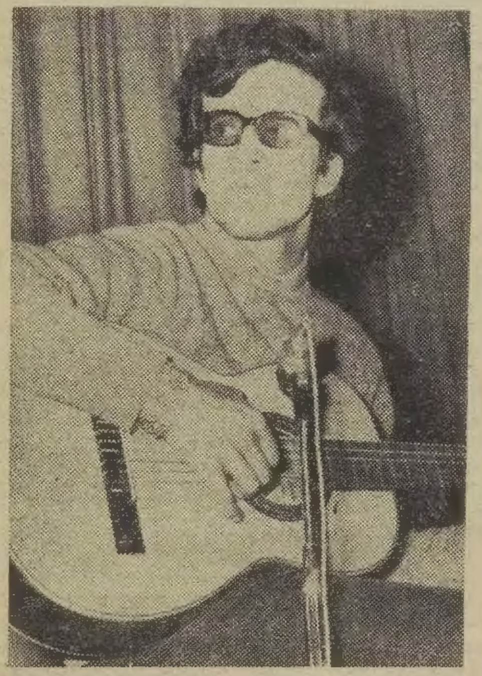
«Basta de inventar»

«morriam calados como convinha»

«alguns de pé muitos de cócoras
e em outras posições»

«nas lutas falsas de cada hora
só o que falta
é realidade»

Há os poetas que inventam o *movimento* mas não embarcam nele, como há os que, inventando-o, ou apenas ajustando o que existe à sua urgência, põem nele quanto são, prerrogativa condicionante das qualidades de homem e de poeta, pois, como nos frisou Ricardo Reis, o homem define-se como o ser que *põe quanto é no mínimo que faz.* Mais nenhum comentário aos versos de César Pratas cujo significado e sugestão são bem eloquentes. Esse poeta é um neo-realista, como outros, cuja importância nas letras portuguesas há que sublinhar, a menos que não nos importemos com a verdade e (atrevo-me a dizê-lo) com o juízo do futuro. Como há que sublinhar a importância das últimas manifestações colectivas do neo-realismo: *Notícias do Bloqueio*, alguns números de *A Planície*, *Setentrião*, *Poesia Portuguesa do Pós-Guerra*, *Poemas Livres*, *Hiroxima*, *Vietname*, e alguns números de jornais e revistas. E que tem sido a acção de cantores como José Afonso, Correia de Oliveira, Francisco Fanhais, Manuel Freire, além de outros, senão a concretização, à escala musical, das linhas mestras do neo-realismo? E não são mesmo neo-realistas os poetas que eles vêm estrènuamente, comoventemente, interpretando — tomando o sol às mãos cheias, um sol vivo (ácido mas vivo) e derramando-o sobre os nossos olhos tantas vezes ensombrados de paralisantes neblinas? O poeta neo-realista recusa-se a considerar a poesia como enfeite, puro jogo estético e pretexto de lições (por mais curiosas que elas sejam) *nas livrarias e nas universidades.*



Francisco Fanhais

P. S. — Após a redacção deste artigo e o seu envio para o «Diário de Lisboa», o que pode ser testemunhado pelo director deste suplemento, foi publicado um número festivo dedicado a um pretenso movimento de poesia do princípio da última década. Não interessa agora examinar as razões de Nelson de Matos, ao afirmar que tal movimento «não tem a importância que em princípio se lhe procurou atribuir». Interessa-me, sim, verificar que Gastão Cruz já observa a motivação histórica e social de alguns dos «seus poetas» o que também se passa com Eduardo Prado Coelho. Mas por que não integrar directamente tais poetas, quanto a essas motivações, no neo-realismo existente? Trata-se dum receio sintomático. Quanto à referência aos neo-realistas declarados, Manuel Alegre e Assis Pacheco, já António R. Santos se pronunciou neste mesmo suplemento, há uns meses (27-Nov.-69).

E. M. de Melo e Castro:

A POESIA NA DÉCADA DE 60

EM QUATRO ARTIGOS de Gastão Cruz (2), Eduardo Prado Coelho (1) e Nelson de Matos (1), publicados neste mesmo Suplemento em 28-1-71, e em 4-2-71, falou-se de «Poesia 61» (publicação colectiva) e das antecedentes, paralelas ou consequentes poesias dessa tomada de posição, simultâneamente criadora e crítica.

Também neste conjunto de artigos se fez referência á tentativa de renovação da poesia de tipo neo-realista que na década de 60 se verificou. Mas julgo que para completar objectivamente o panorama dessa década, é necessário referir (quer se concorde ou não com ela) a eclosão da atitude experimental que entre nós se verificou explicitamente a partir de 1962, e que possibilitou a inserção da poesia portuguesa num contexto internacional, a par do que nessa altura se passava no Brasil, Inglaterra, Alemanha, França, Itália, Suiça, Bélgica, Espanha, Estados Unidos, Japão, Argentina, México, Polónia, Checoslováquia, etc. Nestes países, a pesquisa experimental assume aspectos mais vincadamente morfológicos, sintáticos, ou semânticos, conforme os respectivos pendores, aptidões ou caracterizações locais, mas o substracto teórico deve reportar-se á Poesia Concreta, cuja teorização, feita pelo grupo Noigandres, de S. Paulo, e por Eugen Gomringer, e Max Bense, entre outros, assume o carácter de uma verdadeira comunicação supra-nacional. Isto mesmo pode ser verificado entre outras, nas seguintes obras em que a Poesia Portuguesa está presente: «Concrete Poetry A World View», by

Aragão, o poeta espanhol F. Millan e Melo e Castro (Madrid, 70)

Mary Ellen Solt — Indiana University Press, Bloomington, London-1968 e «Spatialisme et Poésie Concréte», par Pierre Garnier-Gallimard, Paris-1968.

Em Portugal, na década de 60, encontraram-se portanto frente a frente, pelo menos quatro posições claramente definidas, que é necessário clara e criticamente esclarecer: Poesia 61; evolução das posições típicas da década de 50; tentativa de renovação neo-realista; Poesia Experimental.

Quanto ás posições da década de 50, nunca é de mais relembrar:

a) Até 1955 — Távola Redonda, Surrealismo, 2.ª geração neo-realista, Árvore.

b) Depois de 1955 — múltiplas atitudes criativas individuais, ás quais Gastão Cruz no artigo de 28-1-71 se referiu detalhadamente, mas a cuja lista de nomes gostaria de acrescentar os de Hélder Macedo, Salette Tavares, Manuel de Castro, Ana Haterly, Liberto Cruz, António José Forte, para o panorama ser mais rigorosamente equitativo. (Nomes referidos por Gastão Cruz: Natália Correia, Pedro Tamen, Fernando Guimarães, Fernando Echevarria, António Gedeão, Maria Alberta Menéres, Ruy Belo, João Rui de Sousa, Herberto Hélder, E. M. de Melo e Castro, Jorge de Amorim). Todas estas poéticas podem ser consideradas, pelas suas características, como um ressurgimento do Barroco, há muito adormecido na Poesia Portuguesa. Neste neo-barroco, a poesia de Árvore e Surrealismo português tiveram influência decisiva, encontrando-se nele os gérmens da Poesia 61, tal como Gastão Cruz salientou, mas também da Poesia Experimental. A este respeito, julgo vir a propósito transcrever uma notícia sobre a Poesia Experimental portuguesa que escrevi para o Suplemento Literário do jornal brasileiro de Minas Gerais (publicada em 8 de Março de 1969), e posteriormente traduzida e publicada no Jornal espanhol Madrid (6-5-70).

«Os dois números da publicação colectiva POESIA EXPERIMENTAL foram publicados em Lisboa respectivamente em 1964 e 1966. Mas o trabalho começara muito antes com investigações isoladas sobre o fenómeno da linguagem, a estrutura da escrita e a criação poética. O que esses cadernos vieram claramente demonstrar é que escrever criadoramente é desenvolver as possibilidades do idioma que se usa levando-o até ao nível da investigação internacional, isto é, tornando-o mais penetrante mesmo para além das suas limitações geográficas. Além disso, escrever para dizer o que já se sabe, escrever sem enriquecimento semântico é puramente inútil. Hoje todas as funções não criadoras da escrita podem realizar-se mais eficaz e rápidamente por meios electrónicos (exemplo: documentação, processamento de dados, registo de informações, arquivo, etc...). Resta portanto o saldo maior ou seja a utilidade intrínseca de escrever, a mecânica estrutural de organizar e propor relações sintácticas entre objectos e sinais de modo a desencadear novos conteúdos de significação ou a estabelecer renovadas perspectivas de contacto entre os homens. Caso contrário,

Cont. na pág. 6

O HOMEM E A MULHER
por
MARGARET MEAD
Obra unânimemente reconhecida como o mais importante subsídio para o estudo do sexo na sociedade e o maior desafio ao conservantismo da nossa época
O 2.º volume da colecção
«O HOMEM E O TEMPO»
onde se encontra publicado o famoso «Relatório Kinsey»
Editora Meridiano

Cadernos Textuais anunciam
«BUSTROFÉDON»
Narrativa de José Nogueira Gil
Brevemente à venda nas livrarias

HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA
do Prof. SILVA NETO
Prefácio do Prof. CELSO CUNHA
2.ª EDIÇÃO
Nas Livrarias ou no Distribuidor
LIVRARIA QUADRANTE

& etc...

Está publicado o n.º 24 deste magazine cultural (mas não muito) do «Jornal do Fundão». Colaboram Pedro Oom, Carlos Martins, Vítor Simões, Carlos Ferreira, Nelson de Matos, Virgílio Martinho e Vítor Silva Tavares. O «Jornal do Fundão» (com o respectivo suplemento maroto) pode encontrar-se na Tabacaria Mónaco do Rossio e na Livraria Quadrante.

Prontuário das Letras

«Deste viver aqui neste papel descrito»

Estão finalmente publicadas as *Poesias completas* de Ângelo de Lima, que chegaram a ser anunciadas pelas extintas «Folhas de Poesia» mas tiveram de esperar pela paciência, pela meticulosidade exemplar de Fernando Guimarães.

Dispersas andavam em não pequena parte, e o próprio Guimarães admite que a presente edição (da Inova) não será definitiva. Convenhamos que são completas sob mínima reserva, pois o estudioso recorreu às melhores fontes conhecidas: prof. Carlos de Azevedo Coutinho Braga, D. Maria Olga Forjaz de Sampaio Teles Palhinha, Luís Duarte Lima, Herberto Hélder, António Salvado e Pedro da Silveira. Entretanto, manda a curiosidade humana que se espere por um acaso — a descoberta do volume organizado pelo malogrado Luís de Montalvor e que desapareceu com a sua «inesperada morte»

Companheiro singular das gentes do «Orpheu», Ângelo de Lima morreu em 1921, com 49 anos de idade, depois de longo internamento em hospícios (Conde de Ferreira, Rilhafoles). Dele disse Pessoa em 1935: «De Ângelo de Lima, como nada descobríssemos de inédito, decidimos publicar aquele extraordinário soneto — dos maiores da língua portuguesa — em que o poeta descreve a sua entrada na loucura, em que longos anos viveu e em que morreu. O soneto, se não é inédito, está contudo esquecido. Publicando-o, não deixamos de, saudosamente, fazer lembrar quem, não sendo nosso, todavia se tornou nosso.»

A edição da Inova inclui vária correspondência do poeta de «Rhada», além de um texto autobiográfico escrito a pedido do dr. Miguel Bombarda. É aí que o poeta diz, citando o seu internamento em Rilhafoles: «E agora aqui estou, resultado final, sob concorrente exótica — a determinação tão arbitrária desse acobertado com a autoridade legal — resultado final até aqui, deste viver aqui neste papel descrito».

Ou a nudez lançada sobre o (louco) papel.

«Poesia da noite»

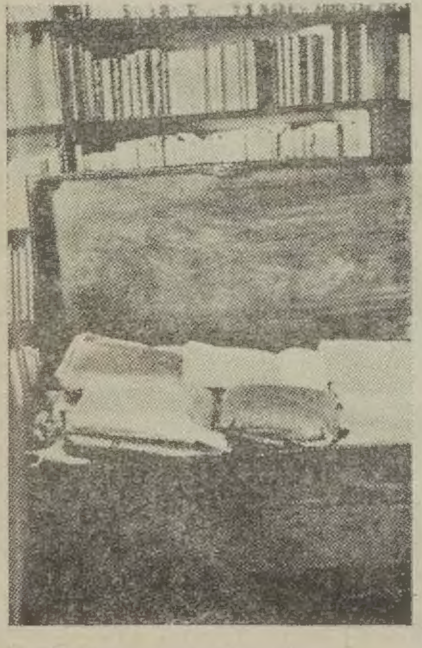
Chama-se *Poesia da Noite* uma breve antologia temática compilada por Urbano Tavares Rodrigues para a Neo-Farmacêutica (UBC — Divisão Farmacêutica, Bruxelas) e distribuída graciosamente — sobretudo a médicos, como se calcula — no total de 4500 exemplares.

Breve antologia esta, porém rica de informação literária e muito abonatória de um gosto (bom gosto, entenda-se) rigorosamente apoiado em leituras e reflexões críticas. Encomenda simples, Urbano fez dela um trabalho cuja complexidade devemos sublinhar. É pena que a Neo-Farmacêutica não faça uma distribuição larga, extra-médica, deste seu produto não medicamentoso.

Ângelo de Lima: ou a nudez lançada sobre o (louco) papel

Pessoa por catalogar

Cinco mil trabalhos de Fernando Pessoa estão ainda por catalogar e nem os especialistas os conhecem. Culpa de quem? Não o disse a dr.ª Maria de Lurdes Belchior, mas fàcilmente se apreende a sua ideia central ao falar há dias (5 do corrente, cf. «O Século» de 6-2-1971) no Museu de Arte Antiga. É claro que «de certo modo (...) conhece-se ainda mal a sua obra, pois só estão catalogados apenas — *sic* — 7400 trabalhos» O *sic* não tem nada a ver com a ilustre palestrante: o resto sim, e o Prontuário dá-lhe o pouco apoio que pode dar. Descubra-se Pessoa. Não se esconda Pessoa. Pessoa numa arca é Pessoa mentido.



A célebre arca de Pessoa: 5000 originais por catalogar

«Época literária»

O Manuel da Fonseca do novo diário «Época» não é o Manuel da Fonseca da *Seara de Vento:* um é juiz, outro é um escritor alheio a problemas de tractores (pelo menos no Norte). Mas José Valle de Figueiredo, Rui Romano, João Bigotte Chorão, João Conde Veiga são nomes da primeira página literária do novo diário «Época» («Época Literária»), com o que pode dizer-se que a equipa do extinto «Diário da Manhã» arranjou, afinal de contas, um espaço para habitar. Prontuário está atento e promete ler todas as semanas.

«Dobroto zarno i plevelat»

Sabe-se que foram 10 100 exemplares e a editora se chama Izdatelstvo na Otetschestvenia Front, nome afinal búlgaro. Quanto ao êxito de tradução, conhecemo-lo do catálogo normal da Europa-América: *O trigo e o joio*, de Fernando Namora. Depois de contratos para o Brasil e Venezuela, depois da 6.ª edição (22.º milhar!) de *O homem disfarçado*, Namora propõe os seus tipos camponeses à sensibilidade eslava.

O acontecimento merece referência.

A poesia na década de 60

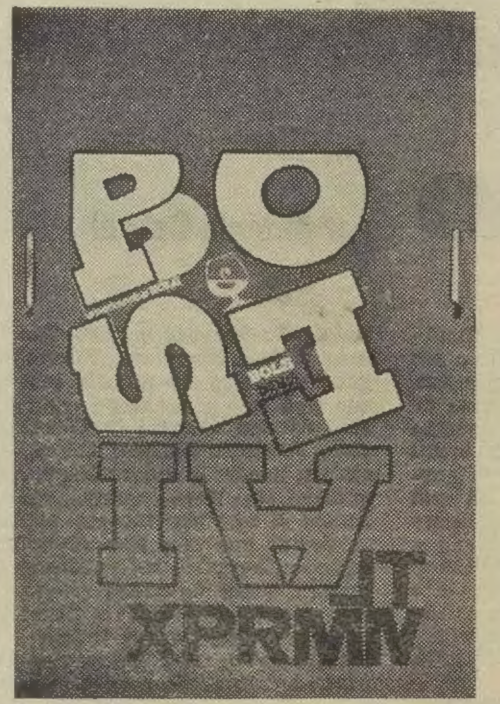
Cont. da pág. 5

entra-se na repetição depauperante ou nas variações exaustivas de informação nula que são as redundâncias e as retóricas que já a ninguém interessam. Continuar a cultivar literàriamente a literatura herdada é agir contra a inteligência e contra o homem que escreve e o homem que lê: todos nós afinal. Por outro lado, os meios de comunicação de que dispomos propõem ao artista criador uma nova perspectiva semiológica para as suas investigações e criações, pois o que antes ficava na Torre de Marfim do poeta «muito inspirado» hoje pode e deve ser imediatamente proposto, comunicado e usado pelas grandes massas populacionais adquirindo as obras e as descobertas significações e funções insuspeitadas pelo seu autor, membro afinal dessa mesma massa.

Uma exigência de investigação e experimentação com os meios de comunicação entre os homens (linguagem) não pode portanto limitar-se a métodos e motivos. Daí que a poesia como investigação total das possibilidades de comunicação adquira uma tonalidade investigadora e experimental invadindo campos que na metodologia estética tradicional lhe são alheios. A poesia experimental nos seus aspectos fonéticos confunde-se com a música, nos seus aspectos visuais e gráficos invade por vezes o domínio das artes plásticas demonstrando assim como são caducas as compartimentações da actividade artística.

As experiências visuais com a escrita (poesia concreta) definiram uma sintaxe espacial, de justaposição e combinatória, propondo portanto bases geométricas, espaciais e matemáticas, enquanto que a poesia fonética utilizando métodos combinatórios vai á procura da renovação expressiva do alfabeto dos sons puros.

Em Portugal apenas os aspectos visuais, sintáticos e semânticos foram postos em causa de uma forma sistemática, tendo a poesia fonética até agora ficado para trás. Para traçarmos um breve esquema do desenvolvimento da poesia experimental portuguesa devemos reportar-nos ao clima intensamente criador e activo do pós-guerra em Lisboa por volta de 1950. Três posições básicas se definiram nessa época: a lírica tradicional á procura de renovação (grupo da Távola Redonda. Nomes que ficaram: António Manuel Couto Viana e David Mourão Ferreira); os surrealistas (António Maria Lisboa e Mário Cesariny de Vasconcelos) e a revista ÁRVORE (António Ramos Rosa, Raul de Carvalho e Egito Gonçalves). Esta última revista propõe uma forma de realismo evoluído (*) e principalmente através da obra de António Ramos Rosa a poesia portuguesa encontra em termos de modernidade um caminho de interiorização da experiência do real, diferente em tonalidade e alcance da presença tutelar de Fernando Pessoa.



Capa de «Poesia Experimental 2»

Todo este movimento foi estudado em detalhe na Antologia da Novíssima Poesia Portuguesa por mim organizada em colaboração com Maria Alberta Menéres, cuja segunda edição data de 1961. (Nessa Antologia que tem mais de 500 páginas, constam obras de 72 poetas).

Entre a extraordinária efervescência poética desse período e o momento actual assistimos ao aparecimento de obras independentes significativas e típicas do despertar para a consciência do experimental poético, através de vários caminhos: Maria Alberta Menéres, redução fenomenológica; João Rui de Sousa, interiorização da consciência do social; Natália Correia, investigação sobre o poder mágico da palavra escrita e falada. Em 1961 surge um grupo de jovens que colectivamente levantam problemas linguísticos na arte de escrever poesia através da publicação «Poesia 61». Em 1962 eu próprio publico a primeira manifestação de poesia concreta em Portugal, ou seja, o meu livro IDEOGRAMAS

O grupo que publicou POESIA EXPERIMENTAL I e II não era constituído por jovens estreantes á procura de afirmação pessoal, antes por poetas já com obra de pendor investigador publicada e reconhecida nos meios culturais portugueses (ou melhor, todos já tinham sido alvo dos insultos da crítica estereotipada e caduca desses mesmos meios. Assim, em POESIA EXPERIMENTAL I colaboraram António Ramos Rosa, Herberto Hélder, António Aragão, António Barahona da Fonseca (o mais novo e vindo do surrealismo). Salette Tavares e E. M de Melo e Castro. Nesse Caderno predominam as experiências sintáticas e semanticas, enquanto no II Caderno com vasta colaboração de poetas novos portugueses e autores da vanguarda internacional, predominam as experiências visuais e gráficas

Em 1967 a primeira equipa de POESIA EXPERIMENTAL encontra-se desfeita e cada poeta trabalha isoladamente na sua pesquisa pessoal de renovação do acto poético. No entanto, surge o movimento OPERAÇÃO em que pela primeira vez em Portugal se considera o acto criador numa rigorosa perspectiva semiológica e estruturalista. O método estrutural de análises e sínteses consecutivas das unidades morfológicas e simbólicas da escrita é desenvolvido em obras de carácter visual no Album OPERAÇÃO I (Ana Hatherly, António Aragão, José Alberto Marques, Pedro Xisto e E. M. de Melo e Castro). Em OPERAÇÃO II Ana Hatherly faz uma investigação sistemática sobre as estruturas poéticas do acto da escrita.

Os lançamentos da POESIA EXPERIMENTAL I e II e da OPERAÇÃO foram acompanhados de exposições, «happenings» e de uma «conferência-objecto» nas Galerias Divulgação, 111 e Quadrante, em Lisboa.»

Antes de terminar esta nota, gostaria de deixar formulada a seguinte pergunta: — será finalmente a década de 70 o tempo do desenvolvimento em Portugal de uma crítica informada, válida, objectiva e desapaixonada mas apaixonante?

E. M. DE MELO E CASTRO

(*) Árvore deu também abrigo ao que de melhor havia na 2.ª geração neo-realista.

Bibliografia Experimental Portuguesa

Publicações colectivas —

— POESIA EXPERIMENTAL 1 — Lisboa, 1964 (Herberto Helder, António Aragão, Salette Tavares, António Barahona da Fonseca, E. M. de Melo e Castro, António Ramos Rosa).

— POESIA EXPERIMENTAL — Suplemento especial do «Jornal do Fundão» — 24-1-1965 — Organizado por António Aragão e E. M. de Melo e Castro.

— POESIA EXPERIMENTAL 2 — Lisboa, 1966 (Jorge Peixinho, Álvaro Neto, Ana Hatherly, António Aragão, António Barahona da Fonseca, Edgar Braga, Emílio Villa, E. M. de Melo e Castro, Haroldo de Campos, Herberto Helder, Henri Chopin, Ian Hamilton Finlay, José Alberto Marques, Luiza Neto Jorge, Mike Weaver, Mário Diácono, Pedro Xisto, Pierre Garnier, Salette Tavares).

— HIDRA 1 — Porto, 1966 (António Aragão, Gastão Cruz, Manuel Baptista, Maria Alberta Menéres, Helder Macedo, João Rui de Sousa, Eurico Gonçalves, Egito Gonçalves, Maria Teresa Horta, René Bértholo, David Mourão-Ferreira, Luiza Neto Jorge, Rui Mário Gonçalves, Salette Tavares, António Ramos Rosa, António Areal, Herberto Helder, Fiama Hasse Pais Brandão, Liberto Cruz, E. M. de Melo e Castro, João Vieira).

— OPERAÇÃO 1 — Lisboa, 1967 (António Aragão, Ana Hatherly, José Alberto Marques, E. M. de Melo e Castro, Pedro Xisto).

— HIDRA 2 — Lisboa, 1970 (Nei Leandro de Castro, José Alberto Marques, António Aragão, Liberto Cruz, Silvestre Pestana, E. M. de Melo e Castro).

MARCA 70

TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

DIARIAMENTE — e para todos os destinos — a sua carga é transportada pela TAP, com rapidez e todo o cuidado. Antecipe-se à concorrência colocando as suas mercadorias em qualquer mercado no próprio dia de embarque. Utilize as novas tarifas reduzidas e o modo de transportar TAP.

através do mundo
em boa companhia

Consulte o seu Agente de Carga

Tristão e Isolda

Richard Wagner

Cont. da pág. 3

mo é dizer dos seus (deles, os outros) deveres, visto que cada lugar tem os seus deveres & responsabilidades.

E a imobilização da acção é a resultante da colocação das pessoas nos seus lugares, mas com as funções alteradas, logo viciadas, sujeita a um processo em que a acção exterior (ao espaço extracénico) ou os personagens escondidos vêm progressivamente ocupando o drama e isolando os condutores até ao malogrado desfecho inevitável. Vejamos como se dá, assim, o curto-circuito sem faísca (mercê dos «extintores», da ordem) entre Tristão e Isolda que vamos passar a chamar de Madalena, por simples questão de comodidade.

Logo antes de Tristão — funcionário superior do rei Mark — partir de viagem, a fim de trazer a princesa Madalena destinada a desposar o patrão, Wagner, no célebre Prelúdio (que é ao mesmo tempo prelúdio da

ópera e do dodecafonismo) dissolve o *sentido* da tonalidade através duma harmonia extremamente cromática e ambígua, e assim, *indeterminando* um percurso no espaço sonoro que está inerente a uma certa tonalidade faz com que Tristão fique desorientado sem saber *ao certo* para onde ir. Isto é simultâneamente e ao nível da linguagem atmosférica a morte e queda do patrão (Mark?) dado o indeterminismo da linguagem e a imunização das hierarquias.

Como não sabe para onde ir, fica onde está (no parque do castelo do rei Mark) dedicando-se á prática do amor em propriedade alheia. Não se punha o problema do matrimónio. É curioso reparar na desigualdade de funções recíprocas: enquanto Tristão é uma pessoa assalariada a uma missão, Isolda-Madalena é um ser totalmente *destinado*, que só por *acaso* inexplicável poderia desviar o seu itinerário e assim alcançar a sua original individualidade.

Posta esta diferença de movimentos ficava apenas como hipótese o círculo vicioso, isto é, as ocasiões mútuas em circuito fechado, ás quintas-feiras, com os horizontes encaixotados restando apenas fazer as coisas mais devagar com o silêncio explosivo a destruir progressivamente os limites.

Novamente o acaso: primeiro electrificando o amor que poderia muito bem ter-se dado á saída do Metro ocasionando o inexplicável que permite tornar transparentes as barreiras do explicável, ordenado, instituído para que assim se cumpra a receita surrealista: que o amor seja a nossa vingança. Entretanto Madalena, tomada de infância brincava com os poderes mágicos e deitava fora o relógio.

O inexplicável tem também um papel fundamental no processo evolutivo da narrativa. Desde a explosão do amor através do filtro amoroso preparado pela mãe da princesa até á morte fortuita de Tristão. Inexplicável também dentro duma perspectiva de causalidade é a morte de Isolda motivada pela paralisia das circunstâncias: Isolda, em êxtase contempla o cadáver de Tristão até que, no *extremo* da dor, a vida lhe *foge*. A morte, consistindo na evacuação irrecuperável e sem sair do mesmo sítio, de Isolda, é a consumação extrema da sua paixão impossível

E agora me calo, já que do amor o melhor é cada um fazê-lo em casa, ou de preferência na casa dos outros.

JOSÉ ALBERTO GIL

Pretexto: «A cozinha»

Cont. da pág. 3

dos autores que escolho. Eu sou sòmente a intermediária entre os autores, os artistas e o público. Os golpes da chamada «imaginação» não passam, na maior parte dos casos, de uma profunda ignorância em relação aos textos.

J. M. S. — *Porque não pratica, ao contrário dos seus colegas empresários, outra política publicitária em relação aos seus espectáculos, já que a normal qualidade destes o justificaria plenamente?*

L. M. M. — A nossa publicidade é deficiente pela simples razão de que a Companhia Teatro Estúdio de Lisboa não dispõe de meios para proceder a campanhas publicitárias satisfatórias. Por isso, temos de recorrer à possibilidade de que a «normal qualidade» dos nossos espectáculos se imponha ao público e que este divulgue o interesse dos mesmos. Processo deficiente e moroso? Inteiramente de acordo! A vida moderna, com a extraordinária dispersão que provoca nas pessoas, exige o despertar constante dos apáticos, facto agravado, no nosso País, pelo divórcio que, ao longo de muitos anos e devido a vários factores, se verificou entre o público e o teatro. Como, na Inglaterra, trabalhei de perto num campo dependente da publicidade e

relações públicas, estou perfeitamente consciente deste problema, mas sem disponibilidades financeiras que me permitam solucioná-lo, tenho de, plàcidamente, registá-lo, apenas, e contar com a melhor propaganda de todas, ainda que seja a mais morosa: a boa opinião e entusiasmo dos que, em número sempre crescente, têm aderido aos espectáculos da Companhia Teatro Estúdio de Lisboa.

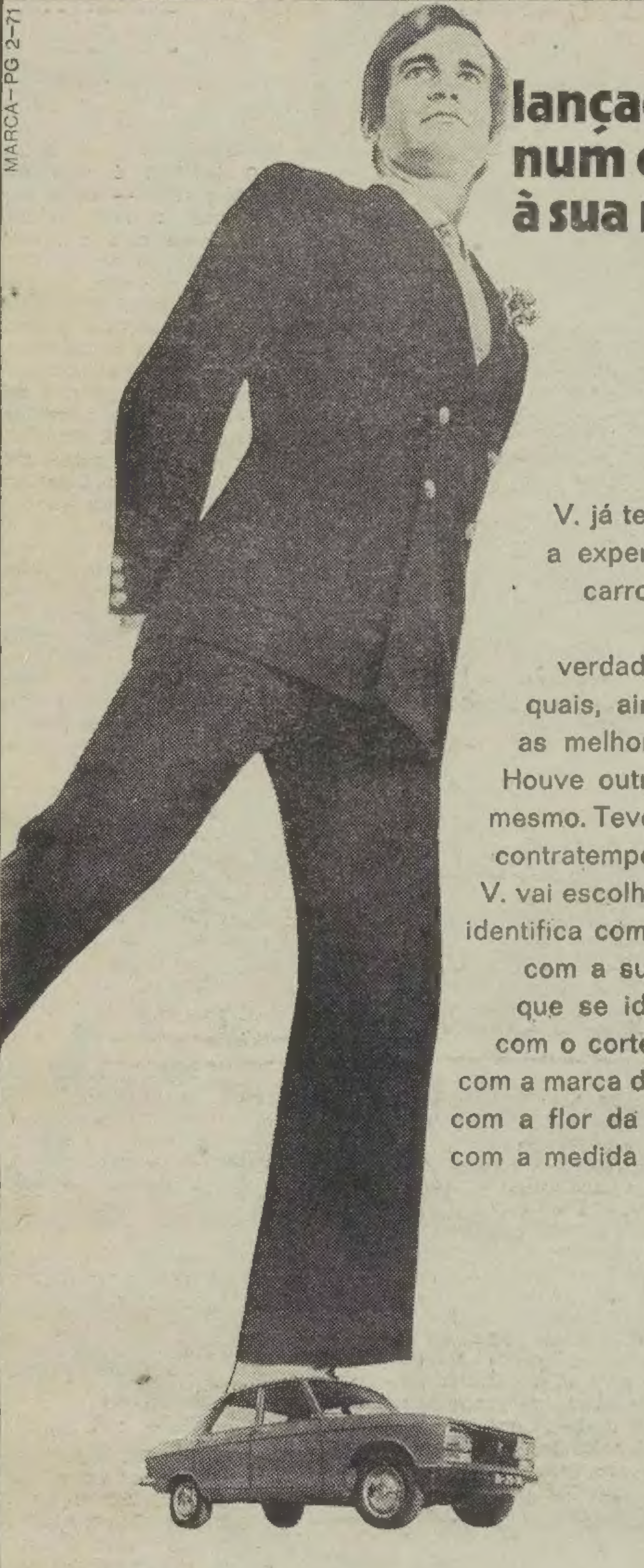
A vanguarda e o riso

Cont. da pág. 8

Obras de Arte Britânica Contemporânea» é sem dúvida uma das mais relevantes levada a efeito entre nós nos últimos anos e é preciso que ela cumpra a função cultural que ainda pode desempenhar. Justamente por isso, podemos entretanto acrescentar que essa extensa exposição tem a vantagem de nos revelar qual a verdadeira distância a que nos encontramos da vanguarda artística, mesmo levando em conta (por subtracção prudente) as datas assinaladas. E será tão longa a distância, a verdadeira e aquela que apregoam os almanaques da frustração e da inferioridade? Está bem de ver que os nossos artistas formam uma espécie de tropa de segundo escalão, atiram por tabela e percorrem as vias da laceração alheia. Mas não tanto nem tão longe como se diz, e isso é que nos deixa estupefactos. Assumem a sua própria laceração, esses artistas, mas com a desvantagem de a julgarem á margem da história, desconhecendo como estão próximo, por vezes, da frente mítica da batalha.

ROCHA DE SOUSA

MARCA-PG 2-71

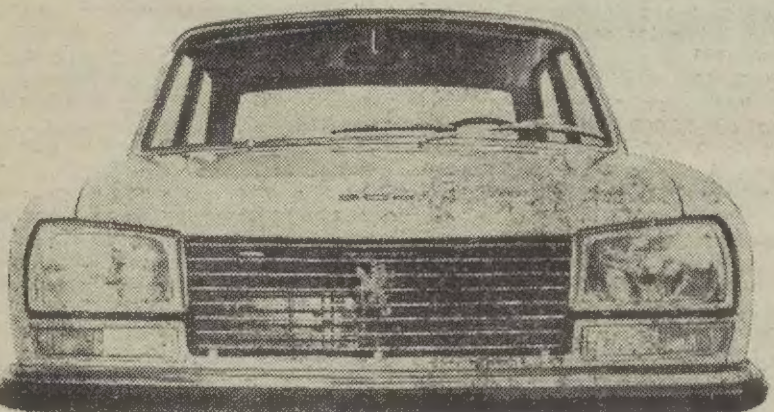


V. já teve, naturalmente, a experiência de vários carros. Houve alguns de que gostou verdadeiramente e dos quais, ainda hoje, guarda as melhores recordações. Houve outros que detestou mesmo. Teve com eles alguns contratempos. Por isso hoje V. vai escolher o carro que se identifica com os seus gostos, com a sua personalidade, que se identifica consigo: com o corte dos seus fatos, com a marca dos seus cigarros, com a flor da sua preferência, com a medida exacta dos seus sapatos.

Você vai comprar o carro à sua medida

304 PEUGEOT

elegante - espaçoso - confortável - de assentos reclináveis - luxuoso - de climatização controlável - nervoso - de altas performances - rápido - árvore de cames à cabeça - de suspensão independente às 4 rodas - de notável maleabilidade - travões de disco à frente - seguro.



ATRÁS a mesma medida de elegância que à FRENTE

Em exposição na: MOCAR, LDA. — Stand: Av. Ant. Augusto de Aguiar, 19-A - Tel. 539131

Artes Visuais

CARICATURA POLÍTICA INGLESA ALUSIVA A PORTUGAL

INSTITUTO BRITÂNICO

O HUMOR é uma coisa muito séria — desta vez à inglesa e num saboroso confronto com a moderna erudição da vanguarda artística proposta por «100 Obras de Arte Britânica Contemporânea». O humor também tem a sua geografia. E uma temporalidade marcada a fogo que paradoxalmente lhe consolida a permanência. É uma forma de sabedoria, pela subtileza e pelo riso. Uma forma de conhecimento, afinal, alcançado ou expresso pela caligrafia mordaz, de consumo democrático. A caricatura, no seu recorte popular e na sua tentação do grotesco, é admiràvelmente materialista, irremediàv e l mente quotidiana. Alimenta-se do real, com luxúria indisfarçável. Desmitifica a própria história, na circunstancialidade sociopolítica, e comenta espontâneamen t e os factos. É menos aristocrática e mais saudável do que qualquer outra arte, nem sofre das mesmas angústi..s; e mesmo assim revela o homem, mistura-se com as pessoas, entra na intimidade (simultâneamente) da corrupção, das alegrias, dos protestos e dos inconformismos.

Esta é uma arte também nossa, sobretudo n o s s a, apesar de desbotada pelo tempo e pela maquinaria dos temores. Bordalo Pinheiro não passa de um fantasma. E outros grandes humoristas portugueses vivem como fantasmas nas páginas secas dos nossos jornais de hoje, cheios de suplementos de má catadura e muitas páginas desportivas. O futebol é o humor (amargo) da nossa actualidade. Entre nós a caricatura tornou-se b u r guesa, veste maxi-saia e frequenta o «snack-bar». A burocracia e a moda mataram-na contra o muro de um progresso suspeito.

Eis porque se publica esta notícia ilustrada (em estilo de banda desenhada) sobre a inédita exposição de «Caricatura Política Inglesa alusiva a Po:tugal, 1801-1833», há pouco apresentada no Instituto Britânico.

A alta e poderosa Rainha recebendo uma mensagem dos mais leais súbditos do mundo
Dezembro 1828

D. Maria da Glória, em Londres, oferece uma recepção aos seus compatriotas emigrados, que se apresentam com aspecto e vestuário pouco recomendáveis. A jovem rainha, que tinha nesta altura quase 9 anos, está figurada bem mais infantil, sentada numa cadeira de criança. Deixou cair a mensagem trazida pelos seus súbditos e presta mais atenção ao espectáculo de «robertos» que se desenrola por detrás dos compatriotas, gritando: «Outra vez outra vez, outra vez».

Dom Miguel avista pela primeira vez a esquad a inglesa
1 Junho 1831

Uma cena que precede a batalha do Cabo de S. Vicente. Numa varanda sobre o mar, D. Miguel caiu com um ataque de fúria, à vista da esquadra inglesa. Carlota Joaquina, de joelhos, com coroa e rosário, procura reanimá-lo. Um frade conforta-o: «Coragem, meu filho, lembra-te que, quanto mais depressa eles te obrigarem a fazer promessas, mais eu posso absolver-te delas».

Voluntários para Miguel. Uma cena de desapontamento
1 Agosto 1833

Troça aos simpatizantes de D. Miguel. Um grupo de personalidades, com Wellington à frente, vai entrar num escaler «O Déspota». Por detrás, uma bandeira tendo como emblema uma laçada de corda. No escaler, dois caixotes com «dinheiro para Miguel», e um oficial mascarado empunhando um remo. Ao fundo um navio do «Reino Unido». John Bull diz-lhes que já não encontrarão a esquadra de D. Miguel, pois não existe esquadra alguma e insulta-os: «que refinadíssimos burros, vocês aparecem agora ...».

Suspensão temporária exemplificada. Vide carta do visconde de Itabayana datada de 8 de Maio de 1828 respeitante aos dividendos portugueses
24 Outubro 1928

Quando D. Miguel usurpou a coroa, o visconde de Itabayana, inibido de cumprir com as obrigações do empréstimo de 14 000 libras contraído em Londres pelo governo de D. João VI, mandou suspender o pagamento dos juros. À direita, John Bull, carregado de «empréstimos estrangeiros», queixa-se: «Não esqueçam a convenção de 29 de Agosto de 1825», e apresenta a conta: «Títulos Portugueses». D. Pedro, com Maria da Glória pela mão, parece não aprovar a medida: «É assim que tratam o meu crédito? Vão suspender os meus dividendos e deixá-los perder em tolices». Uma caixa, fixa na parede, destina-se a «subscrições recebidas para Terceira». Ao centro, um negro chicoteia Itabayana, susepnso de um candeeiro, o qual não obstante a pobreza do erário, vai deixando cair moedas de ouro de duas cornucópias que segura nas mãos. É fácil ver-se para onde corria o dinheiro: Um militar com três rolos na algibeira: «Depósito de Plymouth», Navio «Belfast» e «Times». À esquerda, em segundo plano, três personagens: Um empunha um bastão em ouro com as insígnias reais, e declara: «Não será fundido, servirá para ornamento da minha chaminé»; outro, corpulento, com um grande queijo de «provisões para Terceira» e outro ainda exibe um papel «Constituição ou Morte», o slogan liberal.

A VANGUARDA E O RISO

por
Rocha de Sousa

CEM OBRAS DE ARTE BRITÂNICA CONTEMPORÂNEA

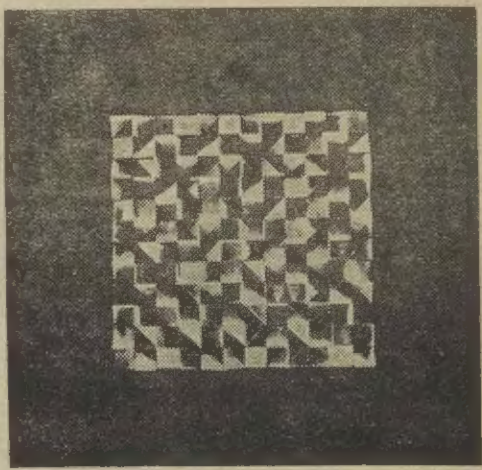
Galeria de Exposições Temporárias da Fundação Gulbenkian

Com que critério nos pode interessar ver a exposição «100 Obras de Arte Britânica Contemporânea»? Segundo uma perspectiva cultural europeia, como parece inevitável, integrada nos anos 60? Ou, mais precisamente, de acordo com uma análise historicista, autor por autor, tendência por tendência? Bastará isso para isolar o seu verdadeiro significado perante o nosso próprio momento histórico? São essas as ilacções necessárias e suficientes a retirar de tão i m p o r t a n t e acontecimento numa altura em que o chamado grande público parece solicitado pelo conteúdo de tais iniciativas?

Um vasto conjunto de obras de arte seleccionadas para a Fundação Calouste Gulbenkian pela Comissão de Artes Plásticas do British Council envolvendo nomes de primeiro plano da pintura inglesa contemporânea,, alcança entre nós, de certeza, uma ressonância particular. Não se trata apenas da sua referência histórica e cultural, que rompe os limites da nossa informação c o m u m , mas antes de um poderoso veículo de estímulo e confronto, um conjunto de propostas chegadas directamente do exterior, zona do mito, analgésico da frustração, Meca de modernidades e modas. De 1960 a 1965, uma produção em foco. Um pouco de tudo aquilo de que nos falam as revistas especializadas, as ansiedades vividas em curtas viagens ao estrangeiro, o próprio sonho de uma aventura criadora mais ou menos caseira, á portuguesa. Exposição de artes plásticas, coordenada por um mecenato que recorre ao conselho de pessoas como o falecido Herbert Read, distribuindo-se por uma escolha d e l iberadamente eclética. Cem obras que não foram adquiridas para serem expostas como um todo (a advertência é de John Hulton) mas que se podem ver como tal, «porquanto constituem, em linhas gerais, um esquema da evolução da Arte Britânica ao longo dos anos em que se efectuaram as aquisições, período que corresponde a uma fase crucial da transição dos a s p e c t o s mais «painterly» do expressionismo abstracto para uma arte com qualidades analíticas rigorosas reveladas na «op-art, na p i n t u r a «hard edge» ou na abstracção «post-painterly». Acontecimento (portanto) de indiscutível interesse cultural para o meio português, onde os artistas procuram explorar as recentes oportunidades «técnicas» para fazer crer aos seus concidadãos que também têm uma consciência moderna e lhes cabe o direito de subsistir com melhor desafogo.

Percorrendo a exposição apresentada na Galeria de Exposições Temporárias da Fundação Gulbenkian, mergulhando na própria ênfase internacional de tão expressiva quantidade de peças, somos de certo modo levados a crer que os nossos artistas, na sua modesta escala de valores, não deixam de ter alguma razão. E esse é um dos pontos que tivemos a tentação de insinuar nas perguntas iniciais. Da produção inglesa dos anos 60, com autores como Richard Smith, Bridget Riley, Peter Blake, Alan Davie, etc., desprende-se necessàriamente o tom desinibido das acções, a escala forte e segura, a profusão dos meios, a coragem das rupturas intransigentes. Mas isso não impede que, perante muitas obras que a própria crítica internacional aceitou e catalogou, nos assalte um sentimento de frustração e uma vontade quase maliciosa de recusar o espectáculo. Porque se trata, antes de tudo, de espectáculo — c o n d i ç ã o fundamental de toda a obra de arte, ponto de tensão daquilo que se comunica, facto que imprime no espectador a impressão de participar na mesma prática do artista. Mas aqui, na exposição referida, o espectáculo (e a sua forma) parecem em muitos casos súbita e precocemente envelhecidos. O tempo é mais rápido nos nossos dias e a vida mais breve no sonho das coisas. Mas isso não explica tudo, isto é: não explica esta inquietante ausência de e s t u p e facção quando percorremos o Mundo das cem obras de Arte Britânica contemporânea. Curiosamente, no t e m p o breve do nosso olhar e da nossa aprendizagem, essas obras parecem-nos familiares, rostos conhecidos que envelhecem a nosso lado e dos quais nos cansamos demasiado depressa. Porquê?

Pintura de David Hockney



«Nine groups», de Mary Martin

Não seria desinteressante procurar demoradamente as razões deste fenómeno, os motivos desta subjectividade incómoda, mas talvez não seja este o local próprio nem a oportunidade correcta. A exposição «100

Cont. na pág. 7.